

Helena Rotta de Camargo

Trilogia da Vida e do Afeto

Volume 1



Edição
Fac-similar

Matizes do Entardecer

Crônicas do cotidiano



méritos
editora

Matizes do Entardecer

Crônicas do cotidiano

Helena Rotta de Camargo

Trilogia da Vida e do Afeto
Volume 1

Matizes do Entardecer

Crônicas do cotidiano



Edição
Fac-similar

méritos
editora

2011 – 1ª versão em papel
2021 – versão fac-similar em e-book

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260
Fone: (54) 3313-7317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Jenifer B. Hahn
Auxiliar de provas

Leo Dellazzari
Revisão final

Obs.: A pontuação, para efeitos de preservação de estilo de escrita, foi mantida conforme os originais da autora.

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor ou da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Camargo, Helena Rotta de
C172m Matizes do Entardecer : Crônicas do cotidiano / Helena Rotta de
Camargo. – Passo Fundo : Méritos, 2011. –
168 p. – (Trilogia da vida e do afeto, 1)

ISBN 978-85-89769-86-0

1. Literatura brasileira - crônica I. Camargo, Helena Rotta II.
Título. III. Série

CDU 869.0(81)-94

Ficha catalográfica elaborada por Rafael Antunes dos Santos CRB10/1898

Impresso no Brasil

*À ilustre professora, dama da Literatura e
símbolo dessa arte, Dra. Tânia Rösing,
a minha homenagem carinhosa.*

Prefácio:
Matizes do Entardecer
(ou Sob a Máscara de Chronos)

Em 1842, o poeta francês Aloysius Bertand publicou o livro *Gaspard de La Nuit*. Charles Baudelaire, após reler muitas vezes a obra de seu compatriota, deu letra de forma, em 1869, aos seus *Petits Poèmes em Prose*, que exerceram larga influência entre nós, brasileiros, máxime após *Missal* (1893), *Evocações* (1898), de Cruz e Souza, e *Canções sem Metro* (1900), de Raul Pompeia.

Gaspard de La Nuit, em sua ampla recepção, colocou em cheque os gêneros e as formas literárias. Se “o gênero literário é uma instituição, como a Igreja, a Universidade e o Estado”, como escreveram René Wellek e Augustin Warren, em sua clássica *Teoria Literária* (Editorial Gredos, Madrid, quarta edição, 1966, p. 271), Aloysius Bertrand está para a literatura como Copérnico está para a ciência ou Lutero para a religião.

Os verdadeiros estetas, muito raramente, possuem consciência do alcance real de suas obras. Essa é uma verdade superior e independente de qualquer juízo de valor, a que o crítico esteja obrigado, por imperativo ético.

Escritora experiente e experimentada, professora e especialista em Língua Portuguesa, Helena Rotta de Camargo adquiriu tal domínio da arte literária e do próprio idioma, que aparenta escrever com extrema naturalidade. Nada mais enganoso. Onde o apressado visitador de livros vê apenas xibiu, o leitor privilegiado, enrijecido às longas intempéries da leitura, encontrará um vasto manancial de pedras raras e preciosas. Ao não abusar das

figuras literárias e retóricas, entre as quais destaco a personificação, Helena nos oferece uma prosa discreta, espontânea.

Da mesma forma, como a técnica literária da escritora em pauta nos engana, com sua “naturalidade”, com sua “espontaneidade”, o gênero e a forma, como aprendemos com os professores de Teoria Literária, acabam sendo revolucionados na “inconsciência” da criadora literária, que é a autora de *Matizes do Entardecer – Crônicas do cotidiano* –, cujo subtítulo me parece dispensável.

Soren Kierkegaard, de tanta influência sobre os filósofos que pensaram a Arte nos últimos cento e vinte anos, via nela três estágios diferentes: o estético, o ético e o religioso. Régis Jolivet, mestre de algumas gerações ao redor do globo, dissecou, filosoficamente, esses três círculos kierkegaardianos, em *Introducción a Kierkegaard* (Editorial Gredos, Madrid, 1950).

Já em nossa autora aqui apresentada, o ético e o religioso estão submetidos ao estético. Daí Eros (o amor) aparecer sob a máscara de Chrónos (o tempo), como no teatro grego. Na presente obra, movimentam-se, ao fundo, as figuras de Mnemósina (a memória) e Tánatos (a morte) ou o entardecer, que compõe o título do livro. É nisso que consiste a essência do poema em prosa, que revolucionou a teoria dos gêneros e das formas, e tão bem se manifesta nos escritos da cronista e poeta, Helena Rotta de Camargo.

Paulo Monteiro,

historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Verão de 2010

Sumário

*Prefácio: Matizes do Entardecer -
ou Sob a Máscara de Chrónos (Paulo Monteiro) 09*

<i>1. Saudar a vida</i>	<i>15</i>
<i>2. Uma bola, uma paixão</i>	<i>16</i>
<i>3. Ícone desfeito</i>	<i>18</i>
<i>4. Vida reciclada</i>	<i>19</i>
<i>5. Crônica do amor</i>	<i>21</i>
<i>6. De mulher para mulher</i>	<i>22</i>
<i>7. A caneta e o microfone</i>	<i>23</i>
<i>8. A grande virada</i>	<i>25</i>
<i>9. Amor em dose dupla</i>	<i>26</i>
<i>10. A ilha da paz</i>	<i>27</i>
<i>11. A lírica do sono</i>	<i>29</i>
<i>12. Sonâmbulos e apaixonados</i>	<i>30</i>
<i>13. O espelho</i>	<i>32</i>
<i>14. Um olhar sobre a cidade</i>	<i>33</i>
<i>15. Noite caudalosa</i>	<i>35</i>
<i>16. Bela e incompreendida</i>	<i>36</i>
<i>17. Meu Grupo Escolar</i>	<i>38</i>
<i>18. Os sonhos</i>	<i>41</i>
<i>19. Ouro em pó</i>	<i>42</i>
<i>20. Atração pelos extremos</i>	<i>43</i>

21. <i>A velha do rádio</i>	45
22. <i>Aviso de chegada</i>	46
23. <i>O casarão</i>	48
24. <i>Maré vazante</i>	49
25. <i>O rei malévolo</i>	50
26. <i>Gravidez tardia</i>	51
27. <i>Tempo de viver</i>	52
28. <i>Pai e filho</i>	54
29. <i>Encontro marcado</i>	55
30. <i>Ele, o caráter</i>	58
31. <i>Tragédia urbana</i>	60
32. <i>Obreira da linguagem</i>	61
33. <i>Ídolos</i>	62
34. <i>A nau dos desvalidos</i>	64
35. <i>Amigo Sol, madrinha Lua</i>	65
36. <i>Irmã de fé</i>	66
37. <i>Equívoco secular</i>	68
38. <i>Luz e treva</i>	69
39. <i>Um dia inesquecível</i>	70
40. <i>Festa de cores e sabores</i>	72
41. <i>A cisma do preconceito</i>	74
42. <i>O filho do demo</i>	76
43. <i>Pecados capitais</i>	77
44. <i>Pátria amada</i>	78
45. <i>O sétimo céu</i>	80
46. <i>O mal por excelência</i>	81
47. <i>O talismã</i>	82
48. <i>Só a liberdade salva</i>	83
49. <i>Estive no olho do furacão</i>	84
50. <i>O privilégio do trabalho</i>	86
51. <i>Espólio</i>	87
52. <i>Caminhos paralelos</i>	89

53. <i>Meu caso com um Fusca</i>	90
54. <i>Elos e flagelos</i>	92
55. <i>Enquanto as cigarras dormem</i>	93
56. <i>Gestações</i>	95
57. <i>Cúmplices do destino</i>	96
58. <i>Brotos da vida e da morte</i>	97
59. <i>Onde estava Deus?</i>	99
60. <i>Identidade cultural</i>	100
61. <i>Viver mais e melhor</i>	102
62. <i>Palavras</i>	104
63. <i>Razão e sentimento</i>	105
64. <i>Dimensão humana</i>	106
65. <i>Olhares noturnos</i>	108
66. <i>Um mal necessário</i>	109
67. <i>Conceitos e verdades</i>	110
68. <i>Fala, coração!</i>	111
69. <i>Pare, pense, decida!</i>	113
70. <i>A arte de escrever</i>	115
71. <i>O exemplo vem do céu</i>	117
72. <i>Revoadas e descobertas</i>	118
73. <i>Casemiro, onde andará?</i>	120
74. <i>Parceiros e cúmplices</i>	121
75. <i>A arte em trânsito</i>	124
76. <i>Escola da vida</i>	125
77. <i>Roda d'água</i>	126
78. <i>Malquerença e benquerença</i>	127
79. <i>Conflito de gerações</i>	129
80. <i>Supremo dom</i>	130
81. <i>Voz do povo, voz de Deus</i>	132
82. <i>Testemunha da história</i>	133
83. <i>Em defesa de um mito</i>	135
84. <i>Ver para crer</i>	137

85. Cápsula do tempo	138
86. <i>Vá de retro, carcará!</i>	139
87. Planejamento familiar.....	140
88. Crenças e crendices.....	142
89. <i>Vida a dois</i>	144
90. <i>Uma reflexão filosófica</i>	145
91. <i>O saudosismo vai bem, obrigada!</i>	146
92. <i>Proezas da cumplicidade</i>	148
93. <i>O fazer poético</i>	149
94. <i>Foscas e brilhantes</i>	152
95. <i>Perfil feminino</i>	153
96. <i>Educar – obra de amor</i>	155
97. <i>O mistério da concepção</i>	157
98. <i>Noite nua e crua</i>	158
99. <i>Crônica Natalina</i>	159
<i>Posfácio (Eládio Weschenfelder)</i>	163

Saudar a vida

Hoje acordei num estado amorfo. De flutuação, quase beatitude. O pensamento sem rumo, se espreguiçando como uma enguia.

Era cedo para saltar. Propus-me então a divagar pelas páginas daquele volume sempre a postos, no criado-mudo. E ele é isso mesmo, coitado! Ouve meus desabafos e não diz nada. Fica na dele, só assistindo...

Na parede, um teatro de sombras. A luz de cabeceira tem desses caprichos. Refletir o desarranjo dos cabelos. Projetar o bocejo, o hálito, o suor da noite. Tudo o que nos enfeia na liquidez do sono.

Um relâmpago percorre minha mente, assim que abro o livro. (A leitura matinal é, sem dúvida, o mais substancioso desjejum...) Ela me induz a rever a viagem. Minha esticada viagem através do tempo. Graças a Deus, que ainda não me chamou aos píncaros da glória, como dizia o padre nos sermões de antigamente. E eu lá sei onde se erguem os tais píncaros? Prefiro a garantia do pó nos sapatos, que dar de cara com o asseio de uma sala vip, que nunca ninguém visitou nem descreveu preto-no-branco...

Pois bem. Nesta caminhada (Poxa vida! Setenta largas passadas não é um punhado, mas uma montanha de terra pisoteada!), reencontro certas experiências que me compelem, antes de tudo, a um brinde. Constato que estou inteira, sem lesões, sem cicatrizes. Sequelas, algumas, inofensivas. Isto merece comemoração!

Segunda fase da reflexão: perdas e ganhos. – Genial, amiga Lya! É isso mesmo. Retomar o passado. Rever o percurso. Entender o processo. Sou sua parceira nessa aventura. Isso faz bem. A nós, que debicamos a maçã dos dias com a ponta da caneta. E aos outros, que a degustam, longamente, por conta da nossa hilaridade ou sisudez.

Aos poucos, o leite começa a descer. Pingando, no início. Depois, em forma de torrente. Até que vira um turbilhão. É assim com você, Martha? – Oh! essas mulheres maravilhosas, com seus amores incandescentes, seus amantes secretos, envoltos em palavras, frases, exclamações, interrogações, metáforas, gírias,

poluções noturnas (de ideias, obviamente), que esguicham avasadoras sobre a brancura do papel!...

Sentiram como pulsa a confraria das mulheres escribas? Quem disse que elas não sabem das coisas? Que são frágeis, meigas, subalternas?

Mas, voltemos ao ponto. Aquele do suprimento do cérebro, debilmente iluminado pelo abajur que nunca acerta o foco. É evidente que há perdas e ganhos no decurso da passagem pelas searas do tempo. Reparem: eu disse ganhos, não danos. Perdas que a gente vai joeirando, como o agricultor faz com o trigo destinado a prover seu pão. Algumas delas abrem feridas que sangram, supuram. Mas lá adiante a dor passa, cicatriza o abscesso e tudo cai no esquecimento. As perdas são eventos administráveis. Basta uma pitada de vitalidade, algumas colheres de vibração. Nenhum contratempo é tão pegajoso que uma boa ducha não leve pelo ralo.

Os ganhos, ainda bem, são sempre mais encorpados. Em tamanho e cifras. Basta dar um giro pela penumbra do quarto, que o coração descobre infinitas possibilidades de prazer, amor, ventura, espreitando entre as pregas da cortina. E é só o começo. Muitas aquisições certamente ainda estão por vir. Cada uma delas representando lucros incalculáveis.

Enquanto o dia se espreguiça e a imaginação dissipa o nevoeiro, a luz procede à faxina matinal dos pesadelos.

Hora de levantar e saudar a vida...

2.

Uma bola, uma paixão

Houve um tempo, um tempo de muitas folgas e poucas diversões (mas isso já faz bem mais que meio século, espichado e bem vivido!), em que quase nada havia para se gastar as horas, nas sagradas tardes de domingo.

Daí a importância do esporte, do único esporte que se conhecia naquelas paragens bucólicas. Gente grande e gente miúda era arrastada por ele até a beira do tapete verde-oliva, que ondulava e faiscava como se o tivessem lustrado com parafina.

Ali se presenciava uma disputa pacífica, sem olés, pancadaria, ofensas à mãe. O espírito da torcida estava mais para devoção que para arruaça.

Só quem não comparecia eram as senhoras, consagradas que foram pela aliança matrimonial do recato. Seus deveres eram outros. Suas diversões também. Se é que se pode chamar de diversão limpar bumbum de neném, pôr a casa no lugar, consertar a roupa esfolada de tanto uso, tanta água e barra de sabão.

A turma se reunia, um grupelho de meninas irrequietas (não pensem que, só por ser antigamente, éramos todas umas tontas! Um pouco, sim, mas nem tanto...). E, de mãos dadas numa corrente – isso nos garantia segurança, unidade, presença –, buscávamos o melhor lugar junto à cerca de arame.

O céu olhava de longe com uns olhos de azul soberbo. As nuvens, por sua vez, raramente apareciam para conferir o placar do jogo. E o vento, quietinho, enfiado nas malhas da tela. Só de vez em quando, zigzagueava pelo cercado um zéfiro primaveril que adocicava a tarde.

Como não escancarar todos os sentidos do corpo e da alma àquelas emanações, tão fluidas quanto sentimentais?

A torcida feminina, um pouco menos barulhenta que a dos moleques, queria mesmo era mostrar a cara e dar vazão a suas emoções, sempre tão reprimidas, tão condizentes com as convenções familiares e sociais. A bola tornava-se, assim, uma defloradora dos bons modos, da discrição, da contenção cotidiana.

Presumo ter sido essa descarga de adrenalina represada, essa fuga de limites rigidamente impostos, o fator determinante da paixão que a esfera de couro fazia explodir nas vozes, nos gestos, nas palavras de ordem. Um trejeito mágico se desenhava nos pés dos jogadores, quando corriam, muito arrojo e pouca técnica, envergando um calção que descia pelas virilhas, mas deixava os joelhos à mostra. Uma visão feérica, provocando comichão na garganta e febre no corpo. Um delírio que punha em fuga o pudor provinciano daquelas meninas habitualmente bem comportadas.

Não sei definir se era a própria bola, por seus requebros contagiantes, ou o esquisito malabarismo dos atletas, ou a momentânea sensação de liberdade que o jogo propiciava, a causa desse namoro prematuro com aquele ente simbólico e promíscuo.

Falando sério: o futebol é um esporte rude, truculento, de safanões e pontapés. Sua capacidade de seduzir as multidões, que o torna o ópio do povo, resulta, sem dúvida, da empolgação coletiva que salta do bico das chuteiras, quando os pés rabiscam estrelas no chão de esmeraldas...

E eu, aqui e agora, a narrar uma novidade velha, tão gasta que até perdeu a cor... O antigo encantamento é só bruma, silêncio, saudade. Uma faísca teimando em se manter acesa, para não perder, nos flancos da disputa, o derradeiro rebote da paixão.

3.

Ícone desfeito

Só depois de bem crescida...

Não no sentido literal do termo, que isso nunca aconteceu. Mas no sentido metafórico, que evoca uma outra dimensão. Aquela do intelecto. Do veio d'água copioso. Das vertentes múltiplas, profundas.

Falo do dia em que fui surpreendida pela lâmina de um punhal traiçoeiro e extremamente cruel. Um dia de luto. Pois a morte da ilusão é a mais dolorosa e irremediável das perdas.

A vida já dera voltas e meias-voltas. Volvera de uma ribanceira à outra. Trocara de rumo. Arrancara pedaços de esperança agarrada a ilhas verdejantes, no derradeiro instinto de preservação.

Então eu vi. Não só isso. Ouvei. Senti. E amadureci minhas reflexões na vigília melancólica da descoberta.

De concreto, foi uma jogada imoral, horrendamente feia. Sem uma gota de caráter. Crivada de intenções delituosas.

Toda a grande família brasileira postou-se à mesa das imagens, bebeu dos impropérios, digeriu, estupefata e a contragosto, o indigesto e malcozido cardápio.

É nisso que dá confiar em amadores, acreditar em milágres.

Em matéria de política, não vale deixar-se seduzir. De uma vez por todas, aprendi a lição amargosa da frustração.

Era para ser o salvador da pátria, o paladino da decência. E o que presenciei foi a revalidação da sem-vergonhice, com firma

reconhecida em cartório. A transação mais torpe. Mais obtusa. Mais nojenta que tive o infortúnio de avalizar.

Como pode alguém chafurdar, sem nenhum pudor, na pocilga da vilania? Emborcar no esgoto da corrupção e beber de sua água fétida, com sofreguidão e prazer? E ainda posar de bom moço, jurar inocência, jogar a pecha de idiota na cara do mundo?

Nesse momento, bateu-me no peito a sensação de que era melhor não ter crescido, se o preço da evolução é tão ácido e vil.

Como poderei, de hoje em diante, encarar meus filhos com dignidade? Olhar no poço de seus olhos? Confessar-lhes que me enganei e enganei a eles?

Oh! desilusão! Afasta este cálice de mim! Já estou por demais avançada em anos para ser envenenada dessa forma, injusta e calhordamente. Agora eu sei que meus ídolos eram todos de barro. Entupidos de moedas falsas. De projetos indecentes. De adulteradas verdades.

Alcancem-me, por favor, um balão de oxigênio! A asfixia é terrível! Não me deixem morrer catatônica, desiludida, traída! Ah, se eu pudesse adivinhar o futuro, teria permanecido criança, sem título eleitoral, sem esperança de dias melhores, sem sonhos de contemplar o Brasil radiante, na mão de pessoas dignas, sinceras e responsáveis!

Ver espatifar-se o ícone: como isso fragiliza e dói!

4.

Vida reciclada

Quando contemplo a árvore em sua esvoaçante túnica de esmeraldas, digo-lhe da minha satisfação em tê-la perto, em contar com sua cumplicidade, em saudá-la todas as manhãs.

É um prazer vizinhar com ela, que não me vira a cara se estou azeda, não me pede livro emprestado, nem me agita o sono no fastio da madrugada.

Eu sei que ela é bem educada por natureza. Que é discreta e comedida. E jamais fará fuxico em meus ouvidos. Às vezes até me corteja com uma nova brotação, um cheiro mais penetrante, uma dose maior de clorofila e bem-querer.

Nos dias de vendaval, quando a sinto se retorcer em cólicas, corro à janela a fim de consolar sua angústia, encorajando-a com gestos de solidária participação. Ela percebe meu desvelo e se tranquiliza. Afinal, tudo neste mundo de Deus tem uma razão superior, e não fica bem a uma árvore entregar-se à histeria, perdendo a compostura. Então sorrimos uma à outra, e nos jogamos beijos, naquele muxoxo só nosso, que ninguém mais percebe, pois não compreenderia.

Minha santa protetora nos dias escaldantes! Minha amiga e confidente nos assomos da indecisão! Minha fiel escudeira contra o mau-tempo e o mau-olhado!

Confio integralmente nela, pois sei do seu nobre caráter, incapaz de rebeldia ou de vingança, e sempre predisposta a um gesto magnânimo.

Quantos passam por ela, respiram sua acolhida branda, salpicam-se de ar puro e partem... Não a percebem, não lhe sorriem, nem lhe agradecem. O ser humano é mesmo um bronco. Que lhe aproveita o marasmo do pensamento? A veledade do sentimento? Ou a casamata da trincheira? Ele é deveras um órfão de afetos, por sua incapacidade de decifrar, absorver, apalpar as pulsações da natureza borbulhante de dádivas.

É preciso entender os cacoetes da árvore para que sua seiva penetre o pomar da alma e o faça amadurecer. As fragrâncias, as tonalidades, os sabores de que ela se reveste têm o dom de transformar nossa melancolia numa cacimba de bem-estar.

A árvore também sonha, também ama. Igualzinha a mim. Daí o nosso convívio harmonioso, sempre coloquial, como nas manhãs úmidas de sereno, quando aspiramos juntas o cheiro dos morangos colhidos antes da aurora. Essa a razão por que dei um nome à minha amiga. Um apelido singular, que remete à profilaxia de seus dotes terapêuticos. Mas ele é um segredo só nosso que, por ciúme, não revelarei.

Quanto àquele banco no canteiro da rua, sobre o qual a árvore debruça seus afagos, criou-se entre nós uma parceria, nessa aventura de aspirar o oxigênio e sorver o mel. Eu me recosto nele e olho em derredor. Então vejo a planta, sólida e desejada, debruçar-se sobre as nossas mazelas, com sua gentileza habitual.

Um momento mágico, em que sua sombra purifica e abençoa o tempo da nossa comunhão.

Meu banco, minha árvore!

Amigos de fé, recicladores da vida!

5.

Crônica do amor

Falar sobre ele não é tarefa para amadores. Tão espetacular e, ao mesmo tempo, tão sutil, é sua presença no universo, que a palavra, a descrição, o conceito, revelam-se tímidos e inexpressivos, ante o poder com que ele se instala e vinga no coração humano.

Ao mesmo tempo em que faz girar as hélices do mundo, o amor também embala a criança no berço, chora sobre a violência e a morte, magnetiza os sentimentos, semeia sorrisos e colhe os mais doces frutos do pomar da vida.

Quem se aproxima dele sente seu carisma e percebe sua exuberância. Pois tudo nele deslumbra e transcende. Purifica e enobrece.

Basta que se lhe dê um punhado de afagos, para que ele se levante sobranceiro, esbanjando a simpatia que lhe é peculiar. Ameno e doce, festivo e contagiante, ninguém se acha a ele sem sentir-lhe a pulsação que trepida e rumoreja, acalora e inebria.

Onde ele for, levará sempre a cesta provida de iguarias e o coração irradiando seus reflexos, cristalinos, feéricos, contagiantes.

Todos querem vê-lo, ouvi-lo, abraçá-lo. Todos anseiam pelo privilégio de sua companhia. Pois somente ele sabe temperar o sorriso, suavizar o gesto, enternecer o olhar, adocicar a voz.

É uma bênção ter o amor presente na vida e no coração. Estava certíssimo São Paulo ao afirmar que “de nada adianta ao homem conquistar o mundo se não tiver amor para oferecer”.

Ele é de fato a bússola que orienta nossas escolhas. E o sol que as faz vingar e florescer.

Toda lágrima se extinguirá, toda ofensa será banida, e todo coração encontrará a harmonia, no dia em que o amor se irradiar pelo mundo. Ele que tem o dom de mitigar a fome, tanto de paz

como de afetos, de trabalho como de conquistas, de esperança como de alegrias.

Esta é a proposta de Deus para seus filhos. Queira Ele que todos a abracem com entusiasmo e devoção, que uma proposta assim, de amor incondicional, jamais pode ser recusada.

6.

De mulher para mulher

Quem, de vez em quando, não sofre de solidão? Não se olha na vidraça com ar de abandono? Não se deixa levar por um sem número de indefinições, desconfianças, receios?

Tudo isso está arraigado e borbulhando dentro de mim. E mais: há dias de completa inapetência e outros de uma fome devastadora. Entre ambas, a determinação de respeitar a dieta. Comer e beber só o que é de direito, jogando a culpa do exagero no balde coletor das transgressões.

Quem topa com a gente, no dia a dia, deseja o nosso abraço, sorriso, aperto de mão, uma palavra de mel. Todavia, nem sempre estamos a fim de falar doce, mostrar a dentadura perfeita e, muito menos, de emitir calor a toda hora. Se o músculo do coração congelou de tanto patinar no gelo, e a túnica da alma desbotou de tão castigada pelas intempéries, que nos sobra para expor e oferecer?

Sempre que sinto minha concha fechar-se, pactuo uma trégua com minha habitual afobação. Empurro-a para aquele vão sonolento espremido atrás da porta. E conclamo meu desejo de apatia, quietude, isolamento. Desligo tudo o que me remete a compromisso: relógio, telefone, campanha, computador... Sozinha com meus pensamentos, dou-me tempo para jogar baralho com as emoções. Rever escritos embolorados na gaveta. Descartar tudo o que me algema e dar um ultimato àquela coisa feia que é o instinto de vítima.

O que acontece então é um rito de catarse, uma completa ablução. Chego a ver meus demônios se desgarrando do peito, com seu cardume de filhotinhos engarupados, e saltar pelas janelas, e sumir no vazio. Derrotados. Fragilizados. Imolados.

Por sorte, ninguém se dá conta da minha reclusão. Nem mesmo a sirene da ambulância, o apito do guarda, o chavão do entregador de gás. Todos reverentes a meu apelo de segregação, a meu banho de silêncio, à minha faxina exotérica, confidencial.

Que descoberta fantástica a abstinência de povo! Suas vozes, gestos, apelos, cismas. Tudo uma colmeia zumbindo e atordoando a paz!

Se você ainda não trinchou as horas, não varreu de sua rotina aquela letalidade gosmenta como a crosta das lesmas, faça logo a experiência. Largue tudo o que cheira a pocilga, bolor, maresia. Feche o casulo com cola e parafuso, deixe a mente fluir e levantar... Ela irá sacudir o pó das agruras, preencher os buracos descobertos, estocar energia no seu cofre de amores. Tudo será amainado, desde o beliscão intermitente da culpa até o excesso de zelo típico das fêmeas.

A reflexão tem esse peculiar atrativo. Esvaziar, abastecer. Tirar, repor. Você se sentirá de novo uma pluma, uma aragem. Fará novos contatos com seu subconsciente. Disciplinará sua desordem interna e externa. Aquilo que lhe parecia perda de tempo se apresentará como uma âncora, soerguendo entusiasmo e vibração. Nós, mulheres, somos milagrosas. Até das pedras tiramos leite. Ordenha de mãe, de amiga, de amante. Alma livre para servir, voar, sorver a felicidade.

O dia brilha. O sol me saúda na transparência da janela. E a vida recomeça seu ciclo de acrobacias.

7.

A caneta e o microfone

Não sei definir em que curva da existência decidi escrever. Se na altura dos quinze, dos trinta ou dos sessenta.

Só o que me confere alguma certeza é o gosto de chocolate que sempre senti escorrer da palavra escrita, desde a leitura das remotas histórias degustadas na biblioteca da escola primária.

A partir do memorável ano de 46, em que aprendi, com o professor Eduardo Becker Cordeiro, a juntar as letras do alfabeto,

dando vida aos mistérios e lendas tão bem escondidos no cofre do livro, meu coração se abriu como um leque às suas emanções.

Foi esse, sem dúvida, o primeiro e forte boom da minha transa com o processo da leitura.

Outrora, uma conquista gradual, de avanços e recuos, prazer e compromisso.

Hoje, uma mania frenética que me persegue, com a impertinência de uma mosca, sempre querendo pousar. No trajeto das caminhadas... No assento do ônibus... No desconforto do quebra-luz, em madrugadas povoadas por fantasmas. Parceiros da solidão e da insônia (quem inventou para o velho apenas cinco horas de sono por noite?), lá estão eles, sempre a postos, os três mosqueteiros: o livro, a caneta, o caderno de anotações. Não há hora mais digna e mais fecunda. Nem momento mais excitante.

Primeira lição aprendida: o silêncio é um grande aliado.

Segunda: nada como um texto escrito a mão para nos conectar com a infinitude do tempo e a perspicácia das nossas lucubrações mentais.

Quando o dia salta do seu nicho escuro, para beber o leite morno da aurora, depara-se com a crônica já rascunhada e o coração borbulhando de euforia.

Tão produtivas as horas mortas! Tão sagrado o livro de cabeceira! Tão diligente a minha caneta azul!

Paradoxal e arredio, no entanto, é meu convívio com o microfone. Ao contrário da escrita, que é silenciosa e lânguida, ele é o catalisador das massas. O pregoeiro sibilante das alvíssaras ou desgraças humanas. A catapulta do aplauso e da vaia.

Não me sinto à vontade em sua presença. Ele me parece um ditador cruel, sempre prestes a rasgar as carnes e expor as entranhas do sujeito. Ou um abutre, a fim de sugar meu sangue até me tornar anêmica.

Preconceito ou inibição (seja qual for a causa psicológica-mente estabelecida), devo confessar: minha estabilidade interior é muito mais propensa ao discreto mutismo da escrita que à algaravia ardilosa da voz.

Apenas por uma questão de justiça, presto a ambas a minha admiração...

A grande virada

Foi numa hora incerta. Num dia mais frio que a temperatura habitual. Diria: mais ou menos órfã de pai e mãe. Tal o desinteresse que me afanava o viço.

Já me havia acostumado a ser apenas uma mulher disciplinada, cumpridora das obrigações. Igual, sem tirar nem pôr, àquela colegial de antigamente, que chegou a ser esposa de Cristo, de tão certinha e responsável.

O passado se reproduzia, pois, no presente. E o sol ia alto, desde que eu aprendera, por conta e risco, a ver tudo numa única direção. Também já me aceitara como alguém insignificante que ninguém conhecia nem enxergava, porque não despertava o menor interesse.

No reduto do meu isolamento, companhia, só de livros, noticiários, textos para redigir, bulas de remédios, contas a pagar...

Acrescente-se, a essa inexpressiva rotina, um que outro sorriso meio sem causa e sem graça, aos vizinhos e amigos, pois que nenhuma culpa poderia imputar-lhes da minha solidão e sua retumbante apatia.

Pois essa vidinha tão corriqueira – reduzida em tamanho e conteúdo – se me apresentava normal, até satisfatória, por mais irreal que isso possa parecer.

É que a gente se habitua a tudo, nesse mundão feito de máscaras e espantalhos. Até a ser uma enjeitada, sem perfume de marca e pulseira de ouro. E o hábito – isso se aprende com o passar dos invernos – tem lá suas vantagens, seu ingrediente compensador.

Só quem colheu a experiência de conversar consigo mesmo e escutar o silêncio, em auroras orvalhadas de serenidade, entende minha teoria. Não aquela de que o hábito faz o monge, mas a filosófica convicção de que ele traz segurança, tranquilidade, até mesmo poder.

Deveras, frequentar o banheiro de porta aberta, escutar a música predileta, inverter a rotina de atos banais, como o acordar, o almoçar, o adormecer – transferindo-os para horários impróprios e não convencionais –, produz uma sensação de autocontrole e

liberdade que só entende quem promove com a vida um pacto de boa convivência.

Mas toda essa conversa fiada só teve o intuito de definir a significância de uma grande virada. No apogeu dos anos. No recanto da singularidade.

Quando não mais acreditava em surpresas ou novidades, alheia a outros prazeres que não paparicar os netos, ingerir cultura, rabiscar poemas e crônicas, e publicar um que outro livro (que a produção independente é por demais custosa), o inesperado aconteceu...

Um ser diáfano e sublime tocou a campainha. A campainha da alma, quase tomada pela ferrugem. Pediu permissão e entrou de mansinho...Fora, o arco-íris com sua bênção magistral. Dentro, o amor brotando dos escombros...

Foi uma guinada sem precedentes. A grande descoberta da identidade extraviada. Em lugar do torpor, a vibração. Do embotamento, a exuberância. Do cansaço, a vitalidade.

Deus seja louvado!

9.

Amor em dose dupla

A lembrança que tenho delas – nítida lembrança com gosto de bolacha caseira, de apoio espumando na caneca, de melancias escancaradas a mostrar as sumarentas gengivas vermelhas – é sui-gêneris e copiosamente maternal.

Uma infância recheada de vibrações. Gemidos de carroça desengonçada. Bonecas de milho e seus cabelos frisados e louros. Terneiros sugando a teta. Ninhada de aveludados pintos. Cantoria de lata descendo o poço... Impossível mensurar a avalanche de emoção e de saudade!

A casa das avós foi o paraíso da minha infância. Aquele que os anos não trazem mais. (Estava certíssimo Casemiro de Abreu!)

Lá se foram sete décadas. Aqui vieram os sulcos no rosto, a geadinha nos cabelos, a pururuca nos ossos, enfim, um estrago sem tamanho, na fachada e nos alicerces do velho castelo da inocência. Elas, minhas avós, há muitíssimos verões me abandonaram, indo afagar para sempre o rostinho de porcelana chinesa daqueles ga-

rotos alados, no jardim celestial. Mas o odor antigo de amêndoas, de água de poço e de redobrado afeto, permanecem impregnados dentro de mim.

E que dizer do colo farto? Da história contada ao pé do fogo? Do colchão de palha, estalando entre um sonho e outro? Ô vida, você não é nada gentil, com seu brilho falso, sua mania de capturar as afeições para depois renegá-las! Você gosta mesmo é de jogar verde pra colher maduro. Discordo inteiramente de suas táticas e refuto sua intransigência. As avós deveriam ser vitalícias, perenes. Assim também o aconchego, a vibração, a centelha do olhar, e o carinho que se estica até além do horizonte.

Sobretudo agora, que tomei o seu lugar, guindada ao posto de matriarca (ontológica essa condição que nos remete a uma segunda maternidade!), passei a compreender, na carne, no sangue, no coração, o que significa amar duplamente. Por certo, uma missão bem diversa daquela que vivenciei, quando a avó era o ponto de encontro, a referência, o lugar de passar as férias, de escolher o agrado, de ser recebida com pé-de-moleque e Cinderela de pano.

A vovó moderna não mora na roça. Não faz goiabada em tacho de cobre. Não ordenha as vacas. Não costura para as bonecas. Seu amor (embora tão presente e valioso como o de outrora) manifesta-se de outras formas: Vamos navegar na internet, vovó? – Hoje é dia de ver filme! – Me leva no parquinho! – Liga o som pra *mim* dançar!

E ela, sempre ela, a ternura em pessoa, a paciência infinita – lembranças gostosas que o tempo jamais envelhece –, abre o sorriso terno, os braços de um calor peculiar, e ei-la a postos, acolhedora e bem-aventurada, amando e desdobrando-se como outrora. Um amor em que só muda o endereço e a data natalícia, porque o mais também é perene e imutável.

10.

A ilha da paz

O que eu quero mesmo, agora que ultrapassei a barreira das emoções perigosas, é uma vida pacata e sem sobressaltos.

Gostaria de morar numa ilha longínqua, igual àquelas dos contos-de-fada. Não por seu isolamento ou bucolismo, mas por

seus mananciais de serenidade, oferecendo-se continuamente, sem medo de serem violentados.

Aqui onde estou, vivo em suspense, espremida por ameaças, dentro e fora de casa.

Quando estou dentro, me visto de trancas, dúzias de fechaduras, grades, alarmes, encouraçada como um gladiador medieval.

Refém de sistemas falidos, tornei-me prisioneira do medo.

Se estou fora, me agarro à bolsa como um polvo, desconfio de tudo e de todos, aperto o passo e a tensão. Estou cercada de inimigos. E minha cidade se iguala a um campo de concentração, quando não a uma praça de guerra.

Oh! a minha ilha isolada, com seus gramados e arbustos, seu colar de águas a espelhar meu remanso, seu sol de poucas brasas e sua lua cheia de simpatia, apostando comigo a vitória da plenitude!

As ruas, que se transformaram num covil de malfeitores, são agora a face escura da terra. Perderam o encanto da convivência. Romperam os vínculos da cortesia. E a indiferença espalhou o ranço do anonimato entre mim e os vizinhos.

Digam-me, vocês, que encarnam a modernidade, que são seus reis e seus vassalos, comendo o pão diário da insegurança, se não tenho razão em me sentir acuada!

Para que servem as instituições? Os códigos? As declarações de direitos humanos?

Omissos e coniventes, pendem mais à defesa dos ímpios que à proteção da gente de bem.

Nossas crianças, nossos jovens, nossos velhos: onde o viver saudável, o lazer seguro, a liberdade das gangorras e passeios na praça?

E a nós, construtores da sociedade, geração marcada pela desconfiança, que andamos como robôs, entre matilhas de lobos, o que nos reserva o dia de amanhã?

Pelo-sim, pelo-não, continuo na ilusão de encontrar a minha ilha deserta, onde a paz espalha seus reflexos e o bem-querer repousa nas areias brandas...

A lírica do sono

É apenas madrugada, e o sono já pegou a estrada. Perder tempo não é com ele, que ama tomar o café da aurora, saboreando o apoio da névoa morna.

Uma vez cumprida sua missão – que é espiar a claridade pela janela, estender o cobertor, fazer o sinal-da-cruz, dar um giro pelo quarto, a fim de verificar o nível de paz que irradia do abajur cor-de-rosa –, eis que o sono salta de mansinho para o corredor e dá no pé.

Eu ainda insisto: Fica mais um pouco. Está cedo. Há um bom tempo que a gente não sonha juntos. Mas ele, introvertido como sempre, nem sequer me responde. Distancia-se cabisbaixo, sem olhar para trás nem dizer adeus.

Faz parte da índole do sono ser silencioso, taciturno, assim como são os livros e os cemitérios. A despeito da linguagem incisiva e professoral com que nos aborda, jamais alguém ouviu sua voz. Um paradoxal mutismo que beira o limiar da ironia. Aquele silêncio nostálgico, sem uma apneia noturna, um acesso de tosse, um espirro retardatário. Deveras, uma apatia de difícil diagnóstico.

Mas sobre o que mesmo estava eu discorrendo?

Ah, eu dizia da alma do sono. Além de calada, ela é também mística e uma excelente conselheira. Qualidades que interagem e se completam. Durante a vigília, confio ao sono todas as minhas preocupações, veleidades, nostalgias, picuinhas de mulher insatisfeita. Ele as organiza, cataloga, seleciona o que é útil e descarta o supérfluo. Uma ajuda inestimável. Tanto que acordo leve, pura, despoluída, jubilosa. Pronta para um novo embate.

Outra faceta peculiar do sono consiste nos dons de cosmovisão, transmutação, bilocação e outros ainda mais notáveis, como a levitação e a hipnose. Dormindo, tornamo-nos imponderáveis, extraterrestres, alienígenas. Viajamos por mundos estratosféricos, participamos do festim dos astros, escalamos picos nevados, mergulhamos nas profundezas do mar (e do amor!). Prazer e susto. Covardia e coragem. Nada detém nosso espírito liberto e fluido, audaz e versátil. As aventuras das Mil e Uma Noites se passam

aqui, dentro do quarto. O rosto engalfinhado no travesseiro. A mente voando como uma águia.

O melhor da biografia do sono, porém, julgo ser o momento do despertar. O interregno do transe. O lusco-fusco da consciência. Valha-me, Deus! (Cadê a poeta dos versos chorosos de Sol Encoberto e de Paredes Nuas?) A poesia desaba sobre mim. Cadadupas descem vertiginosamente. Sou uma fonte! Transbordo... Sou uma harpa! Canto... (Piano, pianíssimo... Soprano, contralto, barítono...) Todas as vozes, todos os amores, todos os êxtases... Fui picada pela lírica do sono, que me injetou mel nos favos da alma. Os pássaros ainda dormem, e minha mente já dispara, despejando-se no caderno que jaz sob o travesseiro e recém começa a despertar.

Feliz descoberta! O sono, que revigora o físico, também retempera o espírito.

O dia se levanta. O corpo se espreguiça. A alma renasce. Ela é fogo e água, chaga e unguento, brilho e treva. É semente e fruto. Argila e estátua. Morte e ressurreição...

12.

Sonâmbulos e apaixonados

Longe do abraço deletério do Sol, e perto, muito perto, dos cafunés sorrateiros da Lua, ele se debruça sobre a folha em branco, a fim de esparramar sua inspiração. Quer pôr à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio.

Este é o poeta, o solitário, o noctívago, a caldeira ardendo de paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas e, até mesmo, ao ardiloso entrevero da sintaxe, ele só quer é mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para delas extrair emoção, sentimento, harmonia, ritmo e, por esse meio, decifrar o enigma do poema.

É literatura o que ele faz? Têm algum proveito as suas metáforas? Os trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, refém do enlevo que o invade, e da comoção que se dilui entre os cascalhos d'alma, quando do seu caminhar sobre o imaginário das estrofes.

Pouco importa ao poeta, se nem todos apreciam as suas divagações, o fluxo das suas mágoas ou a imprecisão do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o homem, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Como elo de identificação, ela aproxima os seres humanos, desvanecendo suas diferenças.

Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanações do universo ou enfiar a cabeça na terra como faz a avestruz.

A poesia não mora nas páginas dos livros e revistas especializadas. Nem reside nos versos estampados em murais. Ela sobrevive entranhada no mundo, subjacente ao visível e ao invisível. E se corporifica através dos entes, tanto vivos como inanimados: homens, bichos, estrelas, plantas, montanhas, rios. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para além das fronteiras do espaço e do tempo.

Quando Drummond escreveu, em *A Rosa do Povo*: “Chega mais perto / e contempla as palavras. / Cada uma / tem mil faces secretas / sob a face neutra”, conceituou, com precisão, a alma do poema.

Por sua vez, Rilke, em *Cartas a um jovem poeta*, revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: “Para escrever um simples verso é preciso ter a alma aberta para o voo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer. É preciso passar muitas manhãs diante do mar, muitas tardes diante do pôr-do-sol, muitas noites diante de quem se ama”.

Obviamente, a primeira condição, para que essa magia do poema aconteça, é uma apurada sensibilidade, que não dispensa a reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo ser necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto. A utilização de figuras semânticas,

com a exploração dos múltiplos significados que se escondem no escaninho das palavras, se configura um preceito indispensável para uma poesia de qualidade.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio. Ao criar um vínculo afetivo com o leitor, o faz partícipe de sua obra.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catarse que tem a poesia, bem como o seu trânsito entre os canteiros da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. Na complexa maré de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela contribui para o aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta, estes seres extra-sensoriais, sonâmbulos e apaixonados.

13.

O espelho

Quando me olho no espelho, o que vejo?

Uma mulher dividida. Para ser mais exata, partida ao meio. Um corte de alto a baixo. De um lado, consistência de pão embo-lorado. Do outro, massa folhada estalando de fresca.

Foi um capricho da vida – essa feiticeira danada de lasciar – que assim me dividiu. Cavou minhas entranhas até o limiar dos intestinos. (Imagine só se a ponta do punhal os houvesse perfurado!)

Embora a cisão tenha me deixado zarolha, como Camões, e maneta, como o Capitão Gancho, os órgãos vitais se mantiveram ilesos. Fígado para cá, coração para lá. Mal-me-quer, bem-me-quer...

Até que fiquei interessante. Um lado feio, outro nem tanto. Um esfoliado e murcho até as vísceras e os ossos. Outro maduro, abrindo o casulo à púrpura do dia.

Um casuísmo essa quebra de estabilidade, esse destino torto. Parece pouco? Fácil olhar de longe, sem romper o cerco!

Agora, o que mais quero é reconstituir o todo. Deixá-lo livre de ranhuras e deformações. Eis minha lida cotidiana. Meu mote, quase obsessão. Afinal, quem gosta de ver-se mutilado?

Claro que a metamorfose é um processo gradual, lento, até doloroso. E a convalescença, demorada à beça. Esta ânsia de juntar os pedaços, recompor a estrutura rompida, comicha desde a raiz dos cabelos até a sola dos pés! Às vezes, me vejo debruçada sobre mim, horas a fio, catando o que restou dos antigos ardores. Polindo, organizando. Recompondo a tessitura que se esgarçou e se revela no espelho.

Estou bem perto de completar a tarefa. Recuperar a integridade. Já sinto os pinos encaixados, as fibras rijas, as carnes frescas. Renovo-me em cada estrela. Cada névoa me purifica.

E a vida torna a pulsar...

Embora com certa inibição, o oxigênio corre pelos condutos. Reciclado e limpo. Esperanças e amores novos tomando assento nas almofadas do coração. Um momento etéreo, catártico.

Minha cura está próxima. Quem sabe até já aconteceu. O espelho que ainda não me reconhece.

14.

Um olhar sobre a cidade

Ó Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha!

O dia recém-nascido, ainda deglutindo o muco da noite, e os veículos já me furam os tímpanos, pigarreando sua rouca constipação!... Vomitando sua bile... Baforando o pestilento charuto...

Tão menininho o dia e já se mostra eriçado, mais para rebeldia do que para brincadeira!

Voz humana, nenhuma. Gargalhadas, nem se cogita. Ninguém fala, ninguém ouve. Todos andam silenciosos, em meio ao paroxismo das máquinas. Elas é que comandam o tempo. Defloram o amanhecer. E regem a orquestra da vida urbana que, mal se despe do pijama e – engolidos o pão e a geleia num vapt-vupt – já parte para a briga, nas ruas encardidas, enfumaçadas, mal servidas do café cheiroso que escapa pelas cortinas de ferro...

Onde estamos? Para onde vamos? – Ninguém ouviu dizer que a pressa é inimiga da perfeição? – Que sádica vertigem essa dos monstros sobre rodas que, cuspidos veneno, avançam pelo asfalto, contorcem o corpo nas esquinas e se jogam das pontes! Uma onda de petróleo líquido lambendo o chão... Trepidando... Esbravejando... – Ah, meus belos tempos de sossego!

Os tímpanos – são eles as vítimas preferidas desse sarcasmo acústico. Saturados do fragor persistente, resfolegam no travesseiro, enfiando-se entre as cobertas como um avestruz acuado, enquanto os decibéis invadem os espaços, cúpidos e prenhes... Um cenário esquizofrênico!

Por quanto tempo ainda o mundo aguentará? E suportaremos, nós, o cérebro fervente, o coração ofegante? Até onde irá a paciência dos Jós modernos, diante da baderna institucionalizada, verdadeira invasão de domicílio?

Queiramos ou não, nosso destino está traçado. Servidão, apatia, conformidade. É isto que o progresso exige. Ordena. Impõe.

Ó Cristo, tu morreste no silêncio, cavernoso até, só os trovões anunciando tua passagem... Nós, aqui, engolimos o fel do destino trágico, do passamento assim conturbado, pela porta estreita da vida! Ai de nós, cada vez mais estilhaçados por esse trânsito voraz, matador sanguíneo, comandado por nós, desejado por nós, nossa vaidade e nossa ruína!

Foram-se os tempos da calma bucólica, abençoada pelo apoio da aurora. As alvoradas cheirando a orvalho. As ruas lagarteadas nas ondas suaves do Sol, sem vapores nem estampidos. Sumiram os trajetos entremeados de saudações amigas. Empolgadas. Coniventes com a alegria. É irreparável a perda! E inafiançável o estupro daquele romantismo, que chegava a ser piegas na sua despreensão.

Nada do que somos e temos hoje vale os desfalques que nos impusemos. O salto alto do consumismo, sem critérios, sem precauções.

A felicidade que buscamos, corpórea e material, é mais aparato que satisfação. É está mais para covil de lobos que para cacimba de paz.

Meus amigos, meus vizinhos, meus irmãos! Por favor, não joguem no aterro sanitário os castelos que a truculência dinamitou!

Nem deixem morrer catatônico o anseio de liberdade e superação que move nossos brios e nossa esperança.

Quanto à cidade, outrora amiga e hospitaleira, se não mais merece de nós um olhar apaixonado, que o tenha ao menos de respeito e proteção.

15.

Noite caudalosa

As lágrimas começaram num pequeno córrego, com medo de aparecer à luz dos holofotes. Ninguém sobe no pedestal para chorar, da mesma forma que não se oculta no porão o riso franco e jubiloso.

Mas a proposta de hoje é escrever sobre o choro, aquele que rasga a alma de tristeza, deixa em tiras os sentimentos mais íntimos, e ainda esgarça a dor para torná-la mais andrajosa que a camisa de um andarilho.

Pois o córrego foi virando torrente. Tomou volume. Embarrigou-se de muita água, que já não era mais translúcida como na nascente. A passagem pelos degraus do apocalipse, com seu barro acumulado, tornou turvas as gotas e enlameadas as margens.

Elas corriam, as lágrimas, cada vez mais carnudas, amargas, febris. E desconsoladas, se jogavam contra pedras e galhos, dilacerando-se, como faziam as carpideiras profissionais.

Sua densidade acentuava-se a cada passo. Golfadas mais salobras. Respingos mais gélidos. Parecia que uma mão invisível sobrepairava a cena, despejando o sal da amargura, que fazia arder ainda mais a crueldade da dor.

Nesse momento, o arroio já se encharcara, tornando-se uma espécie de filão, espesso e viscoso, quase imbecil. Impossível detê-lo. Amansá-lo. Convencê-lo a manter a serenidade.

Que noite mais impetuosa! De gente empurrando mesas, atropelando-se nas escadarias, gritando de desespero...

Sem luz e sem rumo, me vi no foco da multidão. Sobressaltada. O pavor engasgando... A correnteza me carregando...

Os pensamentos, como corujas agourentas, sobrevoavam a minha perplexidade...

Um estampido? Foi um estampido o que ouvi? Não, não foi um. Foram três. Inesperados. Roucos. Ameaçadores. Botando sangue, gemidos, pânico.

Agora, o meu riacho já se tornara uma onda líquida. De águas revoltas, disparando sem freio, sem dique. De comportas abertas, tudo descia de roldão: emoções, sonhos, projetos, esperanças. Uma turbina espantosa os triturava e remoía, naquela sinistra ciranda da morte...

Encharcado pela avalanche, o contido soluço inicial virou um turbilhão, que nenhuma represa conseguia deter. E eu ali, na engrenagem mórbida daquele entrevero, compelida por incertezas e presságios, desdobrando meu lencinho azul, na desesperada tentativa de consolar o infortúnio, de recolher a dor...

Nessa hora, divisei meu coração, marisco solitário, submergindo no caudal traiçoeiro da noite. Ele, que sempre fora lépido e vigoroso, se afogava na enxurrada das lágrimas e desaparecia na escuridão da tormenta...

Foram tão implacáveis, nessa noite, os látegos da tragédia, que o condenaram, qual filho leproso e enjeitado, a beber o fel do ostracismo e o amargor da cicuta mortal. Órfão de amigos e carente de lar...

16.

Bela e incompreendida

Há aqueles que a apreciam e aqueles que a ignoram. Os que a amam e os que a detestam. Os que a consideram um passatempo aristocrático, e os que a encaram como literatura menor.

E, para completar a ironia, há quem a veja apenas como o reduto das paixões adolescentes.

Alguém conhece algo que represente maior ambivalência? Outra criatura tão sujeita a prematuros juízos de valor? Ao descarte, branco e franco, sem dó nem piedade?

Pois fere-me profundamente a consciência da sua rejeição. Assim como me tolhe a alegria essa ausência de beleza e sentimento que, muitas vezes, macula sua alma metafórica.

Estou falando de algo que atende pelo nome de *poesia*, essa fada manhosa e sorrateira, tão bela e, ao mesmo tempo, tão desprezada e incompreendida.

Eu seria desleal se a deixasse corromper-se na promiscuidade incestuosa do preconceito. Aquele preconceito estrábico, que olha o poema de esquelha, como literatura menor, uma obra de engenharia linguística inútil e falaz, que só serve ao prazer dos visionários.

Foi por rebeldia e obstinação ante aqueles que a enxovalham, que me propus a defender e a enaltecê-la.

Na avalanche de propostas que assolam hoje o mundo das letras, entre arengas conceituais as mais extravagantes, o sonhador do verso é encarado como um sujeito de talento duvidoso, e por isso alijado do processo editorial, sabidamente mercadológico e excludente. Os argumentos que se apresentam em primeira mão, quase sempre foscos e redundantes, reprisam o lugar-comum que é disputar a prateleira da livraria.

Escrever – nestes tempos de modernidade literária, com suas retumbantes teorias e abstrações, guindadas ao panteão da cultura ineficaz, tornou-se um ato de rebeldia e coragem, não apenas de competência.

A verdadeira literatura vem sofrendo um processo de oxidação, por conta da avalanche de produtos de consumo imediato, que manipulam e dominam as massas. Eles reprisam o óbvio e desconhecem o charme da originalidade. O texto em voga se fundamenta na transcrição, bem mais que no impulso criador, outrora ingrediente indispensável a quem se propusesse a andar por essa via.

Diante do quadro, assalta-me um questionamento: Estaremos vivendo, nas artes e na literatura, a era da imbecilização tomando conta do espírito. Será que o texto artístico, a palavra simbólica, a pintura mágica, por sua transcendência, não mais se prestam aos interesses da sociedade, esta senhora andrógina, petrificada e mascarada, que se distancia cada vez mais do subjetivo, com medo de seu próprio reflexo? Raciocinar, sim! Emocionar-se, não! (Menos ainda deixar-se cativar, como a raposa ensinou a Pequeno Príncipe!)

E, desse modo, a poesia do universo vai-se diluindo no vazio das mentes. O poema sendo olhado de esguelha, com progressivo desdém. E o poeta se recolhendo à sua concha, sem perspectivas de abraçar o sol.

Essas reflexões não significam, entretanto, nenhum demérito a outros gêneros literários, como a crônica e o conto. Pelo contrário, ao lado do poema, representam os três mosqueteiros, cuja semelhança os leva a confraternizar, pacificamente, métodos e práticas. Não há entre eles nem ciúmes nem aleivosias.

O que vem ocorrendo, nestes tempos de muito cérebro e pouco coração, é uma orquestração intencional, para que se olhe o poema de soslaio, pelos flancos, quando deveria ser visto pelas fissuras de sua alma transbordante.

Graças a Deus, e aos amantes contumazes que lhe continuam fieis, mesmo segregado, o poema não deixará de existir. Pois haverá sempre uma ostra, onde possa cristalizar-se, ou uma pétala de jasmim que o volatilizará. E por ser filho do sentimento com a emoção, ele continuará entre nós, digno e prodigioso, à espera de fundir-se, esparramar-se e ganhar o mundo, nas asas da emoção.

17.

Meu Grupo Escolar

Atravessei seus umbrais, pela primeira vez, em março de 1946. E a mais forte emoção que me dominou foi provocada por sua notoriedade e exuberância. Não sei se pelo tamanho do prédio; se pela imponência do nome estampado no pórtico em letras garrafais; ou se pela expectativa da nova condição que aquele ingresso representava. Mais provavelmente, foi uma mescla de tudo isso, aliada ao emaranhado de sensações que uma criança de sete anos mal sabia definir.

Minha primeira escola foi batizada com um nome extenso, que me impressionava e infundia respeito: Grupo Escolar José Clemente Pereira. Hoje, sua denominação é ainda mais esticada: Escola Estadual de 1º e 2º graus José Clemente Pereira.

A vida estudantil da irrequieta menina começou sem sustos. Sem tensões. O coração batendo forte. Mas não era de receio, e sim de prazer e expectativa. Hora gloriosa de aprender a ler, de conhecer os mestres, de travar novas amizades.

– Quem será a minha professora? – essa era a indagação que me fazia intimamente, no meu primeiro dia de contato com a escola.

Para surpresa minha e dos colegas de classe, foi-nos apresentado um homem, louro, jovem, de estatura mediana e semblante risonho. Nosso professor chamava-se Eduardo Becker Cordeiro.

Foi um alfabetizador notável. Muito habilidoso no trato com os pequenos estudantes. Simpático por natureza, usou seu charme para cativá-los, e assim facilitar o domínio do alfabeto e dos algarismos. Foi ele que me ensinou a ler, despertando em mim um prazer insaciável que até hoje perdura.

Nos anos que se seguiram, travei contato com outros nobres educadores: no segundo, com o professor Fidêncio, o Pô (apelido que lhe deu o carinho das crianças); no terceiro, com a Dona Vitória; no quarto, com a Dona Lígia. Ambas mulheres e profissionais carismáticas, reverenciadas até hoje num cantinho secreto do coração. E havia ainda a Dona Amélia, que lecionava para o quinto ano, pois era essa a duração do curso primário.

Mas a legislação permitia o ingresso no curso ginasial, sem a conclusão do ensino básico, e meus pais optaram por essa segunda via. Seu Luizim (era esse o apelido de meu pai) levou-me, então, em 1950, a prestar o exame de admissão, no Ginásio N. S. Aparecida, em Carazinho. Por isso não tive a satisfação de privar da sabedoria da Dona Amélia.

De todas as saborosas lembranças que guardo do meu Grupo Escolar, sem dúvida, a mais definida, consistente e primorosa é a da sua biblioteca. As estantes não escondiam apenas belas histórias, cheias de aventuras e peripécias. Também nos ofereciam a chave para o mundo mágico que existia além das fronteiras da escola e do convívio familiar. Um cofre encantado, onde uma fada-madrinha escondia as mais encantadoras surpresas. Títulos como Juca e Chico, Sinhazinha e Maricota, O Porquinho Dorminhoco e outros, provocavam disputas entre a garotada, na hora de saírem da estante.

A memória revive também – com orgulho incontido – as comemorações e os desfiles da Semana da Pátria. Guarda-pó impecavelmente branco. Pelotões rigorosamente alinhados. Bandeira tremulando ao vento. O mastro, imponente e marcial, conduzido pelos próprios alunos. O Hino, cantava-se com a mão direita sobre o peito. Um cerimonial que fundia religiosidade e patriotismo, diante do pendão sagrado.

Por sua vez, o pátio da escola, que fora construída sobre o terreno de um antigo cemitério, representava um local respeitado e temido, que nos punha em sobressalto. De vez em quando, ao correr atrás de uma bola ou brincar de esconde-esconde, a menina se deparava com fragmentos de ossos humanos desenterrados pela ação do tempo.

Naqueles anos de poucos brinquedos e escassas diversões, o Clemente Pereira servia de ponto de encontro aos meninos e meninas do vilarejo. Ali, no vigor da puberdade, começava a descoberta da diferença entre os sexos, e o desabrochar dos ardores próprios da idade.

Esta escola, que marcou minha infância como a bigorna marca o ferro, tornou-se uma marca indelével e um legado valioso, para os anos futuros e para a vocação profissional que se manifestaria mais tarde.

Além de abrir-me as portas do conhecimento, o Clemente inseriu-me também na amplitude do convívio social, oportunizando o intercâmbio com outras crianças e originando vínculos afetivos, fortes e duradouros.

Meu mestre Eduardo! Mal sabias tu, naqueles longínquos anos, que, ao me ensinares os segredos da leitura e da escrita, me tornavas uma ave pressurosa e ávida de luz!

E tu, meu Grupo Escolar, por me haveres apontado os caminhos do conhecimento, iluminando-os com o facho da sabedoria, há de ficar morando para sempre, num cantinho secreto do meu coração!...

Os sonhos

Talvez você nunca tenha parado para pensar. Mas há duas modalidades de sonhos: os que se sonha dormindo e os que se sonha de olhos abertos.

Não saberia eu dizer qual deles é mais excelso, mais gratificante. A diferença, no entanto, é espantosa. Isso porque a morada de ambos se assenta sobre pilares infinitamente desiguais, como são o dia e a noite, a claridade e a escuridão.

Luminoso, atraente e provocador, ainda que chamuscado pela realidade, assim pode ser adjetivado o sonho do ideal, do emprego, do salário digno, da colação de grau, do amor correspondido, da família bem constituída, da amizade acima de qualquer suspeita.

É possível até que se converta em obsessão, desejo, busca, conquista. Tal a sua pluralidade e abrangência, que nem mesmo o céu lhe põe limites.

Sua cor, pela intensidade e refulgência, não há de ser outra que não o vermelho. Seu cheiro, uma mistura de jasmim e âmbar. O sabor, tão agradável como o das iguarias mais requintadas. Seu DNA, então, concentra o gene do aço.

Sonhar é beber estrelas imaginárias que, aos poucos, tomam o lugar da sede. É dar dimensão ao tempo, alargar seus limites e percorrer o universo como um cometa em ascensão. E, por traduzir-se em aspiração, desejo, impulso, tem muito a ver com o devaneio e a fantasia.

Ainda que fecundado pela imaginação, o sonho pode vir a ser tão palpável, a ponto de concretizar-se numa flor, numa joia, num encontro amoroso.

Há nele um cheiro supermaduro de colheita, como a emanação das searas impregnando o campo.

E, por crescer no âmago da alma humana, sua composição pode tanto comparar-se ao vidro como ao aço, à areia como à pólvora, ao fogo como à cinza.

Este é o sonho que move as hélices do mundo. Que lustra os cérebros brilhantes. Que caminha na vanguarda da história.

Por ele, os mártires e heróis entregam a vida, sem cobrar nada pela transação.

Um sonho assim fosforescente tem a vitalidade do Sol. A plasticidade da Lua. A atração irresistível das estrelas. Capaz de tripudiar da fraqueza, dá as costas ao medo e desafia a audácia.

Deveras, a um sonho desse quilate só a vitória satisfaz. E só os arrojados se dispõem a consagrá-lo, no altar do ideal perene-mente aceso.

Por sua vez, a segunda espécie de sonhos compara-se à lanterna de Diógenes. Fugaz, ilusória, e pateticamente inútil.

Enquanto se dorme, tudo pode acontecer em nosso subconsciente. Como criar objetos de desejo. Manipular fórmulas para a composição da felicidade. Adubar as cachopas do sucesso. Sentir emoção numa bailarina de caixinha musical.

Também ocorre o inverso, quando o hálito da morte nos ba-feja, quando o mar da traição afoga o sentimento, ou a má sorte debocha do impulso mais ardoroso.

Assim, pois, os sonhos vividos na inconsciência revelam-se circunstanciais. Sem lastro nem rastro, não merecem ser levados a sério. Todavia, tanto os filhos do pensamento como os filhos do sono movem o guindaste do tempo. Os primeiros para impulsionar o avanço da humanidade. Os últimos, para construir, entre o mar e o rochedo, inconsistentes castelos de areia.

Como expectativa da hora plena, do instante festivo, da aurora frondosa, o sonho há de ser sempre um colibri voando...

19.

Ouro em pó

Eclética é nossa caminhada pelas sinuosidades do destino, no sentido literal do termo. Uma empreitada daquelas que se bebe aos goles, curtos e intermitentes.

Às vezes eles nos engasgam. Outras, fazem regurgitar. Em qualquer das situações, temos de deglutir a jornada em seco, sem nenhum fresco de contraponto.

Ninguém vive, obviamente, só de pão e água. Como a ninguém é dado passar o dia numa banheira de espuma.

Assim, seria parcial esta reflexão, se não abordasse as miragens que também faíscam nas encruzilhadas. A alternância que disciplina a nossa existência, entre a ventura e o infortúnio. O aplauso e a condenação são tão típicos da condição humana, que fazem da travessia uma peregrinação constante, no encaicho de algo bom e positivo.

Com certeza, apresenta-se a vida como uma trilha de pedras e de avencas. Um caminhar com sandálias de espinho ou pantufas de grama.

Como referi, o ecletismo é um mote sempre presente na travessia. É o sal que tempera. O fogo que purifica. A chuva, que tanto pode nutrir o broto como afogá-lo e destruí-lo.

É verdade que, quanto melhor programada e balizada for a trajetória, maiores serão as chances de êxito, entendendo-se, por esse conceito, as benesses do bem-estar, da harmonia, da superação.

Mesmo inglória e toscamente convencional, a existência humana, seja qual for a sua cara, guarda um valor intrínseco. Uma meritória busca de espaços e coisas, cuja meta é sempre a felicidade. Ainda que, para alguns, ela represente um equívoco: coroa e cetro enferrujados, banquete de cicuta e fel.

Mas, para nós, que envergamos as botas e o macacão, e brandimos o estandarte da ousadia, há sempre a resposta saudável da consciência. Seu aplauso e condecoração.

Não importam os trovões e os aguaceiros. Nem as noites betuminosas ou as tardes escaldantes. Vale tão-somente o regalo da vitória, que um dia virá, por consequência, como um cometa de cauda fulgurante, a salpicar sobre as nossas mazelas sua chuva de ouro em pó.

Espero que seja este o panorama no final da travessia.

20.

Atração pelos extremos

Havia um bando de fantasias sobrevoando os canteiros da minha meninice. E uma cesta transbordando expectativas acenava para o porvir, tão longínquo quanto desconhecido. Impulso de correr... Desejo de subir... As rédeas, todavia, eram extremamente

curtas, e manipuladas por fantasmas que povoavam o sono e me deixavam inquieta.

Obediência cega, brincadeiras sadias, modos de boa menina. Tudo na medida exata da educação rígida e vigilante.

Escondidos sob o patamar (havia ali uma portinhola secreta), uns poucos pedaços de bons propósitos. Como o impulso de ser uma boa menina. De respeitar as ordens. De falar sempre a verdade, mesmo que doesse a língua.

A educação – que mais tarde descobri, nos cursos de magistério, como um penhor e uma salvaguarda – se apresentava entremeada de proibições. De motes incompreensíveis e verdades absolutas. Uma ferrenha madrasta.

De boa família, a criança devia respeitar as regras. Não espiar conversa de adulto. Não espiar atrás da porta. Não falar de boca cheia. Não dormir sem lavar os pés. E ainda, manter as orelhas sempre limpas. Certamente, para que as repreensões tivessem passagem livre...

Tantas negativas e reprimendas, sem nenhum convencimento que as avaliasse, trucidavam a personalidade em formação. Afinal, seria o mundo tão severo, a ponto de inibir o entusiasmo, condenar o que parecia atraente e exigir sempre o que mais aporrinhava?

Na escola, reafirmavam-se os conceitos familiares. Uma pilha de obrigações, sem nenhuma trégua. Nem um naquinho sequer de liberdade.

Intransigente a educação, nas primeiras décadas do século XX! Para as crianças mais afoitas, de temperamento extrovertido, era quase uma mordaca a rigidez das normas.

Enérgicos os pais. Severos os mestres. Isso que não vivi o tempo da palmatória, que eles nos descreviam como um eficaz recurso educativo...

As crianças e jovens de hoje, com suas mochilas supertransadas, seus celulares enlouquecidos, seus estranhos piercings e tatuagens, cada vez mais prematuros, sequer conseguem imaginar a carranca dos costumes que cunhou a infância de seus avós.

Pai, mãe, mestre: figuras quase sobrenaturais que ninguém contestava. Tinha que querer bem, demonstrar respeito e obediência. A razão estava sempre com eles. E a gente se submetia, porque era assim que se processava o enredo da vida, a história do povo.

Afinal, não era isso que estava escrito no catecismo? Nos livros de contos infantis que amedrontavam os pequenos leitores?

Desobedeça, e sentirá o peso do castigo! Tem bruxa traçoeira. Tem lobo mau. Madrasta sem coração e raposa disfarçada de boazinha.

Uma blindagem quase total, que fazia a criançada temer até a revelação de seus dotes e pendores.

Oh! meus meninos! Se vocês apenas vislumbrassem a nossa mortificação, naquelas eras de preceitos arraigados, como entenderiam as minhas preocupações de agora!

Por que será que o ser humano tem uma atração fatal pelos extremos?

21.

A velha do rádio

Todos os dias e o dia todo, ela senta no mesmo lugar. Na companhia apenas de um radinho de pilha, fora de sintonia, tocando músicas chiadas. Por vezes, acho que a vida parou ali. Na esquina do prédio. Na porta do Banco.

Como uma criança quando embala a boneca, a velhinha embala o corpo assentada na pedra fria. Mais gélida que ela, só a indiferença dos transeuntes.

A mística da solitária mulher tem uma causa: o abandono. É uma consequência: a indiferença.

Ninguém que passa por ela tira do peito um cumprimento gentil. No máximo, tira da bolsa uma moeda. E oferece de longe, para não sentir o bodum, que traçou um círculo ao redor da pobre. Um círculo que ninguém deseja romper. Que todos tratam de respeitar.

Ela e seu radinho. Ela e seu corpo rijo ao som gasto de uma canção qualquer. Ela e seus olhos fixos que nem sabem em quê. A visão morta de quem desaprendeu a percepção. Uma vela no toco. Quase totalmente derretida.

Não creio que tenha família, lar, afeto. Sua casa é a rua. Seus entes, as pessoas que passam sem percebê-la, menos ainda, senti-la.

Contudo, a velhinha parece feliz. Ali, no seu espaço tradicional.

Afinal, um lugar reservado para ver o mundo, cheio de gente, de cores, de coisas indecifráveis, que riem nas vitrines, é um privilégio!

Esse é, de fato, um quadro legítimo. Aqueles pintados a mão, óleo sobre tela, são perenes, imutáveis. Não enrugam. Não cai a cor. Ao passo que, corpo de gente sobre a mureta da calçada, pode não estar ali amanhã. E alma de gente, então, dessa gente sem eira nem beira, quem sabe desvendar o fatalismo do seu futuro?

Eu dizia que é legítimo o quadro. E explico: Nele mora a verdade, incisiva e arguta. Muda e loquaz. Nele a alma sem máscara, o corpo sem truques.

Pois não é que a velha do radinho me faz lembrar dos filósofos? Das suas intrincadas teorias? Dos seus sofismas mais que retorcidos?

Enquanto outros circulam diante daquela figura tosca, alheios à sua beleza cáustica, cá estou eu, alcoolizada na contemplação, fora do ar, digerindo a cena da crua e infensa degradação. Isso que fomos criados, segundo as escrituras, à imagem e semelhança de Deus!

Fico imaginando, se assim não fosse, como seria a velhinha? Uma bela dama sobre um salto agulha? Coberta de balangandãs? Sorrindo da própria elegância?

Vocês estão percebendo: tenho mesmo uns repentes sadomasoquistas. Gosto mais da velha do rádio. Do seu olhar intacto, da tez curtida, da saia sem corte, do som cabreiro.

Estou satisfeita. Hoje foi um dia especial. Daqueles que casam com o nosso destino e o marcam para sempre.

22.

Aviso de chegada

Precisamente quando o crepúsculo, com seu disfarce nada convencional de atrativas nuances, se apresenta diante de nós, com a notícia de que o tempo está enveredando para o final, começam a vingar paisagens novas em nosso entorno.

A primeira reação vem das estrelas. Em vez do pisca-pisca costumeiro, tão débil que mal lhes vejo o roçar das pálpebras, ostentam elas um brilho de cometa, com direito a cauda e passeio pelo céu.

E assim começa uma procissão de carruagens luminosas, que vêm e vão, chegam e partem. Não só me acendem o caminho, mas deixam cair fagulhas, cisquinhos de ouro, que eu recolho no bernal da minha empolgação.

Ainda sinto o crepitar das faíscas, e já um conclave, de todas as flores esparramadas pelos jardins do universo, decide soltar ao vento sua fragrância. Uma pulsão rumorosa, um infinito ruflar de asas, de cores também infinitas. Embriaguez olfativa, total e inebriante.

Eu vou sorvendo, enfiando pelas narinas, até a síncope dos desejos, a quebra do mau-olhado. E pressinto a despedida da ferrugem, ao assomo felpudo dos aromas.

Mas a metamorfose está apenas engatinhando. É só pôr a emoção pra funcionar, abrir as comportas da sensibilidade, que logo-logo o céu passa a ser uma bênção.

As nuvens se transformam naquele véu de comunhão, rendado, finíssimo, que cobria a cabeça das donzelas ao ingressarem no templo, naquelas eras que já dobraram a esquina e se perderam nos meandros da história.

Os córregos inventam novos jogos de cintura.

As avezinhas, sob a regência do sol, maestro entusiasmado, fazem fila no alto dos fios, ensaiando revoadas, para delírio das minhas vidraças.

Restam os sinos da igreja, tão solenes como no término da guerra; os sorrisos das pessoas, emoldurando a flacidez dos lábios; e as teias do coração se esgarçando, à passagem da dama imperial, em sua carruagem de veludos e brilhos.

E assim, os elos da beleza universal se recompõem. A sensualidade dos afetos rebrota na caliça das almas. As mazelas e viscosidades se dissipam entre os vapores da alvorada.

Na porta, o aviso do síndico: A primavera chegou! Veio colorir as flores, abrir suas pétalas e perfumar o orvalho das manhãs...

O casarão

A casa se erguia, larga e fleumática, em suas linhas neoclássicas.

Janelas altas, portas solenes. Tudo em madeira de lei.

As varandas, onde se revelava o busto emproado das donzelas, eram a vitrine das jovens casadouras.

Nada que prenunciasse as grades modernas, as cercas eletrificadas, com seu cenho carrancudo de cárcere. Liberdade solta. Alegria e cor despencando das guirlandas de três-marias.

O ar e a luz, abundantes e castos, atravessavam os umbrais, se enrolavam na renda das cortinas, percorriam todos os cômodos.

Da cozinha, como de uma botica de múltiplas fragrâncias, exalava o cheiro bom das panelas, borbulhando, ao crepitar da lenha, ruidosa e seca.

A mesa de cedro, as cadeiras torneadas. Os consoles e espelhos, impecáveis na sua elegância de mármore e cristal.

E que dizer dos leitos de dosséis indecifráveis? Das cômodas abarrotadas de mistérios e requintados enxovais? Daquelas garbosas bacias de louça e seus jarros não menos imponentes, de conluio com os urinóis, vigias das madrugadas, sempre a postos?

Divinamente ladrilhados, os lustres refletiam a opulência dos palácios medievais.

Tudo solene, retaco, distintíssimo.

Um prazer morar ali, naquela miniatura de castelo, encimada sempre por um sobrado, esbanjando – ou escondendo? – bugigangas: retratos de família, acessórios fora de moda, fantasmas de assustar crianças, e uma poeira respeitosa protegendo tudo...

Infelizmente, para alegria de alguns e tristeza de muitos, o transcorrer frenético dos anos, e mesmo dos séculos, se encarregou de esmaecer toda essa pompa, essa magia das casas ancestrais, com seus adornos e arabescos.

O tempo e sua voracidade predatória não pedem licença nem mandam aviso. Simplesmente se instalam e põem-se a garimpar. O trabalho é lento, mas persistente e impiedoso.

Ora é um pedaço de reboco que se desprende, ora uma viga que esmorece, ora o cupim que se aloja no assoalho.

A decadência está prestes a brandir sua marreta criminosa. Não por acaso, como poderia parecer. Mas por descaso e desinteresse. A preservação da memória não figura na sua lista de valores.

E nós passamos, olhamos, lastimamos, e seguimos, remoendo um sentimento dúbio de dó e impotência.

De repente, a surpresa: terra arrasada!...

Restos de lembranças, cacos de vida, nada mais. Nem um naco de saudade gemendo entre os escombros...

Ao comando da urbanização, da modernidade, da incorporação de espaços nobres, num piscar de olhos, sepultou-se para sempre a fidalguia do velho casarão. Um enterro gélido, sem lágrimas nem condolências...

24.

Maré vazante

Blindou-me a vida para situações estressantes.

De tanto cavoucar a ansiedade e fingir-me de avestruz, acabei aprendendo com quantos dissabores se constrói um farol.

O amor, Lya Luft denominou de flor selvagem. A fé, São Paulo considerou morta, quando sem atitudes. A mansidão, para Mahatma Ghandi, representa o nó górdio da felicidade.

Tais sentenças, é óbvio, não nascem com a gente. Elas vão-se insinuando em nossas convicções, devagarinho e sem rodeios, como as gotículas de umidade que se formam na rocha e se desprendem no momento certo. Minúsculas, mas constantes. Um emblema de perseverança, criando, invariavelmente, o espetáculo da aclimação. Nessa hora crepuscular, nos tornamos flexíveis e tolerantes.

E como é bom ver, ouvir, captar, sem deixar-se afligir, as mensagens espalhadas pelo universo! Uma conquista das mais penosas, mas também das mais curativas.

Isso não significa que a maré de ondas e ressacas me tornou indolente e fria. Pelo contrário, descobro-me, nesta hora crepuscu-

lar, mais cálida e envolvente. Mais receptiva e determinada. Deve ser a própria prensa do tempo que nos amolda para o sossego e nos corta as beiradas imbecis. Acho isso um tesão. Uma vitória de dar inveja às mais ilustres celebridades da ciência.

Mas, ter o corpo e a alma blindados não significa isolar-se na trincheira do ostracismo, ou deixar que o mundo passe ao largo das nossas sensações. Também não quer dizer fechar os olhos para não ver o arco-íris, depois que a chuva cessou. Essa não é uma blindagem saudável. A mais preciosa aquisição do ser humano é o germinar das suas aptidões enroscadas na cerca da sua fragilidade.

O que vejo pairar agora sobre as colinas da minha inconstância é a bandeira do discernimento. O holofote da ponderação. Tudo o mais se faz minúsculo ante a bem sucedida profilaxia de ingerir e distribuir as cápsulas da paz.

Em fase de maré vazante, o húmus da fertilidade esbanja seus condimentos, que revigoram novas florações. Até a Lua assume um instinto maternal e acolhe, no colo gordo de suavidade, as estrelinhas que andavam desgarradas.

25.

O rei malévolo

Quando o rei Sol nasce, a cada manhã, cheio de pontas e dedos, ninguém olha para ele, com medo de ser picado ou agarrado.

Se ele será bom ou mau, calmo ou irado, no decorrer do dia, isso vai depender de como passou a noite.

Ao invés de dormir, não terá ele frequentado a zona das bacanais, que fica do outro lado do cerro azul? Tão azul, por todos os lados, que chega a dar uma vertigem azulada...

Ou, quem sabe, esteve empenhado em roçar as asas de anjos decaídos, ao som de coros escatológicos, para sentir na carne o arrepio da degradação?

Nada como um dia depois do outro, para que ele e suas pontiagudas flechas de fogo resolvam incendiar ou somente aquecer.

Tudo a seu redor, por baixo, por cima, pelos lados, ri aquele riso irônico que emana poder e majestade. Isso porque, do alto

de seu trono cabalístico, ele se compraz em contemplar o mundo arriado e submisso às ordens que ele dá.

Como pode ele ser tão intolerante, a ponto de gozar com a desgraça e castigar só por masoquismo?

Quantos forasteiros, incautos como criancinhas, já derreteram em suas brasas, enquanto o monarca se delicia só de ouvir o gemido!

E outros tantos celeiros de grãos arruinou o rei malévolu, pelo puro prazer de ouvir os estalos, secar o sêmen da maturação, desintegrar as moléculas da vida. Tudo por julgar-se soberano de espaços sem fim. E porque foi assim estabelecido na pia batismal.

A nós, não nos resta alternativa, além de esconder o rosto sob o chapéu, jogar nos ombros o xale da sombra, descompensar os graus da fornalha.

À medida que avança na órbita das chamas, mais predador se torna, mais malévolu na erupção do câncer e na ruína da pele desamparada.

Só porque tem um reinado do tamanho do mundo, acha que pode tudo, até assar-nos vivos nas brasas da fogueira, como fizeram com Joana d'Arc?

Quem foi que o colocou no céu, assim brilhante e dominador?
Xô, Satanás! Você errou o endereço do inferno!

26.

Gravidez tardia

Está grávida a minha esperança.

Desde que reencontrei na várzea, dezenas de anos depois, o sorriso da magnólia, com seus dentes brancos à mostra, compreendi que meu peito está vivendo uma fartura de júbilo, e reluzindo a cada adormecer como se uma estrela fosse.

Trata-se de uma gravidez tardia, é verdade. Mas impregnada de surpresas que, noite e dia, provocam aquele regozijo espiralado, que me envolve toda em uma nuvem de incenso.

Esperança de útero repleto... Esperança amadurecendo... Esperança adoçando caminhos... Materna e plena de leite, para que a cria floresça radiosa e saudável.

Com que nome será batizado o filho gestado pela esperança?

Neste ponto, força-me o inusitado a consultar a deusa da fertilidade, que ela saberá nominar, com exatidão, a valiosa descendência.

Por ora, atendo-me a absorver-lhe o hálito, a cochichar suspiros de expectativa, a estremecer a seus ruídos cavos.

Parodiando o nobre Drummond, que definiu o cisne como “um pato parnasiano, com pescoço em alexandrino”, atrevo-me a forjar a tese de que o rebento da esperança há de ser uma gazela romântica, saltitando sobre a relva da poesia, vestida de cândidas metáforas.

Em meio a serestas de néons, a sons crepusculares, a pétalas de veludo, a velha/jovem mãe dará vida a uma gema inestimável, amada e desejada desde antes da concepção.

E enquanto sua hora não chega e o parto não acontece, queda-se a escutar as vozes do silêncio, permeado de vibrações que fremem de ansiedade o corpo todo.

Gravidez de esperança, um novo jeito de fecundar a vida, uma nova fórmula de engordar o amor...

27.

Tempo de viver

Vivo perseguindo os ponteiros. Ansiosa, insatisfeita, quero detê-los, paralisá-los.

Eles me dizem que não. Que têm uma meta a cumprir: seguir em frente. É uma certeza: o amanhã inexistente.

Mesmo discordando, faço de conta que me convencem. Mas, bem no fundo do meu mar pesado – de algas sombrias e sereias chocas –, vislumbro que o tempo é uma armadilha. Feita de espelhos, mostra-me imagens que não quero ver. Feita de vozes, dá-me informações que prefiro ignorar. Decidi então pela fleugma: olhos míopes e ouvidos moucos! Que dupla sensorial, com o dom de contrapor-se à rigidez dos marcadores!

Afinal, se o tempo pretende disparar, que vá! Dou-lhe passagem, embora a contragosto. E fico aqui a lamentá-lo, arreliada por vê-lo comendo cru. Tal é sua afobação e impertinência.

Por que inventaram o relógio? Quem foi esse desmancha-prazer?

Um dia depois do outro, chegando, resfolegando, partindo... Sem arruaças. Sem sobressaltos. Um vai, outro vem. Como um barco à deriva, que a onda balança e devolve à praia... Eis como seria o mundo, sem o estorvo policialesco que tudo comanda: o despertar, o alimentar-se, o trabalhar, o namorar, o dormir...

O tempo, na sua substância, é uma convenção infinita. Dia, noite. Noite, dia. Com seus dígitos a compassar as horas. Com seus marcos a delimitar os passos. Que são vários: o da chegada, o da empolgação ou da derrocada, e o da partida.

Para alguns, vem generoso e pródigo: “Está bem! Fica mais um pouco! Concordo com o teu desejo!”

Para outros, impulsivo e drástico: “ Anda, que é tua vez! Nada de atrasos, que o dia vai alto e o sino já tocou...”

E os refletores da vida – que é um circo – se estatelam no picadeiro – que é uma arena...

Quanto a mim, eis que o tempo se curva à minha insistência, e me concede a graça de sorver mais um bocado os sabores de cá. E esta sua deferência marca-me profundamente. Descubro de imediato o quanto seria hostil, se eu tivesse sido empurrada para a vala comum. Mas não. Fui agraciada com um plus de horas, dias, anos. Estou além da quota e me deslumbra a vitalidade excedente. O amor excedente. Fui alforriada, e minha estrela se alojou numa órbita de incandescências.

Nesta hora, com a prerrogativa deferida e carimbada, meu tempo já não sofre de enxaquecas. Não exagera no arranque e breca a ousadia. Sou livre para digeri-lo pelas vias da serenidade. E, com sua bênção, prossigo lerda e mansamente, sobre a pátina do lago, agora um cristal de fulguração incomum.

Privilégio dos deuses! Os ponteiros, a passo de lesma, finalmente compreenderam que existe o depois. É que ele pode vir com uma preguiça incrível, sem a mínima vontade de aportar.

É tempo de sorrir e de colher a vida, que suas espigas já transbordam o sumo da felicidade...

Pai e filho

No colégio das freiras, o aprendizado era eclético. A uma cidadã do futuro não poderiam faltar lições fundamentais de civilidade, disciplina, dedicação aos livros, trabalhos manuais. Além, é claro, da ênfase no esporte e na reza. Esta se fazia o dia todo: no dormitório, no refeitório, na sala de estudo, no início e no fim das aulas. Mas o ponto alto era a missa diária, cedinho, em fila indiana e véu branco cobrindo a cabeça.

A formação do caráter perpassava todas as atividades. Rígida e exigente como um compêndio de moral.

Na escola, só frequentada por meninas, as salas viviam atulhadas. Beirava a casa dos cinquenta a lotação de cada classe.

Aprendia-se no ginásio um elenco razoável de disciplinas. Desde as ciências, a história sagrada e a ginástica, até os idiomas, pátrio e estrangeiros. Entre estes, dois vivos e um morto.

Era estranho para uma garota de onze anos ter de estudar uma língua morta. (Se morreu, por que não a deixam descansar em paz?). Ah! – acudia prontamente a mestra – acontece que o latim é o pai do português.

Pois sim. Conheci pais de amigas que, depois de falecidos, foram parar no cemitério e nunca mais voltaram de lá.

Mesmo assim, o defunto me despertava simpatia. Seria uma atração mórbida? – Absolutamente, não.

A gramática latina tinha o condão de provocar os brios da meninada. Instigar à competição. Desafiar a inteligência e a memória. A compreensão de seus enigmas era mesmo um ato de coragem.

Uma verdadeira provocação as suas declinações, de melódicas desinências, escandidas como se fossem versos (libri, librorum, libris, libros, libri, libris). Assim era o plural da palavra livro, do nominativo até o ablativo, de acordo com a função sintática exercida no contexto da frase. Seus conetivos, a gente recitava como um cantochão em ofício de requiem (ante, apud, ad, adversus, circum, circa, citra, cis...). Suas conjugações verbais obrigavam a língua a manobras mirabolantes sobre tempos e modos, ritmicamente decorados. Enfim, eram vogais explodindo na garganta, e

consoantes mudas se enfiando entre os dentes. Tudo imponente e solene, como as missas, também rezadas em latim. Sursum, corda!

Ora, ora, depois de quatro anos ressuscitando a mais antiga (e também inculca e bela) flor do Lácio, já íntima do tal idioma inanimado, passei a gostar dos seus trejeitos. E decorar tornou-se uma diversão. Um treino que me conferia, entre as colegas, o status de linguista-mor.

A escola moderna extinguiu essa prática. Nada mais se decora *ipsis litteris*, sob o argumento de que a excelência do entendimento supera e muito a memorização.

Mas que ela possuía suas vantagens, isso ninguém contesta. O que se aprendeu com a técnica da decoreba mantém-se até hoje, nas prateleiras do subconsciente. Basta um aceno, e tudo vem à tona com presteza, sem marcas de senilidade nem de corrosão.

Digam vocês, os mais familiarizados com certos padrões linguísticos do português, que é um dos filhos do velho idioma: o latim é ou não é um facilitador da sinonímia e da ortografia?

E os códigos do Direito, com sua opulenta linguagem processual, não são um contínuo revitalizante de expressões e fórmulas latinas (*data venia, jus eundi, ad hoc, sine die*)? – Ô língua dura de morrer!

E não me venham com a apologia daquele pretenso idioma universal. De sua supremacia nas relações internacionais. Nas áreas da tecnologia e do turismo. E por aí afora. Nem ele, nem outros que a modernidade queira prestigiar, têm aquela consistência de semivelado mistério. De lembranças preservadas na adega da saudade, sempre dispostas a oferecer seu vinho mais puro.

Não era à-toa que o livro didático se intitulava *Ludus* (isto é, brinquedo). Tudo não passava, realmente, de um jogo divertido e inesquecível.

29.

Encontro marcado

A escola desvenda muitos caminhos. Um deles, de significativa repercussão, é, sem dúvida, o da escrita.

Quem escreve é levado a isolar-se da agitação, a pensar, a refletir. Quem escreve concentra-se, analisa, raciocina, apresenta

soluções próprias, aprende a ver com profundidade, descobre o valor relativo das coisas e põe às claras muitos enganos e sofismas.

Escrever é ainda um meio adequado de formação da personalidade do indivíduo, como ser livre, pensante, e intimamente realizado. É lutar contra aqueles que impingem fórmulas prontas, em substituição aos pensamentos individuais.

Acima de tudo, é muito gratificante conquistar a escrita; dominar os recursos da palavra; ver as próprias ideias expressas a serviço da cultura, da união entre os povos, da valorização do que realmente tem importância.

Olhar atentamente para os objetos, reinaugurando seus contornos, formas e cores; e para as pessoas, introjetando seus dramas, anseios e indagações, é um permanente aprendizado do mundo e da capacidade de perceber e imaginar. Sob esse prisma, a literatura torna-se um produto de utilidade pública historicamente necessário.

Ao contrário da fala, que é transindividual, o ato de escrever é profundamente solitário. Um empreendimento único, fruto de muito trabalho, reflexão e persistência.

Segundo autores consagrados, escrever “implica num encontro marcado com a vida, com a emoção”. Pode-se, portanto, definir a escrita como a função emotiva da linguagem assentada em base sensorial, uma vez que possui o dom de tramar as sensações em magistral sinestesia. Veja-se a original percepção do tato que o mencionado autor revela quando escreve: “A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Uma emoção de duplo contato.”

São exatamente as experiências de liberação do pensamento e da linguagem que aproximam, umbilicalmente, o escrever, do viver. Um processo que leva o escritor a enfrentar os obstáculos que se interpõem entre a mudez e a melodia, entre o corriqueiro e o mágico.

Por outro lado, quem escreve não lida apenas com elementos conhecidos. Aos componentes familiares e repetitivos dá novos significados. Mescla suas impressões, palpáveis ou imaginárias, com as de seus interlocutores. Conversa consigo mesmo, com os ausentes e até com os mortos. Esse diálogo com o inconsciente

acaba gerando nele um transe exaustivo e atemorizador, de tal sorte que, além de gratificar, pode também mortificá-lo.

Clarice Lispector, ao escrever *Um sopro de vida*, demonstrou isso como ninguém:

“Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto... Para escrever, tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou uma escritora que tem medo da cilada das palavras. Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço.”

Evidencia-se, nesse desabafo, que o ato de escrever não é apenas um ato de prazer, mas é igualmente um ato de tensão, com nuances e gradações. Por ser um mergulho no que o sujeito tem de mais profundo, torna-se um gesto temerário. Em geral, paradoxalmente, o autor faz de tudo para evitar que isso aconteça. Fica por ali remanchando, disfarçando, fingindo que não é com ele, pois sabe que, na hora em que começar, vai entrar numa relação vital com suas forças invisíveis. Ele sabe que aquele é um ato de entrega, como um ato sexual, como um arrebatamento místico. Assim, quando alguém está em clima de criação, é como se estivesse numa vertigem. Se tem que parar para almoçar ou atender a um compromisso, a cabeça continua rodando. Na rua ou no trabalho, sua atenção está em outra pauta e ele olha o mundo como por trás de um vidro.

Mas é óbvio que escrever pode ser também uma atividade alegre e lúdica. Quem escreve comédias, certas crônicas e romances, pode divertir-se muito durante a tarefa, apesar da ansiedade provocada pela organização de um trabalho dessa natureza. Isso aconteceu, por exemplo, com Jorge Amado, como ele mesmo confessou ao escrever o seu *Dona Flor e seus dois Maridos*. Volta e meia surpreendia-se, dizendo: “Mas que safada essa Dona Flor!” E divertia-se com a autonomia e a desenvoltura de sua personagem.

Por conseguinte, o ato de escrever assume virtualidades múltiplas. Proust precisou forrar seu quarto com cortiça, não apenas por ser asmático, mas porque não queria ouvir ruído algum do mundo exterior. Por sua vez, o nosso Aluísio de Azevedo, quando decidiu escrever *O Cortiço*, mudou-se para perto de um, ficou

estudando como os operários trabalhavam numa pedreira, fez desenhos e esboços de seus personagens, para dar mais realidade a seu texto. E Guimarães Rosa, segundo se conhece, fazia minuciosos fichários sobre tipos de árvores e pássaros do sertão e inseria essas observações em suas novelas. Clarice Lispector diz ter escrito *A Maçã no Escuro*, com a máquina de escrever sobre o colo, na cozinha de sua casa. Já Marilice Costi, poeta passo-fundense, confessa o nascimento de seus primeiros poemas entre vassouras, fraldas e mamadeiras. Diz-se também que Eça de Queirós e Hemingway escreviam de pé. Outros mantêm caneta e papel sobre o criado-mudo, para que não lhes fujam as inspirações da madrugada.

Deveras, uma obra literária será sempre um fenômeno fascinante da lucidez e da paixão, que se convertem em linguagem e empolgam. Um encontro marcado entre o autor e sua obra, e entre esta e seu leitor. O que ocorre então entre eles, nesse intercâmbio de prazer e simpatia, é o fenômeno fascinante da lucidez e da paixão que, por meio da linguagem, motiva e empolga. Não há fórmulas nem receitas prontas para chegar-se a essa prática. Apenas a vontade de fazer, refazer e melhorar o que foi escrito, a fim de depurar os significados, vestindo-os de conotações, ao mesmo tempo inusitadas e perturbadoras.

Escrever é deveras um ato de catarse e redenção...

30.

Ele, o caráter

Incrível a diversidade de caráter entre os seres humanos. (Devia dizer caracteres, mas o termo sugere então outras conotações, que não a que se pretende nesta reflexão.)

Qual é então o plural de caráter, ao discorrer sobre o meu, o teu, o dele? – Minha rica língua portuguesa, que te revelas pobre, quando me deixas na mão!...

Pois bem, vamos ao ponto. E já que o vocábulo me nega fogo, apelarei a seu irmão bastardo para definir meu pensamento.

Índole. – Claro! O dicionário é um bom conselheiro! – Refletir sobre a diversidade de índoles que se observa no dia a dia das pessoas. Esse é meu intento, neste arrazoado inconsequente.

Alguns indivíduos dizem o que pensam. São cristalinos nas suas afirmações. Cérebro e língua em sintonia. Não fingem. Não enrolam. E, por pisarem firme, e por não temerem o revide, quase sempre se estrepam. Não se pode dizer que essas pessoas tenham má índole. O que lhes falta é discernimento, equilíbrio. São levianas e displicentes, a despeito de um caráter honesto.

O segundo time é aquele que joga sujo. À vista de todos, só amabilidade e afetação. Atitudes e palavras esterilizadas, enquadradas no esquema. Qualquer um tende a inseri-lo no rol dos amigos. Mas – cuidado! – o perigo mora perto. Urge detectar a índole, apalpando os hábitos e mensurando o peso do egoísmo. Essa turma ataca pelas costas. E o bote é sempre certo e cruel.

O contraponto a essas duas categorias é a índole sincera. Aquela que se relaciona sem subterfúgios, olho no olho. Que preza a lealdade e preserva o bom convívio. Que emprega, na hora certa, a palavra adequada, o gesto convincente. Cordata e prudente, semeia harmonia e colhe serenidade nos canteiros por onde passa.

O caráter, por ser intrínseco à natureza de cada um, cria anticorpos à defesa de sua verdade, do seu mito particular. O que faz com que seus conceitos, práticas e relacionamentos ocorram de forma concêntrica, em torno do paradigma escolhido.

Tenho dúvidas se a espiritualidade consegue ou não modificar o caráter do homem. Nesse assunto, sou adepta do determinismo. O indivíduo nasce com predisposição a ser íntegro ou ser cafajeste. Só uma camisa de força conseguirá alterar tal tendência. Mas não sem o concurso de vários outros fatores, como a participação efetiva da família, da escola e da sociedade.

Ainda assim, o milagre nem sempre acontece.

Nem a educação consegue modificar o caráter (ou a índole). Daí a classificação da humanidade em dois grupos de indivíduos: os de bom e os de mau caráter. Neste jogo, não existe coluna do meio.

Tragédia urbana

Olho em derredor e alguma coisa me diz que a bomba vai explodir no shopping.

Viro o rosto para o lado e percebo que as flores da praça começam a murchar.

Quando desço do ônibus, sinto um prenúncio de turbulência no ar.

Se me dirijo ao Banco, dou-me conta de que todos apertam o passo, engolem em seco, andam como sonâmbulos. Parecem alienados e ausentes. Não percebem ninguém. Não identificam ninguém.

Nem mesmo as luzes que faíscam nas vitrines despertam a faixa romântica dos transeuntes, sejam homens ou mulheres.

Enchem-se os bares de gente, mas essa gente é tensa. Fechada na casca. Rindo aquele riso desmaiado, somente para engambelar ou, talvez, para marcar presença.

Grupos aqui e acolá, batendo papo, sim, mas para fraudar o estresse. Não para estreitar laços, amadurecer sentimentos.

Deus meu, que será que está acontecendo?

O sol se desmancha em carvão. A humanidade descarrila seu comboio de ideais e projetos, que descambam para o precipício.

Onde o sorriso gratuito? O colo fumegando incenso? O abraço da amizade embebida de cordialidade e bem-querer?

Todos mudos. Cegos. Inodoros. Apáticos. E perseguidos por diabos oferecendo carta de alforria. Nem o catador de lixo, com sua geringonça, se sente à vontade na boca do caos.

Eu disse caos? – Isso mesmo. É como defino essa ciranda de autômatos.

Entes que passam sem tempo. Sem chama. Sem brio. Enquanto as ruas palpítam, os carros buzina e os expositores aceenam, o mundo gira e range a perda de sua identidade, fora do eixo, desarticulado e cínico.

Rude tornou-se a vida no torvelinho dos rostos sem face. Sem nome.

Chama-se a isso destino?
Paro. Penso. Apalpo-me...
Prefiro chamar de tragédia.

32.

Obreira da linguagem

A lídima obreira da linguagem mora nas sinuosidades do cérebro.

É dali que parte, qual borboleta de gíngas e mandingas, para sobrevoar as colinas da comunicação humana.

Mesmo quando vem turva ou fosca, com ranço de beijo traidor, exalando a saburra da falsidade ou da injúria, a palavra cumpre fielmente seu papel.

Ao tanger como o badalo na torre, retumbante e plena de sol, faz-se lume e sonoridade. Ora se apresenta como um anel cravejado de pedrarias. Ora como uma rosa sussurrando seu aroma. Ora é mel adoçando o favo.

Ninguém como ela tem o dom da abundância. O poder da persuasão. A promessa da informação e do entendimento, sempre tão espessa quanto etérea.

Privilégio do ser humano, a palavra só entra em cena quando solicitada, pois a submissão e a docilidade são seus mais notáveis atributos.

Como semente das ideias e concepções, de fórmulas e ensinamentos, a palavra germina nas folhas do livro que, sábio e previdente, está cheio delas. Basta um estalo da vontade e eis que surgem viçosas, inchadas de significados, borbulhando suas gotas, ora suaves, ora barulhentas.

Seu ecletismo pode, outrossim, induzi-la a práticas subversivas, sem uma pontinha sequer de discrição. Daí ser capaz de apresentar-se inflada de malícia, quando promove a calúnia, a ofensa, a intriga e tantas outras feiuras que se escondem nas gavetas do vernáculo. Uma conduta de menina caprichosa e mal-educada.

Mas, a despeito dessa faceta censurável, reconheço como um evento milagroso a heroica resistência da palavra aos modismos

frenéticos que a enxovalham, e ao gatilho da conversação monossilábica, torta e estrábica.

E, apesar de seu emprego nem sempre afetuoso, nem sempre elogiável, ela continuará sendo como o pão e o vinho, por representar tanto o trabalho como a festa, tanto o alimento como a diversão.

Ajude-me, pois, a salvar a palavra, meu confrade poeta, meu amigo escritor! Ela é o seu bisturi, o fio indutor de sua arte, sua catarse e sua tenda. Mesmo quando lhe expulsa o sono e o comicha igual a uma pulga. É próprio de sua índole ser irrequieta e insatisfeita. Não a deixe à mercê dos saqueadores e corruptores. Por sua natureza de donzela casta, ela não merece ser profanada.

Outrossim, também não permita, você que a utiliza como instrumento de trabalho, que a palavra seja extinta ou saqueada, pelo uso abusivo de estrangeirismos e sincopes. E menos ainda pelo aviltamento de seus dotes, ou seja, de seu colorido semântico e fonético, que lhe transmitem sonoridade e beleza.

Nós necessitamos dela, sem a apoplexia do desleixo e da ignorância. Não balofa, xereta e malcriada, mas íntegra e eloquente.

Viva, pois, a palavra, por sua riqueza semântica e pela fantástica vocação de aproximar os povos, difundindo a cultura, a amizade, a comunicação sem interferências.

33.

Ídolos

Olho-o como quem vê um herói. O peito arfante. A mente a divagar entre ilusões secretas e sonhos longínquos. Se é que há lugar para devaneios naquele peito forrado de medalhas!

As condecorações disputam espaço no verde-oliva da farda. Sobre o reluzente patamar das botinas, ele observa o mundo com orgulho. O quepe, apumado em seu lugar de praxe, dá a ele poder e força. Que altivez! Que disciplina! Chega a ser excitante, para não dizer, erótico.

Por que tanta devoção desabrocha de meus olhos, ouvidos, nariz, boca e coração? Por que tal sortilégio nas insígnias do unifor-

me? No magnetismo do porte? Será ele um emissário do Olimpo?
Um maratonista laureado?

Ou seria este o homem dos meus sonhos? O cavaleiro errante dos meus delírios sentimentais? Lindo, fulgurante, sobranceiro! Causa de excitação e medo... De entusiasmos e desânimo... De chama crepitante e cinzas mortas...

Não sei de onde vem tal atração. O motivo de tamanho fascínio, quando percebo a figura ímpar do valoroso, solene e intrépido senhor das condecorações. O mesmo que recebe continência, dá ordens, revista a tropa.

Estou achando que, em épocas remotas, talvez em encarnações passadas, deram-me um porre de militarismo. E é assim mesmo que age a cachaça. Pega. Vicia. Não larga mais. A tirania etílica e a prisão perpétua moram na mesma cela. Sem direito a fiança nem anistia.

Ora bolas! De que me vale especular com meus botões? Ficar babando sobre a figura augusta e intocável daquele homem de bronze, aquartelado entre as medalhas e o pendão da pátria? Eu, uma Joana qualquer, perdida num burburinho de anônimos. De autômatos. De pusilânimes. Minhas conquistas não alcançarão jamais a soberania do quepe, a rutilância das insígnias, a intrepidez das armas.

Sou como uma avenca a roçar as patas de um gigante. Mas juro que terei de ser discreta, ainda que reverente. A postos, farei continência a meu ídolo de cera, embora distante e inatingível.

Cá estou, pois, à procura do homem cujo encantamento seja um amor real, possível de ser apalpado e sorvido, beliscado e abraçado, pois as divisas me convenceram que sua atração é falsa, e seu brilho, inatingível. E eu ando à cata de um amor soberano, fulgurante e sólido, incondicionalmente capaz de me seduzir e de quebrar, pelos séculos dos séculos, o fetiche deste meu inútil, frágil e inveterado fascínio.

A nau dos desvalidos

Algum de vocês já viu alguém satisfeito, além daquela porta, enfartada de punções e enfermidades? Da porta robusta, de entrada proibida, com suas chaves e trancas, que ocultam a fragilidade e a desesperança? Ou além das máscaras contaminadas por bactérias e desilusões?

Se você me disser que já viu a felicidade andando pelos corredores do infortúnio, ou estatelada no leito de lívida brancura, eu lhe respondo que é mentira. Deu para mentir agora, depois de ter percorrido as escadarias da Terra Santa, o deserto pedregoso de Petra, as ruas anárquicas do surpreendente Egito, e a desolação esparramada em meio às brasas dos crematórios indianos?

Logo você que sempre deu exemplo de sinceridade e retidão! Que nunca descumpriu o dever de casa! Que tomou todos os remédios que lhe prescreveram e deu esmola aos mais necessitados! E, trabalhadora contumaz, jamais se envolveu com a máfia dos gazeteiros!

Eu sei que você esconde no peito um coração tão limpo, tão brando, tão sonso, que é capaz de achar que viu a felicidade deitada no ataúde, só para concordar. Mas, desta vez, desconfio. É falso o testemunho. Aquele lugar que me propus a descrever é horrível. E a porta, como dizia, assemelha-se ao átrio do inferno.

Pare no degrau e observe. Quem entra? Quem sai?

A alvura do jaleco asséptico corta o olhar e chega a provocar tontura. O estetoscópio, suspenso no peito como um colar, ou uma medalha olímpica, conspira contra o sorriso. Este, de tão esquisito, até se confunde com o choro, quando vai além das medidas. E iguala-se a um esgar enviesado e grosso de indefinições.

Meu Jesus Cristinho, afasta-me desta hospedaria! Hóspede aqui não faz a fêria. Não escolhe o almoço, não tem preferências, nem mesmo razão. Ele é um peso morto, e sua opinião, descartável. Um vivente jogado à precisão dos aparelhos. À tirania das bulas e prescrições. Não quero deitar neste leito, vertedouro de dor e morte! Sumidouro de gente! Pelo amor de Deus, doutor, tire-me daqui!

Agora você acredita que essa é a nau dos desvalidos? Dos cardíacos. Dos tísicos. Dos aidéticos. Dos ostomizados e safenados. Dos cancerosos e cirróticos...

Viu? Eu avisei que se tratava de uma corte de infelizes. Não adianta tapar o sol com a peneira. Ou melhor, a doença com a hipocrisia. O lugar é mesmo duro e constrangedor. Esquálido e indecente. Repleto de fisgadas e punções.

Olho em todas as direções, e nada que me lembre a cor do sorriso, a sinfonia do canto. Água, só em conta-gotas. Dança, só a das macas trepidando os lençóis.

Todos, os que sofrem e os que acompanham o sofrimento, nessa nau dos desvalidos, ostentam na face o mesmo estigma. Um rótulo tragicômico, onde se lê a desdita da fragilidade humana.

35.

Amigo Sol, madrinha Lua

Ao cair da noite, o Sol se põe. Eu também. Ele, em sua cama de bronzeamento. Eu, num colchão de espuma. Nu, ele. Enroupada, eu, que a noite é sempre fresca, e o reumatismo adora topar com o frescor, quando vaga à procura de alimento.

Se o Sol e eu fôssemos namorados, ou casados, ou amantes, não daria certo. Nossos interesses e paixões são diametralmente opostos. Eu sou parceira do agasalho e do anonimato. Ele, da nudez e da ostentação. Prefiro a suavidade da brisa, enquanto ele adora o deserto escaldante. Vá ser assim afogueado no braseiro do inferno!

Entretanto, que me desculpe o Rei do calor por minha frescura, pois, apesar de nossas diferenças, sei que precisamos ser amigos. Muito embora ele curta o dia e eu a noite; ele goze na claridade plena e eu na penumbra. Só não quero, como ele, viver afogueada, calor em ascensão, suor escorrendo... Pleno meio-dia, e ele lá, torrando minhas carnes, querendo mais. Carícia e delicadeza são predicados que desconhece. Sua chama é o que se pode chamar de abrasadora, cáustica, letal. Antes fosse um calorzinho gostoso, aconchegante, que morrer nos braços do amor, além de romântico, seria uma fatalidade supimpa!

Mesmo assim, a despeito de nossas idiossincrasias, não lhe quero mal. Isso porque é ele que me prepara, a cada nova estação, o desabrochar dos frutos que irão perfumar minha mesa. É ele também que me envia, ao cair da noite, a suave, meiga e dulcíssima companhia da Lua, minha madrinha por predileção. Com ela me entendo melhor, pois luas e poetas falam a mesma linguagem. A ela me rendo e dirijo minhas preces e confidências. – Oh! minha amada Lua, parceira nos meus pesares e prazeres!

Quando a vejo debruçar-se sobre a janela, espiar pela cortina e contemplar-me com seu olhar displicente, sinto o quanto me faz bem a sua presença, e como careço da sua proteção, nas noites tenebrosas, em que a luz foge e me abandona nos braços da escuridão.

Falando sério, nós duas tememos as tempestades. Abominamos os furacões. Maldizemos toda espécie de infortúnio que o tempo, mancomunado com o Sol, dissemina pelos quatro cantos da Terra. Deve ser por essa razão que minha amiga se esconde, sob o manto protetor de Nossa Senhora, onde ela se sente segura e pede proteção para nós duas. Daí que, quando não a vejo, sinto-me desolada, perdida no deserto da noite e na solidão do desamparo.

Todavia, se o tempo se mostra de bom humor, nós varamos horas inesquecíveis madrugada adentro, brincando e confabulando. Gargalhamos com as peripécias que nos hostilizam no dia a dia, com os afetos que nos aflagam e os amores que nos cortejam.

Por fim, ambas nos concentramos nas emanações que meu coração envia, por intermédio dela, aos neurônios cerebrais. E juntas nos divertimos, compondo, escrevendo e acarinhando as emoções que nos afloram e se desfolham em versos, sobre a folha imaculada do papel.

36.

Irmã de fé

Venha, ó chuva benfazeja! Venha depurar, com sua leveza, os meus enxovalhados pensamentos! Venha escovar a calíça das noites mal-dormidas, purificando o sono, que se amontoa atrás dos móveis, como um espião dos sonhos!

Você, que surge de uma gota, cresce ao relento da treva, choraminga qual criança com fome, e geme de dor pelos bueiros constipados!...

Com o passar dos anos, descobri que, ao apurar o passo e alcançar a lavoura, você faz das espigas, sorrisos; e do solo árido, um leito de núpcias.

E os pessegueiros e as macieiras, as laranjeiras e as videiras se despem do luto hibernal para trajar-se de verde e salpicar-se de brotos em cordel.

Compreendo as vibrações de seu entusiasmo. Seu ímpeto retemperado. Há sempre uma promessa de saciedade nesse apoio doce que cai do céu. Devem ser os anjos ordenhando as nuvens. Ou as nuvens mitigando a sede do universo.

Como podem os homens frustrá-la com suas impurezas? Emporcalhar sua inocência? Amordaçar seu canto e sua prece?

Chuva, que vejo descer a ladeira, batizar o parto da terra, gemer na turbina da máquina...

Chuva que reza no telhado e chora sobre a lápide da sepultura! Que, na calada da noite, purifica o hálito do lírio no campo e abre seus lábios para o amor da semente! Que mistura sua melancolia hídrica às lágrimas da cascata, e geme com ela, como uma carpideira em transe...

Quando o céu a envia, você age como fermento na massa e tudo, em seu halo, prospera. Quando a retém, tudo se queda inerte, definha e morre.

Descubro, em seus meneios de serpente, a capacidade de derreter as amarguras do tempo, de depurá-las e engoli-las, para melhor servi-lo e apaziguá-lo.

Você faz comigo o que fazem as constelações com o espantelho da escuridão. Convince-me a ignorar minhas excentricidades, e reacender meu pavio da alegria, na morbidez dessa reclusão que me impõe a debandada dos anos.

Eu amo você, chuva redentora! Quero-a roçando a face, rumorejando cantigas sobre o peito e descendo até os flancos da gruta encantada... Suas gíngas me recompõem como as traquinagens de uma criança, ou os requebros de uma adolescente em plena floração.

Ó chuva, minha irmã de fé! Despeje em mim a exuberância de seu sêmen, para que a primavera chegue e me cubra de amores-perfeitos...

Equívoco secular

Eles não parecem gente feita de corpo e alma, mas de fome e sede...

(A gente então é feita por alguém? Por algum obreiro superdotado que amassa o barro e lhe dá forma de ente organizado?)

Quero ver melhor. Ajeito a mão no sobreceicho.– Ai! Como a luz cega com o sol a pino! –Estico o pescoço – será que são seres humanos como eu, de carne e osso, sangue e flatulências?

Sentados sobre a pedra já polida, de tanto o Sol e a chuva a fustigarem, duas crianças e uma mulher de meia idade. A pele de um marrom azeitado, esboçando sem trégua as marcas da canícula diária, bem como suas debilidades e penúrias. Negros os olhos reluzentes, como jabuticabas em ponto de colher. As vestes não negam que já cobriram outros ombros, outros seios, outros deflorados roseirais... Sorrisos, aqueles rostos desconhecem, na melancolia de sua vida desgarrada...

Não são iguais a nós, não, vizinho! Não se parecem com os do escritório, da loja, da clínica, do bar, da farmácia, que têm outro jeito de olhar, outro molejo nas coxas, unhas limpas e tratadas, cabelos de variados tons, alisados ou ondulados artificialmente.

Torno a olhar para o trio: a mãe e os dois pirralhos, de olhar mortiço e barriga saliente.

Será que a Filosofia explica? Ou Freud? Ou qualquer outro pensador socrático?

O estertor da dignidade os torna inconfundíveis, é sua marca registrada. Apáticos e silenciosos, em meio à parafernália urbana de veículos e gente com pressa. Ali, ao relento, eles erguem a mão, o olhar sem brilho, e pedem “Por favor!”

Raramente algum transeunte para a fim de entregar a eles um trocado. O mais que fazem é desviar os olhos e soltar um suspiro de indulgência. Sem pronunciar uma sílaba, sem esboçar um gesto, deixam a cena da degradação.

Onde buscar palavras que expliquem essa decadência atroz? Essa torpe e vil condição de mendigos? A ignomínia que os con-

dena à subnutrição, à subserviência, ao confinamento de uma sub-raça?

No lugar da harmonia e da pujança de outrora, vê-se hoje o abandono e a miséria, que os relegam à fome e às enfermidades.

Para eles, o progresso vivido pela humanidade não tem nenhum significado, uma vez que só conhecem a mendicância.

Como assim? Não foram eles os senhores da terra? Dos rios, das florestas, das onças e dos crocodilos? Não enfrentaram feras ameaçadoras, só de lança e tacape? Não nasceram livres em tabas organizadas? Não tiveram seus códigos de sobrevivência e proteção?

Ontem, a harmonia, o equilíbrio, a segurança, os fortaleciam, sangue e espírito. Hoje, o abandono e a pobreza os relega à fome, às enfermidades, à extinção.

Para eles, o progresso da humanidade representa um alarmante retrocesso.

Está deveras equivocado o provérbio que nos ensinaram. Quem foi rei perde, sim, a majestade.

38.

Luz e treva

O Sol se ergue do oceano, banhado e lírico. Parece um deus entronado sobre o altar das águas, que festejam sua chegada brandindo as mãos espumantes.

Ao rasgar o penacho das ondas, ele quebra a monotonia da imensa arena. E seu canto de guerra afogueia as nuvens, que espiam envergonhadas entre os dentes das pedras.

Recém desfeito, o véu da escuridão se dilui na profusão de cores e cheiros, tão imprecisos quanto nostálgicos.

O dia é gêmeo da noite. Irmãos de sangue e de mistério.

Como definir qual o mais belo, o mais glorioso e surpreendente?

Escalei-me como amante de ambos. Desejo-os com igual fervor. Uma ao relento da treva, outro na canícula da tarde. Sua presença me engasga de prazer. Fico igual a uma cisterna coletora

de raios, de emoções, de expectativas. Lúbrica e envolvente. Nua e transviada.

Oh! Meus confidentes da letargia e do orgasmo! Próceres da minha audácia! Turbinas da minha ebulição!

Busco-os no colorido da aurora e nas nervuras negras do sono. Nos braços que colhem aromas. Nos seios que arfam entre os lençóis. Esplêndida cumplicidade! Sol e Lua. Ímpeto e doçura. Posse e entrega.

Cá estou a dedilhar pérolas e empilhar sorrisos. Ora desperta, ora sonâmbula. Às vezes belicosa, outras, enlevada. As mãos despencando lides e o coração rumorejando afetos.

De tão ínfimas, desintegram-se as partículas do ódio, que os cristais do amor fulgem com redobrada intensidade. Ofuscantes. Sobranceiros.

Sou guardiã do dia e da noite. Pregoeira da claridade e da penumbra.

E assim reabilitada para os futuros embates, deslizo sobre a esteira do tempo, como as gólfadas da primavera, que acionam minha combustão e lubrificam as hélices do meu voo.

Luz feérica e treva fosca: um coquetel de iguarias que me aguça o olfato e o paladar, desde o princípio da minha evolução.

39.

Um dia inesquecível

Não foi um dia como os outros. Daqueles de se embrenhar na rotina, frequentar a escola ou correr pela grama bebendo o sol da tarde.

Foi um dia excepcional, para marcar no álbum das recordações perpétuas. Dia da fantasia concreta. Do ideal palpável. Do ponto final na espera.

Eu completava uma década de vida. Sem grandes ambições. Surpresas poucas. Anseios muitos. Entre eles, a celebração do aniversário. O único comemorado com festa durante toda a minha infância.

Nas noites que o precederam, a imaginação saltitava de um sobressalto a outro. E povoava as madrugadas de fadas, gnomos,

sereias, príncipes encantados. Havia também carruagens de fogo, estradas cobertas de brilhantes, estrelas caindo em cascata...

Até que enfim, despertei.

Meu dia de rainha clareou mais cedo, antecipando-se ao ardor e à curiosidade, ainda sonolentos e desgrenhados.

Oh! os doces da dona Valentina, trazidos na véspera por suas auxiliares!... Bandejas encobrendo mistérios. Prateleiras atijando a gula, no esconderijo da despensa. Seria esse o cheiro da felicidade? O gosto do contentamento, tão nebuloso quanto provocante?

Minha mãe zelava para que ninguém tocasse naquela toalha mágica, que tudo encobria, disfarçava. Ainda não era o momento de trazer, à luz do dia festivo, o segredo de toda uma existência.

Que vontade de espiar, enfiar o dedo, dar uma lambida e fingir de inocente! Mas não, mamãe não merecia essa traição!

A saída então era aguardar a hora, há anos projetada em sonhos, com recheio de chocolate e cobertura de confeitos. E o bolo? Teria bailarinas no topo? Laços de fita acetinada? Miçangas coloridas?

Meu Deus, quanta surpresa para digerir num dia só!

E as amiguinhas, como viriam vestidas? Seda? Veludo? Cetim? Pregas na saia? Babados? Topes?

Alguém me garante que tudo isso é real e verdadeiro?

O coração, que já pulou do peito e se alojou na boca, põe-se e futricar com o relógio:

- Você aí, deixa de embromação! Resolveu me provocar? Anda, que eu tenho pressa! Hoje é meu dia, e ninguém vai fazer sacanagem com ele!

Aposto que vocês nem sequer imaginam como andavam frenéticas as minhas emoções. Umas, tropeçando nas cadeiras. Outras, caindo da escada. Havia ainda as que entornavam pratos e xícaras, manchando a toalha que cheirava a capricho.

Como pode uma criança suportar tanta agonia? Por que é tão complicado o mecanismo das horas? Bem que a tarde poderia começar de manhãzinha, logo que o sol acorda, lava o rosto e escova os dentes. Esperar para depois do almoço é um castigo por demais cruel, com quem nunca fez um aniversário de verdade.

Sim, porque aniversário sem festa, bolo, balões e presentes, é um dia igual aos outros, sem nenhuma graça.

Finalmente, mesa posta, velinhas, parabéns. E, para completar o deslumbramento, uma braçada de presentes. Tudo como manda o ritual em tais ocasiões. Centro das atenções e dos abraços, eu não sentia o solo debaixo dos sapatos. Flutuava como uma pétala num lago de cisnes. E via minha festa desvanecer-se aos poucos, como meu copo de guaraná...

O sol se recolheu mais rápido naquele dia. De repente, meus convidados foram embora. E mamãe recolheu para a despensa, tudo aquilo que enfeitava e nutria minhas ilusões...

Para ser sincera, achei mais excitante e gloriosa a expectativa do que a própria comemoração.

40.

Festa de cores e sabores

Foi nos anos quarenta do século passado.

Minha infância transcorria solta e venturosa, como a revoada das pombas sobre o galpão.

A casa era grande, quase um quartel, que a família ainda haveria de abrigar uma penca de moleques. Mundo pequeno aquele, pois não ia além da tela que cercava a propriedade. Isso hipoteticamente. Porque eu gostava um bocado de provar sensações novas, topar com outras caras, enturmar-me com a meninada. E o portão entre o lote e a rua era uma contínua tentação.

Tirante as saídas ocultas, as desobediências e os castigos (que a mãe era uma educadora eficiente!), foi uma fase e tanto essa dos meus primeiros anos. Meus filhos sentiriam inveja, se apenas vislumbrassem aquela liberdade.

Dona Angelina era o que se pode chamar de mulher polivalente. Ainda jovem, na casa dos vinte anos (que pressa de ser mãe tinham aquelas senhoras, sem pílulas nem preservativos!), franzina e de um sorriso encabulado. De poucos estudos, mas inteligente e metida a aprender, fazer e criar, tanto bichos e plantas, como ofícios e filhos.

Era ela que cultivava as hortaliças, as flores, os legumes. Desde o amanho da terra até a colheita farta e colorida, enterrava uma quota expressiva do seu tempo nos canteiros perfilados de verdor. E tantas foram as mudas de frutíferas que espalhou pelo lote, que ele virou uma floresta, de cores e sabores entrelaçados. Havia figueira, caquizeiro, nogueira, laranjeira, bergamoteira, marmeleiro, romãzeiro, limoeiro, pessegueiro, e outras cujo nome o tempo se encarregou de apagar. O abacateiro foi o seu xodó. Mamãe adorava abacate e travou uma luta ferrenha com a geada, que abatia, todos os anos, seu pé de estimação. Coisas da vida e da morte: ela se foi antes de provar o sabor de sua fruta predileta.

Só das videiras era nosso pai quem cuidava. Jamais abdicava de preservá-las e zelar por sua produção abundante. Penso que também ele tinha sua preferência, embora não confessasse. Em vez de abacates e pêssegos, uvas. Pois cioso dos grãos ainda verdes, tornava-se ranzinza se algum de nós ousasse bulir com eles.

Quanto a mim, irrequieta como os coelhos e o macaco que mamãe criava, e turbulenta como o zumbido das abelhas ao redor da colmeia, eu andava sempre a furungar novidades, entre os brotos e as árvores. Diferente de minha irmã, que era calada e comportadinha, e se ocupava mais em tecer as roupas das bonecas.

Mal os primeiros moranguinhos espiavam sob as folhas – paixão vermelha agridoce e paradisíaca! –, a gula me estalava na língua (oh!, as doçuras da infância, inigualáveis!). Disfarçada, assuntava então a presença de dona Angelina, na cozinha, no balcão da loja (pois meus pais eram comerciantes), ou nas agulhas de tricotar. À sua mais leve distração, bandeava-me para o quintal, onde os canteiros, impecavelmente organizados, já esperavam por minha companhia mais que suspeita. E onde o viço das plantinhas caçoava do meu remorso. Mas era muito mais gostoso o morango com sabor de transgressão...

Havia outra esquisita tentação que me empurrava de encontro ao quinto pecado capital: os pepinos. Seus barços rastejavam aos pés de um pelotão de milho. Um acinte aquele tubérculo nânico, tão escondido como o meu delito. O paladar se deliciava só de olhar... Este era um ato que se poderia chamar de crime perfeito. Pois até um punhado de sal eu carregava comigo, ao atacar o pelotão de pepinos. Os danados só se prestavam à minha fraude,

com uma pitada de sal. Quem nunca comeu pepino na planta, agachado num quintal de milho, não sabe o que está perdendo!...

Por que será que o prazer da travessura é diretamente proporcional a seu mistério, sua ingênua e sigilosa rebeldia?

Uma festa, o quintal maduro!

Uma festa, meus verdes anos!

41.

A cisma do preconceito

Disseram-me: “Anda, velha!”

Foi um choque. Mil volts. Não havia ainda parado para testar-me. Verificar meus freios e rodas. Injetar o combustível do entendimento.

Naquele instante, aprendi duas coisas. Primeira: conhecimento, compreensão, tolerância – e o próprio vigor do contentamento –, são privilégios do espírito. E como aumenta seu volume com o avanço dos dias! Engordar, criar barriga, os sentimentos podem e devem, já que gozam de um atenuante: a balança não os persegue. E a alegria tem a ver com os dotes espirituais.

(Mas, por falar em balança, xô, quilinhos intrrompidos! Vocês sim são uns filhos bastardos! E ainda me enfiam, goela abaixo, um atroz complexo de culpa!).

O segundo ensinamento daquele encontro foi menos subjetivo. E com sabor de vingança:

- Espera aí, seu moleque! Você se acha dono da eterna juventude? Pensa que sua agilidade, sua força e desenvoltura irão sobreviver ao boicote dos anos? Sem nenhum impacto nos membros? Nenhuma rigidez nas rótulas?

É óbvio que não falei palavra alguma àquele andante mal-humorado. Apenas senti na garganta uma secura extrema que, depois de virar um nó duplo, se transformou em náusea, pronta para saltar da boca.

O abusado já ia longe, e eu, paralisada, confabulando com meus botões: “Ele que me aguarde neste mesmo cruzamento, daqui a uns anos! Veremos então como andam suas articulações, suas dores lombares, sua miopia, seu passo curto e lerdo! Eu

também fui igual a ele. Lépida e fagueira. Até corrida apostei na escola. Salto em altura. Jogo de caçador, em que ninguém conseguia matar-me. Isso sem falar na minha destreza incomum, no manejo da velha máquina de escrever, e hoje, nas teclas da nova máquina! (Quer apostar uma corrida na digitação de um texto? Olhe que a parada vai ser dura!) Que sabem vocês da vida, seus pirralhos inconsequentes?

Dia após dia, ela nos ensina coisas e revela truques, que os jovens só desvendarão depois de andar muitas léguas, beber muita água e engolir muito pó. Talvez daqui a alguns séculos, eles terão aprendido a ginga de lidar com os velhos, pois são raros os que dispensam a eles gentileza e compreensão. Quase sempre os têm por um estorvo, alguém que já era e nada mais tem a fazer aqui, senão atravancar seus caminhos, sua pressa e seu mau humor.

É frequente também ver os moços da atualidade ridicularizarem os anciãos, por suas limitações em face dos modernismos. Eles se julgam estrelas de primeira grandeza, robustos, atraentes, sabichões. Podem até ser tudo isso. Nada justifica, porém, o desrespeito com quem lhes abriu os horizontes e mostrou o mundo, ensinando a leitura, a escrita, a tabela periódica dos elementos, as funções sintáticas, as conjugações verbais, e até o Teorema de Pitágoras...

Desde o dia daquela minha indignação ante o preconceito escancarado, o cruzamento do desrespeito tornou-se um marco. Sempre que o atravesso, sinto as faces enrubescerem. Será um sinal de decadência?... Não, não creio. Prefiro acreditar na consciência da sabedoria. Da lição aprendida. Do limite inevitável. Da mente aberta e tolerante.

Tão banal, no trânsito, um incidente desse tipo. Todos têm pressa, disparam, voam.

Tolos! Nem sabem se chegarão!... Eu, por velha e lerda, cheguei! E com vantagem, em tempo e experiência...

O filho do demo

Talvez alguém se proponha a excomungar-me do rol das pessoas disciplinadas.

Pouco se me dá ser alvo de elogio ou de crítica. Basta-me a louvação da consciência que, no meu caso, é amicíssima do bem-estar.

Pois é imbuída dessa prerrogativa que me arrogo o direito de falar mal dele, esbravejar contra suas más-criações, rogar-lhe pragas, muitas pragas.

Desconheço quem seja mais imundo e deletério.

Onde menos se espera, aí está ele, na rua, na calçada, na praça, na escadaria do prédio. Mancha a esmeralda dos gramados, a fidalguia dos parques, o lustro dos corredores escolares.

E os há de todas as modalidades. Viscosos e rijos, fétidos e grudentos. Às vezes, pontiagudos; outras, retorcidos. Quando não plenamente deformados por impurezas congênicas. Seu mau hálito me sobe pelas narinas e alcança patamares de vertigem. Ou se esgueira pelos olhos, em forma de lombriga, que vem de ninhada pra me atazanar.

A simetria da beleza, as nuances da alegria, são mortalmente feridas e sangram, como se chorassem o elo rompido.

Como pode ser tão emporcalhada a mão feita para saudar o amigo, encher o vaso de flores, afaçar o rostinho da criança, escrever versos de amor?

Um prato cheio para o resfolegar dos vermes. Um pacto vil de parceria com as epidemias.

E, na raiz de tudo, o homem. O homem desarrumado, morrinhento, inescrupuloso. Que não vê além da sua hora, do seu metro quadrado, dos seus quinhentos mililitros. Vive na noite do atraso, quando a realeza do sol já desfila sobre as searas de um progresso prodigioso e multifacetado.

Por quais trilhas tortuosas vem-se embrenhando a educação, que já não cumpre seu papel de guia, de salvaguarda da vida, de coletora de cidadãos ordeiros e asseados?

Não quero e não posso compactuar com ele, esse despudorado forasteiro, que não respeita nem a súplica das fontes, nem as lágrimas do campo-santo. Já vi muito cataclismo, neste meu longo caminhar, mas feiura assim tão feia não carecia de ver.

Sinto o coração enfartar, quando topo com ele atravessado em meu caminho, zombando dos meus conceitos, displicente e provocador. E o amaldiçoo, no auge da minha beligerância. Quero vê-lo derrotado e maldito, sem forças sequer para o último suspiro. Faço questão de presenciá-lo, mas sufocado nos dejetos com que empestou os caminhos da terra, e comendo o pão que seu nefasto pai amassou...

Amo a vassoura e o detergente. Mas odeio o lixo, que é filho do demo e primo-irmão da peste...

43.

Pecados capitais

Ao estender a treva o seu bordão, o nicho das emoções se encolhe, embaçado de imagens e formas já sem brilho. Tais as disillusiones que as oxidaram, no decorrer do dia.

Os rumores, já não tão nítidos, já não compactos como aqueles a que se habituaram os ouvidos, processam roncões de motores, alterações, gemidos de vidros estilhaçados, sons indefensáveis.

Ora bolas! Por que nos ensinaram, nas aulas de catecismo, a baixaria que é cometer os sete pecados capitais, e não nos avisaram que o pior deles é enfiar-se numa sociedade atordoada e infestada de escorpiões, cujo prazer é injetar peçonha pelas presas?

Não é por mero acaso que o pecado zomba da virtude. Sem ela, vive a banquetear-se e prostituir-se. Um canastrão inveterado, capaz das piores obscenidades. Ao lado dela, todo o seu vigor se exaure, pois é próprio da virtude blindar o homem e alforriá-lo.

Daí que os métodos de ambos seguem por vias opostas, embora a mais atrativa, para a indocilidade humana, seja sempre a dos pecados capitais.

O diâmetro das nossas fragilidades cresce com o olhar da inveja, que é, de todos os dráculas, o mais sanguinário. São as garras

dela, aduncas como uma foice, que fomentam o catatonismo dos noctívagos, ao fazê-los vomitar impropérios no colo das calçadas.

E para que jamais surpreendam você na gandaia (como o diabo gosta!), faça do trabalho uma âncora, que o deixará fortalecido, e a preguiça não ousará aproximar-se de sua janela ensolarada.

Quanto à avareza e à soberba, duas irmãs siamesas, talvez sofram de um colapso irremediável, no dia em que a simpatia encontrar guarida naquela cesta de benevolências, bem familiar dos santos e dos sábios.

Mas o tinoso não recua, não se dá por vencido. Por mais que as chamas consumam suas tentações no incinerador da hipocrisia. Ele é pícaro e versátil. E, nas incursões pelas cavernas da ira, segue aprontando suas safadezas. Uma delas é jogar no ventilador todas as boas intenções com que se defronta, nas suas escaramuças pelo reino da terra.

Você encontrará ainda, pelos becos da descompostura, a luxúria e a gula, tão ridículas quanto extravagantes. Elas têm seus domínios próprios e bem determinados, passando ao largo do comedimento que você e eu reverenciamos.

Seria de bom alvitre, com certeza, advertir os sete vilões da insensatez de que muitos viajores da travessia universal, como nós, querem vê-los longe do seu caminho, já que o Guardiã dos nossos tesouros é não só prestimoso, mas também exigente. Ele quer ver intatos os padrões de idoneidade e o sucesso do empreendimento que nos confiou.

Se Lúcifer quiser, e gostar, poderá apropriar-se de todos os vícios capitais, e ampliar a fornalha dele e seus comparsas, que a nós, gente de bem, sua presença não é bem-vinda.

44.

Pátria amada

Peras amanteigadas, abacaxi agridoce, bananas viçosas, só no cercado do quintal de casa. Porque aquelas frutas que crescem, à sombra de certos palácios e mansões, já nascem predestinadas à companhia das larvas. Deveras, na obscuridade do delito só amadurece o que provoca indigestão.

Sem tirar nem pôr, acontece o mesmo com esta nossa Pátria, tão amada, idolatrada, salve-salve!

Quem já não sentiu na boca o gosto amargo da desilusão? E no estômago, o mal-estar causado pela ingestão de um fruto começando a deteriorar-se?

Tanto ao nosso redor, como por cima e por baixo, o que vemos e sentimos nos remete à bagunça da torre de Babel. Ou à podridão de Sodoma e Gomorra.

Será que estou exagerando em minha avaliação? Prossigamos então no raciocínio.

Quem de nós está satisfeito com os rumos que a Pátria vem tomando? Com a fragilização das instituições? Com o saque aos cofres da Nação? E a Nação somos nós, o povo que trabalha, estuda, sofre e geme sob o peso das dificuldades; que leva seu dever a sério; que se envergonha de ver o crime, a roubalheira, o desrespeito às leis, se alastrando como uma peste endêmica.

Numa sociedade, em que os comandantes se empenham mais em locupletar-se que em melhorar as condições do povo; em que os legisladores promovem leis que favoreçam seus próprios interesses; em que os julgadores distribuem a justiça de forma desigual, entre ricos e pobres, fortes e fracos – o que resta para ser aplaudido, valorizado, imitado?

Transpassa-me o peito uma indignação danada, quando vejo, ouço, leio, sobre os trambiques e falcatruas, os escândalos de arrepiar o pelo, os lacres de plástico no cofre dos nossos valores, os mãos-grandes montando guarda, os criminosos exigindo e obtendo regalias, o superfaturamento das obras públicas, e tantas outras formas de saquear a pátria, suas leis e sua gente.

A vontade que me acomete é da mais pura alienação. Desligar todas as antenas. Ler uma obra saudável. Perambular pelos parques, sem rumo e sem despeito. E ainda, distribuir meus parcos haveres de servidora pública (peguem aí o IR, o IPVA, o IPTU, o ICMS, a Cofins, etcétera e tal, e até o IPM – Imposto Post Mortem, se lhes interessar!) – Que lista, minha Nossa Senhora!- E tudo para quê? Com certeza, para regalo daqueles que têm a missão de nos guiar e proteger...

Assim falou Zaratustra, o anticristo!... Assim caminha o Brasil, o (arqui)mito!... – Águia e serpente... Cetro e astúcia...

E você, não diz nada? Não acha nada? Não lhe interessa?
Tá nem aí?

Pois quem avisa amigo é. Saiba que há um complô armado contra você que estuda, trabalha, corre, voa, pesquisa preços, sonha, tem pesadelos, acorda cedo e dorme tarde; que engole em seco o amargor da luta inglória, do bolso puído, da chave falsa; que se fragiliza diante da desfaçatez, como uma formiga sob a pata de um elefante. Você que enfrenta o batente, cumpre seus deveres, contribui para o crescimento nacional, não merece a pecha de covarde e omissor.

Este vento hostil e inescrupuloso, que vem apodrecendo as nossas bananas desde o ano de mil e quinhentos, sopra cada vez com mais intensidade, na terra descoberta por Cabral e por tantos espoliada...

Por que será que a política, cada vez mais, se revela a arte de engrupir?

45.

O sétimo céu

Dizem as boas línguas que ele existe. E com todas as mordomias a que seus frequentadores têm direito.

Só que fico cabreira, desconfiada. O sete não é o algarismo do mentiroso?

Aprendi isso no Grupo Escolar. Daí que, na dúvida, prefiro permanecer neutra. Situação bem mais amena e menos comprometedora.

Interpelei, certa feita, um entendido em assuntos sobrenaturais, para que me definisse o conceito de céu. Ele enrolou, desenrolou, tornou a enrolar. E empacou. Tudo o que falava provinha de diz-que-me-diz-que. De escritos anacrônicos, alguns até apócrifos. Nada de real, concreto, convincente. (Se um é complicado de descrever, imagine sete!)

Alguns creem que ele não passa de fantasia de cérebros aflitos, insatisfeitos. De mentes vazias que apelam para o sobrenatural até quando estão com cólicas. Que buscariam esses atordoados, além dos postigos do céu? (A porta é estreita, reza a escritura.

Serão mais largas as janelas?) – Almejam, porventura, encontrar os veludos, as rendas, os paetês, os brilhantes, que não tiveram o privilégio de ostentar aqui na terra? É daí que vem a cega e surda convicção de que lá em cima mora a compensação...

Digamos que assim seja, na melhor das hipóteses. Surge outro impasse: o primeiro céu seria apenas o vestibulo. A grande apoteose deve acontecer no último. Uma obriedade cristalina. Como são sete, ainda resta uma dura empreitada à espera dos pretendentes...

E a bagagem, como seria transportada? Via aérea ou nas asas dos anjos?

E os amores que temos aqui, subiriam igual a um foguete? Perder-se-iam no espaço infinito? Ou simplesmente mudariam de endereço, condenando-nos ao abandono? – Oh! não... Mil vezes não!... Se assim for, desisto de ser candidata ao céu. Para dizer a verdade, não quero residir em nenhum dos sete, pois a solidão do afeto, conheço por outro nome!...

O impasse está criado. E ninguém que me esclareça a verdade. Se vocês pretendem morar lá, tudo bem. Todo ser humano é livre para fazer suas escolhas. Quanto a mim, não estou disposta a pagar para ver.

46.

O mal por excelência

Ele me disse: “Eu te amo!”

Disse ou não disse? Parece que sim, não lembro bem, que turrão e encruado do jeito que era, faltava-lhe fervor para uma declaração desse naipe.

Mesmo assim, acreditei. A alma tem dessas sutilezas: se algo é bom, com certeza é também verdadeiro.

E não é ponto pacífico entre os magistrados, desde o nascimento dos cânones, que, na dúvida, pró réu?

Pois foi assim, no começo, meio e fim. Ora gestos magnânimos de quem amava deveras. Ora repentes tão drásticos e inesperados, que me lembravam um tronco seco, retorcido e duro. Quando não um zangão de ferrão afiado, pronto para a picada cruel.

Revelava-se então incapaz da mais comezinha delicadeza. Como aquelas tão conhecidas dos amantes: fungar no cogote, sussurrar no ouvido, ensaiar meneios e remelexos originais (você sabem o que estou dizendo, pois há malabarismos tão surpreendentes que são capazes de pôr em fuga até o mau olhado...) De fato e, literalmente, um bronco.

Tem dessas surpresas a vida. O que deveria ser mel esguichando do favo, se revela um azedume de limão, um amargor de gengibre. O que poderia purificar e sublimar o coração, na santíssima água do batismo afetivo, descobre-se mais impuro que o oceano denso de sal e algas.

Ninguém aposta na mentira, sabendo letal a sua escolha. Só que a verdade, por sua natureza generosa, emérita, intrinsecamente sincera, é tecida de abnegação e desprendimento, o que, não poucas vezes, faz com que a flor do sentimento desfaleça.

Uma lástima a incapacidade de amar! Um verdadeiro aleijão da natureza!

São dignos de compaixão, mais que de ódio, esses arautos da discórdia e ceifadores do afeto, por dissiparem a alma nas orgias do egoísmo, que é a negação e o extermínio de todas as formas de amor...

47.

O talismã

Há um sortilégio no banco da praça que não consigo explicar. Aquele fluido espesso de energia, tão próprio das emanções das lojas exotéricas. Um quê de mistério. De pergunta não respondida. De ardor não identificado.

Teria Nossa Senhora sentado ali, quando da fuga para o Egito? O menino escondido sob o manto. A viagem no lombo de um burro. Com certeza ela precisou de um descanso. E o banco da praça, nada melhor do que ele para acolher a excelsa peregrina. É seu dileto filho, de parentesco com Deus.

É bem provável que reside aí a magia tão rústica e tão peculiar. Que me comove e instiga ao mesmo tempo. Sento nele e sinto

a pulsação. Afinal, não é ele o reduto dos velhos, das crianças e dos apaixonados?

Nas tórridas tardes de verão, sob os plátanos gigantes, avô e neto, companheiros na ociosidade. Apenas muda a direção do vento. Da brisa que afaga o rosto de ambos. O velho, mais afeito às vibrações do céu, sorri à passagem da nuvem. Esperança de frescor no fim da tarde. O garoto, vidrado ante as surpresas da terra, empilha folhas secas na caçamba do seu caminhão. Um e outro, hóspedes satisfeitos daquele bloco de granito. O mesmo que testemunha as juras dos casais flechados pelo cupido. Ali, sua gruta, seu esconderijo, seu éden. Tudo ao redor inexistente. Aquele metro quadrado de espaço vale o universo. Pois ele é o centro do mundo, genuflexo e respeitoso, diante da síndrome erótica.

Poeta de rara sensibilidade, Chico Buarque sentiu também esta minha vibração. Patética talvez, mas genuína e vigorosa. E se empolgou e captou e cantou os eflúvios borbulhantes que percorrem a alma do insólito talismã: A mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores, o mesmo jardim...

Chico, você me entende!

48.

Só a liberdade salva

Ingresso no televisor, ajusto os transístores, percorro a engenhagem por inteiro, e ponho-me a decifrar seus códigos ocultos.

Fico pasma de ver tanto destempero. Tanta voz xingando. Tanta mentira saltando da boca do microfone. Tudo por conta de disputar espaço e oferecer o programa mais extravagante. Pouco importa seja ele agradável ou constrangedor, sincero ou mascarado. O Ibope comanda e o telespectador obedece.

A humanidade não consegue mais tocar a vida, sem consumir uma cota expressiva de seu tempo diante do aparelho que virou epidemia. Para ver e ouvir o quê? O espirro das baleias? A prenhez das focas? Ou, na melhor das hipóteses, os braços das crianças, abrindo-se ao pouso das borboletas? Os hibiscos a tecer tapetes florais? Ou ainda, um assaltante travestido de enfermeiro, de professor, ou de sacerdote?

De nada servem os brilhantes com que as estrelas enfeitam a terra; as gotas de orvalho que saciam a sede dos girassois; as bolhas de sabão com que os moleques disputam os espaços celestes, se nossa mente, ao enquadrar-se à tela colorida e luminosa, for incapaz de ver além de suas quarenta e duas polegadas.

Não creio que seja um hábito saudável viver em completa subserviência. O mundo é imenso demais, fantástico demais, para que nos contentemos com a limitação que foca aquelas imagens e a rouquidão daquela voz, ferrenha e hermética na sua doutrina. Quanta alienação! Quanta tirania!

Não será o televisor a torre de Babel erigida nos tempos modernos?

Por favor, quero libertar-me dessa teia, mas não consigo encontrar a ponta do fio!

Vem, meu anjo guardador! Abre caminho entre os silvos das sirenes, entre os estouros das balas e a pregação hipócrita dos aproveitadores! Ajuda-me a reencontrar o eixo da minha liberdade, o pêndulo das minhas escolhas.

Quero sentir o prazer de olhar, ouvir, aplaudir, amar, o que realmente entenece minha intimidade e apazigua minhas inquietudes. Só assim me sentirei despouçada e serei livre. Uma águia a vultear no firmamento azul.

49.

Estive no olho do furacão

Em visita a um familiar, no litoral de Santa Catarina, em 27 de março de 2004, vivenciei um acontecimento insólito que jamais imaginara pudesse um dia presenciar.

De fato, não presenciei, porque era noite, uma noite de breu, sufocante e aterradora. Mas vivi, ouvi, senti, estremei e me arriei apavorada, com a fúria que a natureza é capaz de assumir, quando se dispõe a provar ao homem seu poder invencível e devastador.

Somos menos que formigas, diante de um fenômeno desse porte. Tão indefesos e impotentes que só temos duas alternativas: o desespero ou a apatia, aquela apatia mórbida que nos petrifica e emudece por completo.

Assim foi a noite que deixou, na memória de muita gente, marcas da fantástica prevalência das forças da natureza sobre a capacidade intelectual e gerencial do homem.

Pela manhã, começaram a espalhar-se rumores de que um tornado passaria pelo sul catarinense, no final daquela semana. Cheguei a menosprezar o comentário, julgando tratar-se de alarme falso, de uma piada de mau gosto. – Ora, um tornado no Brasil!

Todavia, estou agora irremediavelmente convencida de que nada existe de definitivo sobre a terra. – No Brasil, sim, e por que não?

Um vento persistente, um ar opressivo, dominaram o clima durante todo o dia de sábado. E a expectativa mesclava incerteza e ceticismo com apreensão e insegurança.

Já pela tarde, não se falava outro assunto. Tornado, ciclone, furacão... Qual é mesmo a diferença entre eles?

Os palpites saltavam de todas as bocas e a ansiedade aumentava seus contornos. “Vai que ele resolve mudar de rota, passar pelo leito do oceano, chegar mais brando ao continente...” – Assim se tentava amenizar a tétrica previsão.

E a noite baixava sua lona. E o céu se tingia de negro. E o vento tonificava suas garras. E a gente em casa, aguardando.

Ainda antes da meia-noite, a ventania já avançava com gana de fera bravia. As rajadas sobrevoavam, açoitando as casas e árvores, o que encontrassem pelo caminho. Elas cruzavam sibilando, urrando, desafiando o homem e as estruturas por ele construídas. Uma... outra... muitas... dezenas de rajadas... Meu Deus, que barulho infernal! Parecia um exército desfilando seus canhões no ar, fazendo algazarra, esmagando os últimos fios de coragem que nos mantinham em suspense. Tudo doidamente, furiosamente. O terror foi-me sugando como um vampiro ávido de sangue. Só se escutava o galope do vento, esfregando no telhado suas patas gigantes. Depois estouros de vidros quebrando, de telhas se partindo, de paredes desabando... No encalço do turbilhão, muita chuva, desvairada e impiedosa, que entremeava os estrondos, naquele globo da morte. A mente aturdida, o coração descompassado e, bem lá no íntimo, a prece, desesperada e confiante: Santa Bárbara, rogai por nós! Nossa Senhora, Mãe das Graças, protegei todos os que estão em perigo!

Depois de três horas de aflição e pânico, o indômito dragão aquietou. Calmaria total, ar abafado, calor intenso. A curiosidade levou muita gente às ruas, a fim de conferir os estragos. Sequer imaginavam que o pior estava por vir. Em menos de uma hora, começou tudo novamente. Antes o furacão esbravejava pelo lado sul, agora rugia pelo norte, ainda mais fragoroso e enfurecido. Uma investida atrás da outra, como se quisesse plantar, no solo arrasado, sua bandeira de protesto, rebeldia e destruição.

O dia estava prestes a raiar, quando o soberbo forasteiro resolveu partir... Graças à proteção do céu, nossas vidas e nossos bens se mantiveram intatos. Só então conciliei o sono. Mas por pouco tempo. Temia que o fenômeno se repetisse, e a noite de horrores se prolongasse até a eternidade...

Literalmente, e por convenção do destino, estive no olho do furacão.

50.

O privilégio do trabalho

Na oficina, no laboratório, na estrada, no campo e na escola, o homem aperfeiçoou, ao longo dos séculos, sua capacidade de transformar a natureza e extrair dela os recursos essenciais à garantia da vida.

Entre a primitiva atividade da caça e as gigantescas indústrias modernas, vigora um ponto em comum: é por meio do trabalho que o homem obtém condições de sobreviver e progredir.

Como forma de subsistência, desde a mais modesta tarefa braçal que caleja as mãos ou emporcalha as vestes, até a mais eminente labuta intelectual e mental, ele condiciona e, ao mesmo tempo, nivela os indivíduos, pois é através dele que o pão, a carne, o leite, suprem a mesa da família. A sua primeira e mais vantajosa finalidade é, pois, garantir a sobrevivência dos seres vivos.

Paralelamente, outra função de inegável relevância se lhe atribui, como veículo de progresso e desenvolvimento, quer individual, quer coletivo. De fato, todo processo de evolução e aperfeiçoamento que a humanidade vem conquistando, graças aos quais a vida se torna mais fácil e cômoda, é resultado do empenho e

do suor do homem, ao colocar a ciência e a técnica a serviço do interesse global.

A aquisição da casa própria, do carro de passeio, dos aparelhos eletrônicos, e de um sem número de outros bens, essenciais ou supérfluos, constituem-se na mais convincente manifestação das facilidades ou dos privilégios que o trabalho consegue patrocinar.

Abandonando a esfera puramente pessoal, somos forçados a admitir também que todos os grandes empreendimentos e realizações voltados ao bem comum, como a difusão de processos avançados de comunicação, a evolução na cura das enfermidades, a melhoria da qualidade de vida, em todos os aspectos, são devidos ao esforço do cérebro e do braço, da inteligência e da força, do trabalho, enfim.

Ainda, para complementar, somos obrigados a reconhecer outro aspecto de extraordinário alcance, que é o trabalho como fator de afirmação pessoal.

Todo indivíduo que trabalha se sente útil, participativo, além de experimentar uma satisfação e uma euforia que a ociosidade jamais consegue transmitir.

A vadiagem, seja do rico e esnobe que esbanja seu tempo na ociosidade ou em frivolidades egoístas, quer do pobre-diabo que prefere a miséria ao esforço de uma jornada de luta, é motivo de insatisfação e desgosto para ambos, pois, no âmago da consciência, espezinha-os a frustração da inutilidade e do vazio.

A instituição do trabalho é, sem sombra de dúvida, salutar e benéfica. Por mais humilde e desgastante que seja, ele será sempre digno de apreço, um exercício de liberdade e um privilégio, cujo valor nem sempre reconhecemos.

51.

Espólio

Venho atravessando desertos e cordilheiras, em busca do espólio da juventude extinta.

Estou à cata dos tesouros que guardei outrora no cofre inchado de segredos. Aqueles mesmos, tão ciosos e ocultos, que o coração não franqueava nem a mim própria.

Hoje, enquanto investigo meu entorno, espio também o que vai dentro deste meu velho e amarrotado músculo pulsante. De pronto, descubro que quase nada restou das essências que me impregnaram as entranhas, naqueles tempos longínquos. Da vibração que preencheu as lacunas da mente, do espírito e do corpo, numa sinfonia de ritos, credos e amores.

Concretamente, e acima de qualquer outra aspiração, proponho-me a redescobrir a receita do vigor e da coragem, que tão bem me conduziram, por sua constante sabedoria de soldados guardando a trincheira.

Recordo de ter presenciado, no céu azul do bem-querer, uma estrela amiga a guiar meus passos. Chegava a adoçar os sentimentos, tanta era sua luz. Tudo me empurrava ao reino soberbo dos cometas e das luas sempre vigilantes. Daí os arremessos certos, os saltos olímpicos, as cartadas ganhas, até aportar no reino da fama, no palco da glória. E que dizer dos prêmios e louvações, prensados contra o peito, efusiva e secretamente, como se fazia com as pétalas das flores secas, entre as páginas dos livros escolares?

A bem da verdade, confesso que também me deparei, em esquinas mais que sombrias, com escorpiões e cascavéis, além do espectro de inúmeros fantasmas, a mirar-me com seus olhos de fogo.

Entretanto, por seu jeito peculiar de ser, o coração desvencilhou-se desses inimigos, feito um acrobata no picadeiro. Ele, que era dado a tecer, mesmo nas agruras, fantasias e gargalhadas pra lá de barulhentas.

Eis por que ando hoje a vasculhar as sobras das falecidas auroras. Tão meteórica foi sua passagem pelas alamedas de uvas, gerânios e bem-te-vis, que a evocação de suas imagens me confrange o peito. E a chama da saudade calcina as emoções, deixando em sua trilha um braseiro ainda incandescente...

Ó desalmada e fugaz juventude! Por que partiste sem dizer-me adeus? Por que reduziste o trote e afrouxaste as rédeas, abandonando de vez a cavalgada? Onde foi que o destino soterrou aquela tua antiga exuberância, tão verde quanto promissora?

Não fui informada de seu óbito nem participei dos funerais. Quando me dei conta, só um cortejo de nostalgia me acompanhava,

balbuciando uma canção de despedida. E meu antigo condutor, o velho e bom entusiasmo, transformou-se num escudeiro troncho, sem laços, sem sonhos, sem afetos!

Se recordar é viver novamente – como diz o provérbio que nos incutiram –, estou tentando convencer-me, sob o olhar teimoso da saudade, de que nada haverá de exaurir aquele precioso legado, nem privar-me jamais do seu instigante jeito de amar...

52.

Caminhos paralelos

Ser gentil e distribuir sorrisos, sejam quais forem as pessoas e as circunstâncias, são hábitos saudáveis, que os pruridos da cidade vão aos poucos sufocando, sem anunciar-se nem pedir licença.

É em busca dessa empatia extraviada e da liberação de compromissos opressores, que saio a perambular pelas ruas. Envergo apenas o tênis e o chapéu, pois quero sentir-me isenta de tudo o que me lembre consumismo.

Para ser franca, nessas andanças sem programa e protocolo, esbarro a todo instante com cenas e transeuntes especiais.

Como não me escancarar à fluidez da alegria, ao transpor as alamedas matizadas pelo sorriso dos ipês, esbanjando a simpatia dos tons e o frescor do viço?

A satisfação impõe-se também ao contemplar a versatilidade do firmamento, ora amasiado com as andorinhas, ora carrancudo como uma fera bravia.

Logo adiante, encontro um cãozinho desfilando seu charme pelas passarelas da praça. Vai conduzido pelas mãos da dona, e exhibe um vistoso colete de flanela xadrez. Completa o magnetismo do quadro, a passagem fugaz de uma rola, tão venturosa quanto discreta, em seu quimono de penas.

Retorno a meu itinerário, não sem antes surpreender uma criança, descalça e maltrapilha, a repartir com o comparsa uma laranja apanhada na lixeira.

Empolga-me ainda, naquele trajeto embuchado de surpresas, o abraço de um amigo e o embaraço de uma jovem mãe, às voltas com a bicicleta de seu pequerrucho insatisfeito.

Pacificamente, a caminhada prossegue.

Vou observando o design soberbo dos automóveis, o olhar descuidado das pessoas, o equilíbrio surpreendente da jovem sobre o destempero do salto, a pressa da maioria dos transeuntes e a tibieza de alguns.

Enquanto os passos escorregam sobre as lajes recém-desper-tas, os pulmões se reabastecem de oxigênio. Tenho a sensação de que virei um cisne, deslizando na superfície prateada do lago.

Um *dolce far niente*, recoberto pelo glacê da paz e pelas mi-çangas do equilíbrio, conecta-me ao espírito que medita, aos pés que andam e ao coração que saboreia as emanções da aurora. Sinto-as penetrando pelas narinas e banhando-me inteira. Elas que têm o dom de adoçar a atmosfera com suas refinadas pulsações.

De olhar preso nos gestos, vibrações e sutilezas de cada ser, dinâmico ou estático, que percorre o torvelinho das avenidas, entro em sintonia com a profusão de imagens e sons, de cores e semblantes.

Tenho a sensação de que meus pés se encravam na terra, resgatando dela o bem-estar que refrigera e tonifica o fluxo do coração.

Nesta hora, como por encanto, cicatrizam-se as chagas da alma e diluem-se os temores espremidos entre o peito e a garganta. Como por encanto, pacificam-se as tensões que emperravam meu olhar azul. E os pássaros, já despertados, aplaudem os raios do sol traçando o sinal-da-cruz sobre as montanhas e os vales. É assim que ele abençoa o dia, no instante de sua gestação...

53.

Meu caso com um Fusca

Desde que a Volkswagen editou a primeira versão do fusca, nos anos cinquenta, senti-me atraída de cara pelo besourinho de rodas.

Eu era uma jovem sonhadora e admirava o carrinho singe-lo, de variadas cores, que desfilava pelas ruas de minha cidade provinciana. Onde estivesse, parava para observá-lo. Apreciava seu tamanho diminuto e seu estilo arredondado. Até o ronco in-

confundível do motor tornou-se merecedor de minha simpatia. Tudo parecia talhado aos meus padrões de utilidade e conforto.

Tanta empatia, é claro, não esmoreceu com o passar do tempo. Ao contrário, foi despertando em mim uma paixão cada vez mais intensa. O desejo de ter um fusca, para o exercício das atividades rotineiras e os passeios de fim-de-semana, foi crescendo devagarinho, até tornar-se uma obsessão.

No entanto, por mais de uma década, sem condições de adquiri-lo, tive de contentar-me só em admirar, sonhar com ele e amá-lo secretamente. Para ser sincera, sentia uma pontinha de inveja das amigas que já o possuíam. E segredava a mim mesma: Um dia terei o meu!

Já casada e com filhos, no auge da paixão pelo fusquinha, agora mais bonito e atraente, chegou o dia do nosso encontro. Aquele encontro amoroso tão cheio de expectativas!

Juntei minhas economias, sempre bem protegidas das traças e dos sinistros, e decidi satisfazer aquela compulsiva aspiração, aquele sentimento tão genuíno e carinhoso que nutria pelo automóvel sedutor.

Foi no Natal de 1977 que ele veio ao meu encontro, enchendo-me de emoção e felicidade. Veio bulir com minha ansiedade, comprometer-se com minha vida. Um fusca azul, novinho em folha, frisos brilhantes, tapetes e rodas cheirando a borracha virgem.

Era meu primeiro automóvel. E aquele Natal foi realmente inesquecível.

Agora, só faltava embarcar, familiarizar-me com o volante e curtir meu sonho de consumo.

A primeira viagem com meu novo cúmplice aconteceu nas férias de janeiro. Acomodei as crianças (uma garota e um garoto) no banco traseiro e fui visitar familiares numa cidade próxima.

Ao retornar, seguia tranquila pela rodovia, quando os dois começaram a beliscar-se e a discutir. Desconcentrei-me, tive um momento de boabeira e voltei-me para trás, a fim de acomodá-los. E aconteceu o óbvio. Num segundo, saí da estrada, desci um barranco, embrenhando-me numa lavoura ainda úmida do sereno matinal.

O fusca – oh! meu inesquecível e eficiente aliado! – parou em seguida, impassível como um soldado a postos, sem nenhum

arranhão, nem na lata nem nos passageiros. Ficou apenas coberto de folhas que, em razão do orvalho da manhã, aderiram com gana à sua pele lustrosa. Era verde agora o meu fusquinha azul!

Limpei o pára-brisa e, por uma estrada secundária, encontrei um acesso e retornei à pista. Com ares de vencedora, prossegui a viagem, ainda mais sorridente e feliz.

Valeu a pena apostar naquela paixão. Meu carrinho não só era um mimo, mas também um parceiro forte, bravo e inteligente. Um amigo de fé que nunca me deixou na mão.

54.

Elos e flagelos

Foi na segunda metade do século XX, que as sociedades iniciaram a desfraldar a bandeira da emancipação da mulher. Duas foram as razões principais dessa conquista: o enfraquecimento dos valores tradicionais e a modernização dos preceitos e costumes.

Uma das instituições que mais sofreu mudanças, em sua estrutura convencional, foi, sem dúvida alguma, o casamento. A partir do juízo sobre a manutenção das antigas, e a aquisição de novas concepções acerca da vida a dois, surge a polêmica em torno da união que, até aquela época, era considerada indissolúvel.

A maioria de nós tem ideia formada sobre o assunto, e os depoimentos derivam sempre de experiências vividas.

Dante D'Angelo, cronista dos nossos dias, afirma que “o casamento é um tema envolvente e, ao mesmo tempo, complexo, que nunca sairá de moda”. Segundo ele, “o casal ajustado, certinho e sorridente, leva vantagem em eleição para a Casa Branca”. Isso porque, nos EE.UU., havia a previsão de que, ao findar o século vinte, a maioria das pessoas chegaria ao terceiro matrimônio.

As teorias e formulações acerca do assunto provocaram e ainda provocam as mais diversas e contraditórias manifestações.

A atriz Fernanda Montenegro compara o casamento ao teatro, convencida de que “ambos estão sempre morrendo, mas não morrem nunca”.

Há os que definem a união matrimonial como uma loteria, enquanto outros a consideram uma cilada imprevisível.

Opiniões à parte, ninguém desconhece que, bem sucedido, o casamento se afirma como um penhor incomparável, tanto para o homem quanto para a mulher. E que o sucesso de qualquer união, dentro ou fora dos parâmetros legais, está condicionado ao cumprimento de certas instâncias, por ambas as partes envolvidas.

Sendo a relação também um vínculo entre duas almas, não apenas entre dois corpos, a disposição dos cônjuges, para a generosidade, a autenticidade e a fidelidade, representa o substrato sobre o qual a união se consolida e se mantém.

Nesses tempos, em que os processos de separação e divórcio se avolumam nos tribunais, favorecidos por pródiga legislação, a psicologia não ignora que, apesar de a lei resolver o problema do desajuste entre as partes, jamais equacionará a frustração que sobra da separação, no âmago de cada um dos litigantes. Talvez sejam mais amargas as sequelas de uma união desfeita do que a satisfação advinda com os auspícios da libertação.

A quebra do elo conjugal é o malogro de uma expectativa de felicidade, bem como a implosão de castelos encantados, construídos mutuamente. Em razão disso, por mais desejada e pertinente que pareça a alforria, o rompimento ocasionará sempre decepções e traumas.

Nem o milenar conceito da estabilidade e da segurança virá, se os laços do afeto se romperem e o vaso do amor se fragmentar em cacos.

Afeto e respeito verdadeiros, eis o mote de uma união feliz, capaz de irrigar os corações, fundindo sentimentos e vontades. Na relação duradoura, o egoísmo jamais conseguirá assentar-se. Ele, que é um veneno asfixiante e mortífero, só o que faz é gargalhar sobre o rescaldo da terra arrasada...

55.

Enquanto as cigarras dormem

Uma cortina de sombras baixa sobre o palco do tempo. Por sua vez, as alegorias do carnaval cotidiano das ruas se cobrem de preto, a fim de que se possa visualizar melhor a vibração dos pirilampos e das constelações.

Recolhidas aos ninhos, as aves sonham com o próximo voo, em direção à pátria das mil e uma noites. Ainda acordadas, entre os retalhos da relva, as cigarras se amoitam, desligam as sirenes e, caladinhas, engolem o fastio do silêncio.

Em sua palidez cadavérica, a noite se enrola em rendas – aquelas tecidas pela vovó Lua em seu quarto crescente –, e vem fazer-me companhia, partilhando comigo de um reinado invisível. Gotas de um prazer fecundo escorrem desse sortilégio, preenchendo meus poros semiadormecidos. Ao alcançar as frestas dos vasos sanguíneos, misturam-se à seiva vital, circulam entre os órgãos, fomentam as vísceras, até se alojarem nos meandros do cérebro. – Ai, que gozo incontido e febril esse afago da noite, que logo me aguça os neurônios até o paroxismo do êxtase!

Neste momento, passo a vislumbrar formas, cores, silhuetas. A ouvir acalantos e arrulos. A sentir os passos macios da serenidade vindo a meu encontro.

É assim, quando as cigarras dormem. O próprio silêncio se confunde com as emanações do ventre materno. A pátina das paredes, a voz adocicada do sono, tudo inundando o quarto. Leves e imaculados como aquela virgem que nasceu livre da nódoa original.

E os devaneios chegam, às pampas... (Como são alvos os sorrisos que esboçam!) E vêm as gôndolas da inspiração, deslizando sobre metáforas em transe. Sinos tangem nas encruzilhadas. Os sinos da embriaguez, provocadora de rimas, estrofes, conceitos e símbolos.

Oh! céus, quão afrodisíaca é a voz da poesia! Sedução alçada ao infinito... Voo de condor sobre nuvens ainda invioladas...

Nessa hora, um jato de luz no ébano da treva faz transbordar a cacimba das emoções. E escorrem dela borbulhos, ilações, temeridades. Sobretudo, jorros de uma cachoeira indomável, que se desvencilham da rocha, renovando amores, lembranças, encantos, saudades, afagos, e uma golfada veemente de esperanças recém-tingidas de verde.

Tudo vem à tona, dos arcanos da terra à fosforescência da aurora, que escancara o sorriso, como fazem os anjos com as portas do céu...

É a carruagem do sol, abrindo caminho entre as brumas. É o dia saindo à rua, expondo o corpo, airosa e freneticamente, tal qual a chuva quando rompe a nuvem.

Dissipa-se a cortina de sombras, o bocejo, o odor da treva...
E as cigarras recomeçam a cantoria.

56.

Gestações

Dar à luz não é privilégio das fêmeas nem das jovens. A gestação pode ocorrer com qualquer ser vivo e em qualquer fase da existência, desde que se faça presente a fertilidade.

No caso específico da nossa espécie, dá-se a luz quando se gera um filho, e também ao dar-se vida a um sonho, a uma ideia, a um invento, à coragem e à perseverança. A maternidade acontece em toda circunstância em que se gesta, cria e acalenta.

Ontem, dei à luz um gesto de acolhida. Hoje, entrego ao mundo a emulação de um verso, que pode ser brando como uma carícia, ou impetuoso como um tsunâmi. Amanhã, quem sabe, serei mãe da inércia ou do arrojo. Darei forma ao monumento ou cavarei o fosso. É possível também que gere um plano surrealista, capaz de transformar o espaço em que vivemos num paraíso de perene jubilação.

Somos criadores e criaturas. Vertentes e córregos. Sementes e rebentos. Tocamos a aragem com as mãos, da mesma forma que nossos pés amassam o barro. Germinamos, crescemos, pendoamos, fazemos história. Basta estar vivo, e se consegue ser oleiro e artífice, muralha e pórtico.

O que mais quero, no declinar dos anos, não é entregar ao mundo realidades simbólicas, como fazem os aquários, através de suas imagens coloridas.

Minha maior pretensão é parir conceitos, chavões de integridade, fórmulas de bem-viver. Plantá-los em terra firme e regá-los de convicções. Tão feminina me parece, e tão maternal, a capacidade que tem o cérebro de gestar e produzir, que o considero um ente hermafrodita. Macho por convenção gramatical, fêmea por vocação e destino.

Oh! As teorias que movem os povos! As cátedras que pregam a paz e a guerra! As súmulas que procriam, ora o falso, ora o verdadeiro!

Mulheres e homens, gestantes e gestados, causa e efeito...

Dar a vida, um mistério que se repete continua e progressivamente. Na obscuridade da noite ou na transparência do dia. Um privilégio de todos, castos e impuros, generosos e egoístas. Uma doação e um processo, cujo caráter incondicional não permite jamais sua retomada.

Essa é a grande consequência da gestação. Contribuir para que as gerações se sucedam e a humanidade prossiga em sua órbita, quer na impassibilidade dos astros, quer no escafandro das águas, quer no reduto dos corações...

57.

Cúmplices do destino

Pela manhã, quando o sol ainda se espreguiça sobre o colchão de nuvens, ela já salta sobre o travesseiro e vem galhofar da minha letargia.

Se saio à rua para um compromisso, ou para uma simples revoada, ela envolve meu corpo com seus braços, cochichando gracejos que me provocam risos.

Quando mergulho, sequiosa de sua refrescância, na banheira espumante da biblioteca, lá vem ela outra vez, com cafunés de menina caprichosa, entabular o diálogo da cumplicidade.

Na calada dos anos, já embaçados de neblina e poluição, o carinho dela se tornou meu talismã, tal o condão de derreter minhas lamúrias, refrigerar meu desassossego e colorir meus sonhos desbotados.

Que presença mais maluca e prazerosa, dessa garota indócil, que se enfia entre as franjas do meu xale, sobe em meu colo, belisca minhas faces e desnuda, por completo, meus pudores. E que pudores, assim resguardados no relicário dos anos!

Oh! poesia, minha parceira amada e prenhe de surpresas! Não permita que o remoinho do tempo desarranje meus cabelos,

rasgue em tiras meu sorriso, nem que devore os derradeiros goles de ventura que ainda me resta sorver!

Nós duas sabemos o quanto a solidão enrugá a esperança, quando se propõe a envelhecer o colorido da vida, e a dispersar nossos sonhos entreabertos.

Aquela moita de livros e papéis, que nos diverte e preenche os alvéolos da inspiração, entre o rabisco denso de surpresas e o teclado frio e indolente, é o casulo dos nossos encontros amorosos, já que o destino nos tornou cúmplices da mesma gandaia fascinante.

Quer de dia, quer de noite, haja calor ou friagem, vendaval ou calmaria, nós duas nos afagamos, trocando cócegas e confidências. E gargalhamos e choramos em dupla, como crianças disputando o mesmo brinquedo e partilhando as mesmas privações.

Seja bem-vinda, pois, minha gentil companheira! Você, que é a própria essência do encantamento! Entre, e fique para sempre!

58.

Brotos da vida e da morte

Sinto um carinho visceral pelas plantas e pelas flores.

No arco-íris dos sentimentos, o verde é, com certeza, a cor do meu mais requintado afeto. O símbolo das preferências. A atração dos olhos e do coração.

Além de contagiar-me como um vírus, tanto o desenvolvimento dos botões, como a textura das pétalas e a consistência dos gomos, impregnam-me por completo, de suavidade e essência, de perfume e matiz.

Basta um leve roçar em sua pele acetinada e logo entramos em sintonia. Excitam-se os sentidos todos, desde o toque até o olfato, quando dialogamos com as laranjeiras, os pessegueiros, as videiras, as ameixeiras, que vicejam, harmoniosa e fartamente, nos quatro cantos do pomar. Ali, o reduto dos meus devaneios. Da prece mais fervorosa. Do prazer mais envolvente. E, sobretudo, o recanto da meditação, da leitura, da ociosidade e – por que não dizer? – da degustação sorrateira, antes mesmo de a maturação completar-se.

Todo dia, invariavelmente, quedo-me a observar esses re-bentos, a examiná-los, acariciá-los, e agradecer-lhes o prodigioso emaranhado de cores e aromas, de gostos e texturas.

Qual criança diante do brinquedo preferido, rejubilo-me com cada fase da sua evolução. As estações se sucedem ali, sob meu olhar atento, que aguarda cada uma delas, com a mesma expectativa com que o coração suspira pelo amado. Quando o solo se cobre de folhas, sei que o inverno está prestes a chegar. E, ao vestirem-se os galhos com minha cor encantada, que esbanja esmeraldas no pomar sorridente, vibro com o retorno da primavera.

É a festa das tonalidades, dos galhos pendentes, do canto das aves, do cheiro de grama, do sumo dos frutos... Lenta e silenciosamente, a euforia do renascer se desprende, das galerias da terra, para a suntuosidade dos cachos, espigas, grãos e pendões. O sol abre os portões da vida, sem hora para fechá-los. Meu pomar e meus afetos, quanto amor num só lugar!...

Talvez seja a convivência com essa paixão singular, que me faz desejar, cá no íntimo de minha alma, uma sepultura de terra. Não um jazigo de pedra, frio, estéril, vazio por natureza, onde só o esquife dorme em paz. Não lhe tenho a mínima afeição, preparado como é, uniforme e precavidamente, pela mão do homem.

Por sua vez, o solo revela-se de uma ternura cálida e permeável. Embriaga-se de ardor ao sol do meio-dia, e encharca-se de cristais, quando a chuva entorna suas cisternas. A cova de terra tem o cheiro da vida e a porosidade dos sonhos. São eles que dormem entre os torrões, e mantêm viva a perenidade da morte.

Por paradoxal que pareça, o sepulcro de barro é fecunda matriz de vida. Basta que se lhe dê um punhado de sementes, para que ele se inunde de flores e borboletas, e ressurja, todas as manhãs, entre cícios e farfalhos, sempre tão eloquentes, em meio ao sossego das cruces...

Onde estava Deus?

Eu tive tudo para ser uma desgraçada. O termo é forte, eu sei. Mas aconteceu exatamente isso que estou dizendo, com todas as letras e conotações.

O inferno passou por mim brandindo suas brasas, espalhando enxofre, plantando as sementes do desespero. E ainda sentou no parapeito e puxou o gatilho, a fim de arrematar o estrago com a gargalhada do deboche.

Pilhas de armas, brancas e negras. Urtigas às pencas e insônias letais. Era um complô divertindo-se com meu azar e cuspidando na minha cara, louco para esganar-me e pôr fim a tudo. Um satanismo de fazer inveja ao mais refinado dos demônios!

Ninguém, naquela hora, apresentou-se para preencher a cratera da amargura, profunda e dilacerante. Nem para aparar as unhas do dragão que me agarrava, em meio ao breu visguento de uma noite soturna e pegajosa.

Bem que tentei dar umas palmadas na fé, para que acordasse e viesse em meu socorro, com seus lampejos de racionalidade. Mas nem ela se compadeceu de mim. Deixou que o círculo de fogo me queimasse as carnes, expondo as vísceras da alacridade ao bel-prazer dos corvos.

Julgo um lapso episódico de desconsciência, essa tramoia que embrulha a gente, quando menos se espera, e suga até as mais salobras gotas de lucidez.

Nas esquinas do universo há montanhas de surpresas. Estranhas figuras. Umhas angelicais e cativantes. Outras tão satânicas, que nos empurram, do alto da torre, à mais baixa e vil condição.

Como um marisco que o sol e o vento jogam à sanha do vagalhão, assim foi jogada a minha esperança, para morrer afogada, sem um enterro digno. Era só o que interessava a meu ingrato destino. O que o comichava e açulava, a despeito de tantos e tão belos sonhos que tecemos juntos...

Tão prosaico o nosso contato com a feiura, que chegamos a olhá-la de soslaio, como um ente promíscuo, à espreita das nossas boas intenções. Para envenená-las, é claro. Que é essa a sanha

da desgraça. Ela quer ver a terra arrasada, a alegria se contorcendo nos estertores. Dotada de um prazer mórbido, suga até as plaquetas do sangue. Vampiresca, na plena acepção do termo.

E Deus, onde estava ele naquelas horas? Onde seu manto protetor das lições de catecismo? Sua alardeada benquerença para com as ovelhas do seu rebanho?

Hoje sei, a pau e corda, que há muitas formas de definir Deus. Ele pode ser um clarão no horizonte, uma fonte d'água, ou uma criança faminta, um velho caquético, até um sinal de trânsito, de cores alternadas. Cabe a nós descobri-lo, velado ou distinto, nas esquinas dos nossos infortúnios. Vá que ele queira aplicar-me um puxão de orelhas, ou adular-me com um sorriso amável!

Há que ter feeling para percebê-lo. E eu nem sempre estou conectada a ponto de sentir-lhe a presença, de vê-lo fitar-me, ou mesmo de ouvi-lo dizer coisas que ando carente de saber.

Mas ele está, todo dia e hora, no meu costado. Meu espírito que é despreparado para percebê-lo. Falta-lhe aquela disposição astral que transforma, melhor dizendo, transfigura tudo o que nos envolve. Desde as insônias da madrugada, que me põem a escrever feito uma desvairada, até as altas esferas do raciocínio, da meditação ascética, da busca intencional.

Nesse ínterim, descubro que nunca fui uma desgraçada. Apenas um pouco esquecida por meu velho Pai celeste, que ele também necessita, vez que outra, de um breve e merecido descanso. Nós, homens e mulheres, lhe damos tanto trabalho!

60.

Identidade cultural

Os povos que vivem no planeta diferem entre si por uma série de fatores e circunstâncias, que os individualizam, tornando-os originais.

As diferenças se acentuam, mais intensamente, nas formas de viver e trabalhar, nas crenças, na organização social, na ideologia, e sobretudo no idioma com que expressam seu pensamento e se comunicam. Esse é um dos pilares em que se assenta a identidade cultural de um povo. No meu entender, sem a afirmação concreta

e a preservação efetiva desses elementos, a individualidade das raças tende a desaparecer.

Minha posição acerca do assunto é bem incisiva e contundente. Não é de hoje que me sinto incomodada com o uso excessivo de estrangeirismos por nós, brasileiros, em nossa linguagem cotidiana, quer falada, quer escrita.

Está ocorrendo, de uns tempos para cá, uma avalanche de vocábulos e expressões em língua inglesa, que se infiltram em nossa comunicação, ora de mansinho, ora de supetão, até com um rompante de diletantismo. Elas se cristalizam e acabam por incorporar-se ao nosso vernáculo que – diga-se de passagem – é muito mais rico, harmonioso e simbólico que o tal idioma norteamericano.

Já deu para perceber que sou visceralmente contra tal prática. (Isso a despeito da Graduação e do Registro profissional, que me conferem o direito de ensinar a referida língua).

Por que razão haveremos de inserir, no organismo do léxico português, que se constitui num dos pilares da nacionalidade e expressão máxima de nossa identidade cultural, construções sintáticas e palavras alienígenas, que não traduzem, com a mesma energia e emoção, o nosso pensar e sentir?

Considero um agravo aos sentimentos, desprezar frases como: “Eu te amo!” – “Que ótimo!” – “Maravilhoso!”, e tantas outras, com a abundância de seus conceitos, seus femininos e plurais, seus derivados e sinônimos, por expressões como “I love you!” – “It’s very good!” – “It’s wonderful!”.

Deveras, sob minha ótica pessoal, trata-se de dizeres inexpressivos e pobres em calor humano. Por que então usar esse idioma que, além de tudo isso, ainda é sobrecarregado de consoantes surdas que dificultam a prosódia, a nós que somos habituados a apoiá-las na sonoridade das vogais?

É bem provável que eu esteja pregando no deserto, e sendo alvo de críticas por excessivo bairrismo. Pouco se me dá enfrentar vozes dissonantes, talvez até me julgando brega. O que pretendo mesmo é o retorno de nosso vocabulário às suas origens. Somos brasileiros e residimos no Brasil, a nossa Pátria, que adotou o português como língua oficial, desde que foi encontrada pelas

caravelas lusitanas. Portanto, uma história de séculos que merece preservação.

Tem-se a impressão de que, ultimamente, se tornou chique, entre nós, a prática de dar nome inglês a lojas e restaurantes, a modalidades esportivas, a instituições e eventos, a especialidades culinárias, a canções e objetos de todo tipo, e a um sem número de coisas tão bem nomeadas em português.

Diante dessa progressiva invasão de domicílio, conclamo a todos que amam o Brasil e que aprenderam, desde o berço, a comunicar-se em nossa língua pátria, que não cometam o sacrilégio de profaná-la com inserções estrangeiras desnecessárias. O nosso idioma é lindo, suave, nítido, de rica sinonímia e diversificado em sua sintaxe e suas formas verbais. Melodioso de ouvir e saboroso de degustar...

Com toda a sinceridade, nem mesmo Portugal tem uma fala tão expressiva e inteligível quanto a nossa fala brasileira.

61.

Viver mais e melhor

Os grupos organizados de Terceira Idade podem ser considerados verdadeiros centros de lazer e bem-estar, onde os idosos encontram, simultaneamente, novos conceitos de vida e descobertas inovadoras.

Ali se exploram situações em que as normas da existência comum não se aplicam, uma vez que há o reconhecimento e a aceitação de que envelhecer, tornar-se frágil e morrer é o destino natural de todos, e como tal deve ser encarado. Portanto, uma fase que pode ser vivida com alegria e aproveitada sem traumas e constrangimentos.

Quando alguém decide integrar-se a um grupo em que os demais também já percorreram uma longa estrada, está procurando exatamente superar os preconceitos criados pela sociedade e que, em última análise, segregam os velhos, condenando-os ao ostracismo.

Passa então esse indivíduo a ser um pioneiro numa nova terra, sem o vigor da juventude, mas pleno de renovação, criatividade e

entusiasmo. A satisfação interior desperta um novo olhar sobre as experiências comuns da vida, em que a idade avançada, a senilidade, a enfermidade e a própria morte passam a ser sentidas como um complemento natural do ato de existir.

Trata-se, sem dúvida, de um conceito revolucionário, que põe por terra a visão coletiva do mundo, que perdurou ao longo dos séculos, num tempo em que os velhos eram considerados inoperantes, dependentes, quando não um peso para a sociedade.

A bem da verdade, todos ainda reconhecem que o corpo adoece e envelhece fora do controle de seu detentor, porque foi programado para viver de acordo com esse condicionamento. Mas a participação em novas experiências e a abdicação de ideias superadas sobre o destino humano estão a demonstrar que é possível retardar, e até romper, com maior ou menor intensidade, este ciclo de exacerbado fatalismo.

Ora, o ser humano é a única criatura na face da terra capaz de aperfeiçoar sua ordem biológica pelo que pensa e sente. O único cujo sistema nervoso tem consciência do fenômeno do envelhecimento. E, por conhecer e compreender os destinos de seu corpo físico, seu estado mental influencia sua performance e suas vivências nessa fase da vida. Ao contrário dos irracionais, totalmente incapazes de perceber o que acontece com eles ao se tornarem velhos, bem como de prover meios de reduzir o impacto dessa condição.

Está provado, cientificamente, que um surto de depressão é capaz de arrasar o sistema imunológico. E que, contrariamente, apaixonar-se por uma causa pode prolongar-lhe a vitalidade. A desesperança aumenta os riscos de ataques cardíacos e de carcinomas, encurtando a duração e a densidade dos fluxos orgânicos. Entretanto, o companheirismo, a amizade, a atividade física e mental, fortalecem a saúde e prolongam a existência terrena.

Pelo fato de a mente influenciar cada célula do corpo, o envelhecimento humano é um processo fluido e cambiável; pode ser acelerado, retardado e, até mesmo, em certas circunstâncias, temporariamente revertido.

Eis no que se assenta a inovadora e admirável missão dos grupos de convivência, que se convencionou denominar de

“Terceira Idade”. O objetivo de sua atuação consiste, basicamente, na confraternização participativa, a fim de que os idosos vivam plenamente e sejam felizes.

Merecem aplausos, portanto, os mentores e incentivadores destes projetos, pela visão humanista e moderna que demonstram acerca do envelhecer. As oportunidades de experiências novas e transformadoras fortalecem o corpo e a mente, levando os indivíduos a um final de vida mais digno e satisfatório para eles e para a própria sociedade.

62.

Palavras

Elas podem ser doces e flambadas. E podem ser visquentas e repulsivas.

Tudo de acordo com os ingredientes com que as temperamos: especiarias da Índia ou excrementos do curral.

Ora elas se exibem carregadas de insígnias e pedrarias. Ora nuas, sem uma tanga que lhes cubra o púbis.

E são gananciosas as palavras, tanto pelo mel quanto pelo vinagre.

Algumas vezes, discretas e sensíveis. Outras, arrogantes e antipáticas.

Tanto são capazes de erguer troféus como de pisotear a honra. Singulares no ataúde e plurais na cátedra.

As palavras se alteiam como velas ao vento, ou se esboroam como barro seco.

Palavras suaves, ásperas, cáusticas.

Palavras verdes, vermelhas, pretas.

Palavras do amor e do ódio. Da tepidez e da combustão. Da paz e da guerra.

Na razão, o diálogo. No instinto, o berro.

Odiadas no troar da intriga e no rugido da inveja.

Amadas no sortilégio da aurora e no bucolismo do entardecer.

Com ou sem adornos. Tanto douradas como ferruginosas.

Vozes do silêncio ou do torvelinho, da catarse ou da sangria.

Palavras minhas, tuas, nossas, deles.

Dos mudos e loquazes. Dos cegos e visionários.

Preservadas ou corroídas. Asfixiantes ou relaxantes.

Palavras que abençoam e palavras que xingam. As que se entregam à inércia e as que labutam na fábrica.

O mundo está cheio delas, jorrando vinho e sangue, brandindo a ofensa e o perdão.

Mas elas também podem ser doces como os papos-de-anjo e coloridas como os amores-perfeitos.

Sejam bem-vindas, ó palavras, às tribunas da comunicação humana!

Que Deus as abençoe, por sua prodigiosa missão de aproximar os indivíduos, dar-lhes voz e vez; de entender seus semelhantes e ser por eles entendidos.

63.

Razão e sentimento

“Muitas mágoas a gente leva da vida...” Eis uma afirmação que se escuta, frequentemente, de pessoas que não conseguem, ou não sabem, ordenar seus conflitos, dar-lhes significância, nem fazer deles um ascensor aos patamares da satisfação.

É da natureza humana o anseio do êxito, da amizade, do conforto, das benesses afetivas e financeiras.

Ninguém, ao longo dos séculos, a menos que seja um asceta ou um santo (categorias tão raras quanto estoicas), tem demonstrado contentamento com a penúria, a doença, a solidão, e tantas outras carências instaladas no cotidiano de homens e mulheres, com muito mais frequência e intensidade que seus opostos. Todos procuram o bem-estar, em todas as suas nuances. E passam ao largo do que lhes possa causar desconforto.

Pelos ditames da razão, tanto o bem-estar como a ventura se resumem a uma teoria. Tem seu foco na realidade e crescem em solo compacto.

Já o coração vê neles um vínculo entre o terreno e o sobrenatural, um ideal a ser conquistado, um diamante a ser lapidado.

Se levarmos em conta as estatísticas, é provável que as conquistas da razão superem as do coração, em substância e também em importância. Isso pela supremacia da causa sobre o efeito. É assim que funciona a engrenagem da vida e das relações. Uma (a razão) é cérebro, raciocínio, definição. Outro (o coração) é impulso, emoção, carisma. Na razão direta de cada pensar e cada sentir.

O que faz feliz um indivíduo pode não apresentar o mesmo resultado com outro. Também a espessura, a dimensão e a consistência da felicidade diferem em forma e conteúdo, na medida da ambição ou da indiferença de cada um.

A bem da verdade, entre o riso e o choro há de fato uma fenda. Profunda como um despenhadeiro. Insólita como a inquietude do oceano. E o som de ambos é abissalmente diverso, em harmonia e intensidade.

Como o coração e a razão, também o riso e o choro se alternam em sua espetacular exibição. Tão próximos e tão distantes. Um é o condor que dá rasantes, bate asas e retoma o sobranceiro voo. Outro, é o sabiá desconsolado, que lastima a perda do filhote abatido pela funda da maldade. Ambos se atribuem a possibilidade de ser gozo e dor, euforia e desalento, uma vez que se alimentam das gargalhadas e das lágrimas, que a faina cotidiana espalha pelos caminhos do tempo.

Assim, para que nossa existência seja construída sobre os pilares do equilíbrio e da plenitude, precisamos habituar-nos com a presença de ambos, seja ela benéfica ou desastrosa. Pois nada, abaixo do Sol, é inesgotável ou perene.

64.

Dimensão humana

Até os limites da tua capacidade, persegue a lucidez. Vale a pena, e verás que nenhuma trama conseguirá enredar-te, ou prender em suas armadilhas. A força e as algemas nós mesmos nos impusemos.

Somos nós que cavamos o fosso, retesamos o arco, construímos a guilhotina.

Imagina como seria fantástico o Universo, se fizéssemos coro às suas vozes. Se o olhássemos com olhos de benevolência. E o protegéssemos das mãos criminosas que o envenenam.

Tudo foi criado em função do homem, para que viva e desfrute da vida, como um príncipe ou uma princesa, em seu castelo de luzes, óperas, caramanchões.

Há que ser magnânimo e satisfazer-se com as oferendas do momento, ainda que fugazes, pois cada dia e cada hora representam uma conquista, um elo a mais na corrente da existência.

Recostar-se na poltrona e aguardar que uma chuva de estrelas caia do céu, certamente será uma decisão equivocada.

É imperioso que a vitória brote antes dentro de ti, para que possa irradiar o teu calor e acender o teu farol. Só assim poderás socorrer os naufragos que imploram salvação.

Isso de julgar-se um infeliz, em constante violação dos sentimentos, sem vigor para apalpar os contornos, ora macios, ora pontiagudos, da realidade; de ser incapaz de descobrir o amor ou de preservá-lo como um tesouro; de dar nitidez às emoções e torná-las produtivas, só acontece aos omissos, acomodados ou covardes.

A abundância se cristaliza em teu entorno e se oferece, gratuitamente, aos teus olhos, mãos e coração, para que vejam, sintam, admirem e se apropriem dos bens universais, criados para teu uso e regozijo.

Mas nada te chegará pronto, dócil, polido, envernizado.

És o senhor ou a senhora do teu destino, e teus projetos é que farão a diferença entre a dor e o prazer, a alma vazia e a alma transbordante, a vida fosca e a vida luminosa.

Tanto podes viver numa cabana como num palacete. Ser amigo do rei ou do mendigo. Pois o que conta é a disposição íntima de frequentar a luz, colhendo brotos e aromas na madrugada, para espalhá-los nas cidades e nos descampados. O que importa à vida no planeta é ser solidário e marcar presença, como o mago que socorre o desvalido, apontando-lhe as águas da felicidade.

Olhares noturnos

O magnetismo da noite é um rito de passagem. Com suas surpresas, seus engodos e fetiches.

O coração da gente não vive apenas de sol, claridade e turbulência. Ele anseia também pelo frescor da sombra e pela imobilidade da ventania. Pelo chiado dos aromas e o farfalhar da mata.

Na gangorra do tempo, baixa o dia, sobe a noite. Calam os alaridos e fala o silêncio. Encolhe o sol e espriam-se as estrelas. É o estouro de seu brilho que permeia o acalanto da treva e desata suas vozes abafadas, em meio a trepidações e sussurros, brilhos efêmeros e corujas sonolentas, ruídos de orgasmo e madeixas desgrenhadas.

A escuridão se assenta nos umbrais, tinge as ruas de preto e desce a pálpebra das vitrines. Tudo então se assemelha a uma cidade-fantasma.

Não há brisas acarinhando as flores. Não há janelas a esvoaçar cortinas. Nem crianças disputando peladas nas praças sonolentas.

Só o que persiste é a Lua – cuja cauda as nuvens tentam agarrar. Mas ela, venturosa e plena de segredos, delicia-se com os odores do orvalho e a retreta das almas que se recolhem. Tudo o mais é procissão de sombras e estalos de galhos secos.

Por que é tão amorfa e árida a escuridão? Tão gorda de sustos? Tão ácida em seus cheiros e tão temerosa dos perigos?

No firmamento, cotos de vela vão se extinguindo, enquanto o lençol de breu cobre as mazelas e, lá distante, um bandoleiro larga o som esganiçado da viola, como a despedir-se dos últimos acordes.

Pegajoso o silêncio...

Retumbante a treva...

A rua noturna tem feições de cemitério. Há covas, lápides, defuntos. Procissão de andarilhos. Choro de carpideiras.

Mas não é só. Por entre os pios da coruja e o balé das sonâmbulas miragens, há também vozes de acalanto e murmúrios

de prazer. Há amargor e doçura. Vendaval e aragem. Pesadelo e êxtase.

Noctívagos, os sonhos deslizam sobre a relva das paixões. Dançam, riem, cantam seu hino de libertação.

66.

Um mal necessário

Uma onda de apreensão e nervosismo percorre hoje as ruas e lares de nossas cidades, provocando discussões acerca das embalagens de plástico com que transportamos as compras, do mercado ou da loja, até nossas residências.

Os mais afoitos defensores do meio ambiente são os primeiros a levantar a voz, contra o problema causado por essa prática, uma vez que o plástico é um produto de decomposição extremamente difícil e demorada e, por tal razão, um poluente agressivo e perigoso à saúde do planeta.

Quanto a isso, todos concordamos pacificamente, pois entendemos o mal causado pelo excesso de resíduos não degradáveis que, diariamente, descartamos, sem uma destinação correta e adequada.

Entretanto, há um aspecto da questão que não está sendo considerado.

Se analisarmos o problema, racional e responsabilmente, concluiremos que a medida saneadora que vem sendo proposta – qual seja, a simples substituição da sacola plástica por embalagem de pano ou de papel – é incômoda e ineficaz. E declino a razão que me leva a pensar assim.

As sacolas de plástico não servem apenas para transportar produtos do mercado ou da loja. Elas também são utilizadas para acondicionar o lixo, tanto o doméstico como o comercial e o industrial.

Na eventualidade de serem elas eliminadas e substituídas pelas de papel ou de tecido, como iremos descartar os resíduos que produzimos constantemente?

É óbvio que os materiais sugeridos não se prestam a tal finalidade. Assim sendo, voltaremos ao ponto de partida, isto é,

o que levamos para casa dentro de sacolas, terá que um dia voltar à rua, e dela ao aterro sanitário, também dentro de algum recipiente que, se não for impermeável, provocará outros inconvenientes.

Eis, portanto, a questão. Trata-se de um problema de mão dupla, que precisa ser equacionado, de forma profissional, e não com atitudes amadoras.

Os resíduos, de qualquer espécie, deverão, no meu entendimento, percorrer um ciclo completo, conforme segue: 1º- produção, 2º- utilização, 3º- descarte, 4º- reprocessamento, 5º- reutilização, e assim sucessivamente.

Medidas outras, alheias a programas específicos e soluções técnicas, serão paliativas e inconsistentes. Daí a necessidade e a urgência de encararmos a situação com inteligência e seriedade. O amadorismo não tem vez nessa pendenga.

67.

Conceitos e verdades

Do périplo da vida me restaram profundas e vigorosas lições. Tudo aconteceu como se um sol particular me acompanhasse, focando com nitidez a realidade, a fim de incinerar as situações castradoras.

Isso me induziu a assimilar conceitos um tanto discordantes dos lugares-comuns, das atitudes tipo maria-vai-com-as-outras, e seguir por linhas paralelas, mais confortáveis de serem apreciadas.

Nada chateia mais o impulso de crescer e prosperar do que o bom-senso. Nem mesmo a monotonia, com sua subserviência, sua languidez impermeável.

O bom-senso torna tudo melancolicamente marrom, quando, em essência, as ideias são frutas ávidas de serem saboreadas. Acho o marrom a cor da indiferença e do mau gosto. E o bom-senso é assim: sem chama nem drama, sem nenhuma graça ou capacidade de entusiasmar. Tudo arrumadinho no lugar de sempre; tudo na hora em ponto; tudo conforme as lições do catecismo, seguindo por linhas paralelas, confortáveis.

O padrão causa asco. Ao passo que a novidade é atrativa e surpreendente. Desdenha da acomodação, que se apresenta com seu séquito de ovelhinhas dóceis e bem comportadas.

Tenho comigo que os heróis e os santos foram gente de vanguarda. Sempre na trincheira e com bala no tambor. Nada de dormir de touca, que não é sensato perder a hora e chegar no final da festa.

Transpirar preocupações equivale a encharcar-se de maus fluidos. Ao passo que, temperar o coração nas labaredas da esperança, há de purificá-lo e fortalecê-lo para os embates inevitáveis.

Até o idealismo olha para o bom-senso com ar de descrédito. Ele é altaneiro sim, cheio de bons propósitos, mas não se enquadra em escaninhos rígidos, de espaço e tamanho convencionais.

Quem necessita ter bom-senso são os árbitros. A eles cabe definir as regras e aplicar a justiça. Nós, cidadãos comuns, viveremos melhor sob a tutela da leveza mental e do coração flexível.

Se a perfeição reside no meio-termo, como ensinam os filósofos, é de concluir-se que o excesso, quer de zelo, quer de descaso, provoque dano igual.

Pelo-sim, pelo-não, o equilíbrio entre a excelência e a levianidade pode até ser benéfico.

68.

Fala, coração!

De repente, acometeu-me um incontrollável desejo – melhor dizendo – uma necessidade, de escrever sobre a escola e seus desdobramentos.

Desde que, em minha distante e saudosa infância, passei a frequentar a única escola pública de minha terra natal, essa veneranda casa de ensino nunca mais saiu do meu coração.

A bem da verdade, eu fui ingrata com ela. Dei-lhe adeus e parti, abandonando-a ao convívio de outros. Percorri cidades, vilas, estradas tortuosas, distâncias infinitas, sem jamais retornar para um abraço, um acalanto da saudade. Meus caminhos afastaram-se dela, guardando-a tão somente na lembrança. Foram léguas e léguas de separação... Mas hoje estou disposta a recordar aqueles

belos tempos, reviver seu legado, e assegurar-lhe que, nos canteiros de meu coração, suas lições encontraram terra fértil, pois se multiplicaram pelo Rio Grande afora.

Prossigui nos estudos cá e lá. Passei do sonho à realidade. Da classe à cátedra. Obtive também o grau de mestra, mantendo relações próximas com inúmeras outras escolas. E ela, minha primeira escola, impávida e silenciosa, em seu lugar de sempre. Talvez à espera de meu retorno, com os braços coloridos de flores, a alma cantante de hinos, o coração debulhado em afetos e lembranças.

Mas o momento, agora, não é apenas de resgatar o passado, com seus generosos e inesquecíveis encantos. É também de volver o olhar para a escola da atualidade e refletir sobre a educação que nela acontece. Comparar como foi outrora e como é hoje. Investigar as causas do desalento que a fez passar do apreço ao menosprezo, da opulência à escassez. Transcorreram, sim, algumas décadas, pouco mais de meio século. O que representa quase nada em relação à linha do tempo e à história da humanidade.

A casa considerada outrora como templo do saber, que regurgitava alegria e confiança, amor e respeito, sofre hoje o achaque dos que deveriam protegê-la.

Sei que é drástica a análise que faço. Mas minha pretensão consiste mais em discorrer em defesa da coerência que da conveniência. Não são da minha índole nem a acomodação, nem a omissão.

É verdade que um longo tempo já se passou desde o dia em que ingressei no magistério. Desde aquele período produtivo, em que vivi e acompanhei intensamente os caminhos percorridos pela educação e pelos Sistemas de Ensino. (Eis uma lembrança que me desperta intensa saudade!) Nem mesmo a aposentadoria apagou minha simpatia pela causa. Tudo o que diz respeito à escola, aos mestres, à clientela escolar, à legislação do ensino, aos padrões curriculares, é objeto de meu envolvimento, de minha preocupação.

Escrevo, pois, em nome de uma profunda paixão e de uma vasta experiência, como educadora e como administradora escolar, numa época em que a sociedade via no professor também um líder do processo de desenvolvimento. Respeitado e valorizado. Diria

até, reverenciado, pela transcendência de sua missão. Uma vez que é ele quem prepara, direciona, ensina os fundamentos que devem reger o destino dos povos e das nações.

Perdoem-me os leitores pela subjetividade dos conceitos, e pela empolgação que o assunto me desperta. O exercício do magistério é uma tarefa tão digna e tão sublime, que não há como desvincular intelecto e coração na abordagem desse tema.

A situação da escola hoje beira à calamidade. É notório o desrespeito com que ela vem sendo tratada pelos gestores públicos. E a missão de ensinar, considerada outrora um sacerdócio, revela-se muitas vezes um doloroso martírio. Em vista disso, cabe a indagação: Será que, num futuro próximo, ainda teremos mestres dispostos a enfrentar o difícil dia-a-dia das escolas, para educar as gerações que estão a caminho? Não se trata de um problema exclusivo dos que estão diretamente envolvidos com o assunto, mas de todo o conjunto da sociedade, pois é na sala de aula que se formam os cidadãos que haverão de ser, no futuro, os mentores e executores do progresso, tanto individual como coletivo.

Eis uma reflexão que urge realizar, de forma criteriosa e responsável. Não apenas no recinto escolar, pelos ativadores do processo de educação, mas por todos os demais agentes do desenvolvimento, quais sejam, a família, a igreja, o governo, e também os órgãos públicos, em todas as esferas.

Se é na escola que se forjam os líderes, os sábios e os heróis, é um compromisso de cada cidadão não deixá-la naufragar...

69.

Pare, pense, decida!

Antes de a harmonia espatifar-se no Universo, havia estrelas de todos os quilates, cometas de caudas voluptuosas, e pingentes de azul cristalizado, despencando do céu.

O enlace entre a alegria e o riso era celebrado com toda a pompa e circunstância. Os convivas e bailarinos compareciam vestidos a rigor. Flautistas modulavam acordes pelas alamedas lascivas de sol, convidando as nuvens ao bailado da bem-aventurança.

Tudo esbanjando fartura, luxo e adereços celestiais.

Não havia antagonismo entre o ser e o ter, pois aquele que era conseguia, de fato, ter.

Mas a vida, imprevisivelmente descontínua em sua trajetória, revelou-se salpicada de cortes, limites, exigências, proibições. A ficha caiu de repente, informando que aquele mundo de encantamento e liberdade absoluta não passa de utopia. Que o sonho, se não permanecer esticado e vigoroso, voltará à inércia.

Da mesma forma, desde cedo aprendemos que, no tribunal divino, seremos cobrados menos pelo que fizemos e mais pelo que deixamos de fazer. Que séculos, léguas, oceanos, separam a inocência da perversidade, a abundância da escassez. Tal o antagonismo entre o que é e o que deveria ser, entre o ideal e o real, na constante ânsia de sorver a paz. Uma tarefa ingente para o ser humano, desde o berço até a sepultura. Pois toda conquista se gera em meio à sofreguidão de anseios, buscas, desesperanças, que encolhem o ardor da existência, programada para o sorriso e a amizade, o sucesso e a ventura.

Por que então insistimos em descaracterizar o panorama da vida; em decompor os átomos da luz, para mergulhar na escuridão; em poluir a água para bebê-la envenenada, se é disso que provêm a dor, a ira, a rebeldia?

Para que o dedo em riste, a ofensa e a inveja malversando, se o paraíso continua logo ali, fértil e generoso, a um passo dos nossos desacertos, a um aceno de nossas mãos?

Seria tão mais proveitoso para a humanidade o descarte dos delitos interiores e a ablução dos sentimentos mesquinhos, que só fazem desumanizar o espírito quando não, embrutecê-lo.

Não haverá guerra, se as trincheiras forem desarmadas, e banido do coração humano o veneno mortal do ódio. Só assim o Universo voltará a seu status quo. E o plano divino será executado em sua plenitude e abundância.

Urge, pois, que a tolerância e o bem-querer se irmanem, na aventura fascinante e gloriosa de disseminar as sementes da paz...

A arte de escrever

Fico cabreira e insatisfeita, ao ler uma peça literária entremeada de citações alheias. Daí que, para não me acusarem de plágio, nem me imputarem incoerência ou diletantismo, adianto as razões que me induzem a fazer o mesmo, neste momento de reflexão.

Pois bem, propus-me a transcrever conceitos e definições de outrem, justamente por tratar-se de um assunto delicado e, certamente, fadado a críticas. Todavia, desafio posto, desafio aceito. Daí a razão de utilizar, neste trabalho, citações do filósofo e escritor Arthur Schopenhauer. É o faço por precaução e salvaguarda, uma vez que o tema é polêmico e sujeito a ferir suscetibilidades. Adianto, pois, que as ideias aqui expostas não são minhas, e sim do referido autor alemão, em seu livro *A Arte de Escrever*, com tradução de Pedro Sussekind. Reitero, entretanto, que comungo plenamente das teorias apresentadas por ele, e faço minhas as suas afirmações.

“A presença de um pensamento é como a presença de quem se ama. Mas o mais belo pensamento corre o risco de ser irremediavelmente esquecido, se não for escrito. Assim como ocorre com a pessoa amada, que pode nos abandonar, se não nos casarmos com ela.

Mas há que ter o cuidado de não se tornar um escritor diarista. Isto é, aquele que escreve qualquer coisa, e em função do lucro. O verdadeiro e bom escritor o é por vocação e não por profissão.

Os escritores por profissão, ou por encomenda, repetem o que os outros já disseram e escrevem sobre isso. Ao passo que aqueles que são estimulados a escrever, por meio das próprias coisas, com sua linguagem e estilo próprios, só esses permanecem e serão imortalizados.”

Vamos, pois, ao que interessa.

Rainer Maria Rilke, em *Cartas a um Jovem Poeta*, afirma que morreria se parasse de escrever. Isso prova que a literatura, como a pintura, a escultura, o canto, a prática esportiva, podem vir a tornar-se uma segunda natureza, necessária e insubstituível.

Mas, a despeito de ser a palavra a matéria-prima do artista literário, ela em si não basta para obter-se um bom texto. É preciso que ela seja trabalhada num processo de seleção, de arrumação vocabular, de exploração de significados e linguagens não-conventionais, como são as expressões figurativas. É esse processo, essa interlocução com o texto, que caracteriza a linguagem artística, seja ela em forma de verso ou de prosa.

Nesse particular, não é demais lembrar que o que diferencia um trabalho escrito de outro é a expressão, o estilo da cada autor, que pode ser sobejamente enriquecido por construções inusitadas e formas peculiares de dizer o corriqueiro. Trata-se de uma técnica exaustivamente explorada pelos bons literatos, sobretudo os poetas, que buscam, em figuras de linguagem, o adorno que aprimora a frase e leva o leitor à comoção.

Asseguro que há uma blindagem entre o autor e sua obra, a qual os torna parceiros e cúmplices. Se for violada essa interação, o ato se assemelhará ao furto, pois caracteriza uma violação ou apropriação de direitos alheios.

E isso ocorre com mais frequência do que se supõe. Basta folhar certas teses e dissertações, hoje disseminadas qual uma pandemia, para certificar-se de que a moda pegou para valer. Isso de que, no mundo, “nada se cria, tudo se copia”, é apenas meia-verdade.

No meu entender, não se aplica ao produto do cérebro, que é abstrato e imaterial. A formulação do pensamento, do conceito, da ideia, será sempre intrínseca e individual, algo intransferível, por sua própria essência. Dizer, ou escrever, o que outros já disseram, ou escreveram, empobrece o texto e desqualifica seu autor. Além da chatice que é a continua interrupção da leitura, a que se obriga o leitor, pelas informações entre parêntesis.

O sujeito só se apropria do saber, quando é capaz de pensar algo com profundidade e produzir, sobre a coisa pensada, seu próprio conhecimento.

Grande parte dos pretensos eruditos consegue definir apenas o que já está definido, sem a diversidade original dos cérebros que realmente sabem formar sua opinião pessoal. O espírito pensante é elástico, elabora e estica seus próprios conceitos, diferente do tacanho que só escreve com a mão e o intelecto dos outros.

Que um autor pense igual a outro, que tenha os mesmos princípios e mesmas características, que se ampare em bons autores do tema, é louvável e até aconselhável. Mas que transcreva simplesmente o dizer de outros, descaracterizando o próprio trabalho, além de enfadonho é também inócua.

O adágio, tão velho e tão atual: “Cada cabeça, uma sentença”, fala por si.

À vista das considerações expostas, há que priorizar-se, e valorizar, o texto inédito, sem os enxertos que o enfadam e o despersonalizam.

Sejamos criativos, singulares, originais, que será maior e mais fecunda a nossa contribuição à literatura e aos leitores.

No intento de validar minhas afirmações, concluo também com o dizer de Schopenhauer a respeito do assunto abordado acima: “Pensamentos alheios, lidos (ou repetidos) são como a sobra da refeição de outra pessoa, ou como as roupas deixadas em nossa casa por um hóspede”.

71.

O exemplo vem do céu

A Lua se enchera de desejos. E uma vez cheia, propôs casamento ao Sol. Ele, que já se incendiara de cupidez e apagara na solidão, achou que a união de ambos seria uma atitude sensata. Então comprou as alianças, preparou os papéis e marcou a data da celebração.

O dia, que era de verão, vestiu o noivo com uma túnica dourada, a mais pura seda do casulo real. Na cabeça, um quepe aveludado, onde as condecorações refulgiam.

A noiva, por sua vez, apresentou-se com elegância rara: túnica de prata legítima, grinalda de pérolas, colar de estrelas derramando faíscas pelas pontas, que a deixavam ainda mais esplendorosa em sua fase crescente.

Na cerimônia, ninfas deslumbrantes vieram prestar homenagens, enquanto aias e pajens desfilavam sua leveza, por entre as águias do solene cortejo.

À hora do enlace, todos os convidados se posicionaram, com respeito e enlevo, ante a cena tão rara quanto primorosa. Na infinitude do firmamento, as cerimônias se revestiram de uma magia peculiar. Os cometas, na carruagem tradicional, desfilavam suas corbelhas de luz. Um frenesi incomum percorria os ares, e uma etérea fragrância inebriava os lençóis de nuvens. Era neles que o casal passaria a lua-de-mel, ao som das ave-marias, tão simbolicamente entoadas pelos anjos.

Nada se compara a um casamento nas alturas, distante do tropel das ruas, do ronco dos motores, da saburra das lixeiras. Lá em cima há ordem, asseio, brilho e finesse. O oficiante se apresenta regamente paramentado, pois o protocolo da cerimônia impõe, tanto pelo som das trombetas quanto pelo coral dos anjos.

Um respeito silencioso percorre todo o ambiente, provocando uma volúpia que inebria. A bênção das alianças é promissora e emocionante; o sim, infalível e eterno.

Que bom se todos os seres do Universo fôssemos sóis e luas, a estourar o champanhe da harmonia perene, entre os fulgores da paz sem interferências!

Deveras, homens e mulheres temos muito a aprender, com os exemplos que nos vêm do céu...

72.

Revoadas e descobertas

Entre o mar e as gaivotas flutua o pensamento. Ora salobro e tenso. Ora lépido e esvoaçante. Encharca-o a turbulência das voragens e o leque dos pássaros o ventila. Nas entranhas do oceano, freme com a escuridão das águas tormentosas. Na penugem das aves, aninha-se entre as alfombras do silêncio.

O mar é um dragão vomitando insultos. As gaivotas são fadas espalhando afagos.

Tanto na presença dele como delas, o pensamento se aguça, afanosamente. Quer desentranhar os mistérios e decifrar os códigos secretos. Do mar, que desce aos pélagos profundos. E das gaivotas, que perseguem as infinitas alturas. Dele, que se excita

com a voragem das águas. E delas, que recolhem quimeras na vastidão azul.

Em seus repentes de calmaria, o mar volatiliza a bruma, para que os botos possam vir à tona brincar com os pássaros. São eles que irão polinizar a terra que, ao impulso da paixão, haverá de florescer e frutificar.

Nos pélagos do mar profundo, há tantas surpresas empilhadas, que o escafandro das pretensões humanas jamais conseguirá resgatar. Mesmo assim, aventura-se o pensamento, que sai cavalgando as ondas, como quem vai em busca de um segredo, que nem a cigana mais esperta sabe dizer onde está.

Por mais que o tempo escape pelas frestas, que a voz da chuva se torne inaudível e as fagulhas do Sol esmoreçam, ainda assim o sorriso da Lua continuará cortejando o firmamento, perenemente debruçado sobre o mar. E a noite, quando se aproxima, esquiva e silenciosa, deve estar caminhando ao encontro das estrelas, pois só elas conhecem o bálsamo para as feridas da solidão. Só elas têm o dom de espalhar brilhantes no peito denso do céu.

Nesse momento, os despojos do dia moribundo são rateados entre os anjos, para a revoada do adeus.

Vivam todos os mistérios! Morram todas as verdades! Eles massageiam nossas esperanças. Elas calcinam nossas crenças.

Quero a companhia do mar, com seus afagos espumantes, tanto aqueles que se foram, abanando adeuses de saudade; como os que ficaram agarrados a mim, pois que a solidão é a saudade ampliada um milhão de vezes.

O abraço do mar me rega de ventura e seu beijo me desabrocha. Dotado de um corpo musical, ele sonoriza até o frêmito do orgasmo. Pois na hora da festa, copulam o rochedo altaneiro e a vaga ondulante, para que o frescor da nova primavera possa reluzir como um cometa em ascensão.

Logo, logo, secarão os cabelos das espigas, abrir-se-á o sorriso das romãs, ruirá o castelo das mágoas. Só a craca restará, no fundo do tacho, para contar a história.

Quando envergarmos de vez o estandarte da paz e da união duradoura, seremos todos artistas, no palco da vida, a produzir o espetáculo universal da concórdia, para o encanto do Universo e de seus espectadores.

Casemiro, onde andarás?

Nome comprido, para meu curto entendimento. Eu, que só tinha um prenome e um sobrenome, achava pomposo alguém chamar-se Casemiro dos Santos Marques.

Meu amigo Casemiro, com idade para ser meu pai!

Homem rude. De gestos comedidos. Trabalhava num depósito de cereais, com sede em Espumoso/RS. O armazém pertencia à empresa Z.D. Costi, estabelecida em Passo Fundo.

Um enorme prédio em estilo colonial. Dois andares. O térreo, de alvenaria. O superior, de madeira. Ainda existe hoje, mais de sessenta anos após o meu convívio com ele, na Avenida Ângelo Macalós, em minha terra natal. É vizinho da propriedade que foi de meus pais e hoje pertence aos herdeiros. Tão chegado pelo afeto quanto pela proximidade geográfica, aquele rústico casarão foi um dos ícones da minha infância. E sua sólida estrutura, própria daquelas eras de abundância e moeda forte, resistiu ao tempo e aos vendavais.

A tarefa do Casemiro consistia em carregar e descarregar fardos de mercadorias. Transportadas, se bem me lembro, da longínqua matriz, para serem comercializadas na cidadezinha do interior e seus arredores. O meio de transporte, um carreto de ferro, pesado e esquisito, deslocava as mercadorias de fora para dentro do depósito, e vice-versa, ao mesmo tempo em que alimentava minha fantasia de menina irrequieta e carente de brinquedos.

Sem conhecer o frenesi dos carrosséis, das montanhas-russas, dos trens-fantasma, das rodas-gigantes e de outras tantas figurações dos reinos encantados, afeiçoei-me às brincadeiras do amigo, naquele espaço curioso do armazém.

Nas suas horas de folga, que não eram poucas, levava-me a passear na carruagem majestosa, por trilhos escondidos entre as sacas empilhadas. Em ocasiões mais festivas (era essa a minha concepção), acomodava suas grossas e nodosas mãos em minhas axilas, e jogava-me para o alto, aparando-me na queda, como se eu fosse uma boneca de pano. O gesto me provocava um friozinho na

espinha dorsal. Aquela doce e gostosa vertigem que só no frescor da inocência se consegue sentir.

Brindar-me com peras inchadas de sumo e bergamotas de casca reluzente era outro mimo do meu bom e carinhoso mascote.

Alguém me disse que o Casemiro ainda vive. Neste momento, imagino-o velhinho e encurvado, sem carroto de ferro e guloseimas para oferecer-me. E adoraria saber o paradeiro dele, já que as voltas da vida têm um jeito desleal de enterrar os sonhos e apagar as lembranças. Essas lembranças tão doces que eu não quero jamais esquecer.

P.S.: Algum tempo depois de ter escrito este texto, por ocasião de uma visita à minha terra natal, encontrei, na antessala de um consultório dentário, o Casemiro em pessoa. Indescrevíveis foram minha surpresa e minha alegria! Ele estava com 79 anos e boa saúde para a idade. Foi um momento marcante. De recordações e saudades. Mas, acima de tudo, de mútuo carinho e reconhecimento a Deus, que nos manteve vivos para a emoção desse encontro.

74.

Parceiros e cúmplices

Longe do amplexo deletério do sol, e perto, muito perto do cafuné da lua, ele se debruça sobre a folha em branco, onde desembrulha sua inspiração... Quer pôr à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio...

Esse é o poeta, o solitário, o noctívago, o caldeirão ardente, pois que enamorado da vida e comprometido com ela, são múltiplas as suas paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas, e até mesmo ao ardiloso entreviro da sintaxe, ele só quer, na transparência de sua imaginação, mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para dela extrair emoção, sentimento, harmonia, ritmo e, por esse meio, decifrar o enigma da poesia.

É literatura o que ele produz nessa parceria com o silêncio? Têm algum proveito as suas metáforas? Os seus trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, quando refém do enlevo que o invade, ao caminhar sobre o imaginário dos versos, entre o rumorejo das palavras que descem em cascata.

Ao poeta pouco importa o fato de nem todos apreciarem a nostalgia de suas divagações, o plangente fluxo de suas mágoas ou a imprecação fragorosa do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o ser humano, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, beleza, encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanações da vida e esconder-se da própria imagem refletida no espelho.

Por sua essência, a poesia é sobretudo beleza e fruição. Daí que não se condensa em páginas de livros ou revistas, nem em versos escritos em muros e painéis. Ela, que é espírito e transcendência, reside nos seres do Universo e nos cacoeetes do coração, nas sinuosidades do intelecto e nas peculiaridades da alma. Sua principal característica é dizer o novo, o inusitado, o surpreendente. Não o óbvio, usual e tradicional, como ocorre no poema frio e objetivo.

Há, pois, uma diferença essencial entre este e aquela. O poema define-se como a forma, a materialização do texto, a arquitetura da frase, a regularidade da métrica, muitas vezes com prejuízo do significante. Ao passo que a poesia corresponde à ideia, ao conteúdo temático, ao modo de dizer, aos artifícios da linguagem figurada, das metáforas, hipérboles, antíteses, e outros recursos de expressão, que conferem ao texto beleza e subjetividade. A utilização de imagens inusitadas, cuja semântica dá colorido, sonoridade e incandescência ao poema, pela exploração dos múltiplos significados que se abrigam na alma das palavras, pode ser considerado o mote, o estalo, o meteoro, enfim, o *boom* da arte de compor versos.

Por conseguinte, a poesia, em sua essência, é abstrata e imaterial, ao passo que o poema é a sua materialização expressa

formalmente. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para além das fronteiras do espaço e do tempo.

Como produto da emoção, do sentimento e da sensibilidade estética, o gênero poético ocupa um lugar privilegiado entre as demais formas de literatura. Quando Drummond escreveu, em *A Rosa do Povo*: “Chega mais perto, / e contempla as palavras. / Cada uma tem mil faces secretas / sob a face neutra”, conceituou, com precisão, a natureza da poesia.

Rainer Maria Rilke, autor de *Cartas a um Jovem Poeta*, afirma que “morreria se deixasse de lidar com as palavras”. E revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: “Para escrever um simples verso, é preciso ter a alma aberta para o voo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer. É preciso passar muitas manhãs diante do mar, muitas tardes diante do pôr-do-sol, muitas noites diante de quem amamos.”

E Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica: “O verso é como o bote de uma fera.”

Obviamente, a primeira condição para que essa magia aconteça é uma apurada sensibilidade e a reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo que é necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação essa que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio que, ao criar um vínculo afetivo com seu leitor, o faz partícipe de sua obra.

E, por ser o poema uma manifestação literária condensada, impulsiva e dinâmica, cadenciada e sonora; e por abusar de linguagens e formas não convencionais, o gênero poético pode ser considerado um dos mais difíceis de ser exercido.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catar-se que tem a poesia, bem como seu trânsito entre os canteiros da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. No mundo de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela pode contribuir, sem dúvida, para o

aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta.

75.

A arte em trânsito

Provocar nas massas um transe coletivo. Resgatar o veio das emoções aprisionado nos caminhos da indiferença. Reaquecer o sorriso e a gargalhada, o choro e a lágrima, pela compulsão da empatia entre atores e espectadores, numa saga de máscaras e verdades...

Quando o ônibus-palco aciona os freios e se posiciona na praça, ninguém fica imune às suas vibrações. Todos se achegam devagarinho, espiam, comentam, criam expectativas. Que surpresas estará escondendo aquele pássaro de cores singulares, alçado sobre rodas, ao transportar, nas asas de metal, um sonho encantado e misterioso?

Crianças, jovens, velhos – uma enxurrada de olhares curiosos, de comentários e ansiedades. Todos procuram o melhor ângulo, o contato mais próximo. E ninguém se dispõe a sair dali.

De repente, a buzina toca, o bumbo soa, a cortina se abre. E eles, os mágicos da sedução, irrompem do túnel do mistério para a companhia do sol, do vento, das árvores, dos prédios, do povo que se amontoa ante a miragem do palco volante.

O silêncio baixa sobre a multidão. Aquele silêncio sintomático que precede o êxtase. E ninguém mais vive o cotidiano. Todos se irmanam numa euforia ilusória que transcende o tempo e se confina no ali e no agora. A respiração suspensa. O olhar ansioso fixo no tablado. O ouvido atento às vozes andarengas. Cada ruído e cada canção, cada muxoxo e cada palavra, cada gesto e cada trejeito, vão sendo recolhidos na alma, como troféus de uma velha brincadeira infantil.

Enquanto se agigantam sobre o palco, pouco a pouco os personagens catalisam os sentimentos daquela gente, assim debruçada sobre a fantasia do inverossímil. E a catarse acontece, tal como

ocorre com os crentes, quando presenciam o milagre do santo favorito, sobre os degraus de um santuário.

Por imposição de seu destino, os atores seguem, transformando os atropelos da existência em cenas de teatro e arte. É a plateia de espectadores se deleita e ri, se compunge e chora, ante as peripécias da comicidade e da tragédia.

Deveras, o teatro sobre rodas produz momentos de superação, euforia e vigor, ao espalhar suas alegorias pelos rincões e encruzilhadas do imaginário popular.

76.

Escola da vida

Aprendi, ao longo da jornada existencial, com as experiências vivenciadas e os frutos colhidos, que não é uma boa atitude forçar a barra, rebelar-se, fazer oposição. Há que ser disciplinado, ter uma postura light, músculos faciais descontraídos, pensamento positivo. Que isso é suficiente para colorir os dias, apaziguar o sono, obter êxito, sair por cima.

Deveras, foram essas as instruções dos mestres e orientadores educacionais. Entretanto, hoje estou consciente de que não bastam os ensinamentos teóricos e convencionais da escola formal e da própria sociedade. Por meio deles, ganha-se conhecimento, aprende-se a teoria da existência, adquire-se o grau de doutor. Mas a prática do cotidiano mais comezinho, como a superação dos embates, a convivência harmoniosa, o aflorar das instâncias superiores do cérebro e do coração, isso só a ciência do experimento nos ensina.

Superar as veleidades, colocar as decisões no prumo, jogar limpo em todas as cartadas, contestar a rebeldia dos sentimentos e, apesar de tudo e de todos, manter o sorriso limpo de nódoas e feridas, isso é um aprendizado que só acontece na chamada escola da vida. Um educandário sem portões e cadeados, em que cada um é seu próprio mestre e cujos livros são os acontecimentos, as relações interpessoais, os caminhos e descaminhos da jornada.

Queiramos ou não, a intuição, o caráter e o esforço de cada um de nós criam anticorpos às nossas veleidades e nos induzem a agir de conformidade com a prudência e a conveniência. Deixamos de lado, então, certas picuinhas individualistas, como a vaidade pessoal, a intolerância e a presunção de sabedoria e inteligência, para exercer uma outra faceta da personalidade, menos ostensiva e mais pacífica.

É o momento do encontro consigo mesmo, em que o frenesi da glória, da homenagem e do pedestal cedem espaço à rendição, ao equilíbrio, à sintonia fina com a própria individualidade. As atitudes então passam a ser de tolerância, discernimento, equilíbrio. Um desempenho sereno, sem aforismos, sem vaidades, mas impregnado de profunda satisfação e bem-estar.

77.

Roda d'água

Quem de nós, guardiões do bucolismo e suas lendas, não bebeu da seiva que perpassa o farfalhar dos campos? Não se arriou num bosque de cerejas, pitangas e guabirobas? Não se imantou com o hálito da brisa e o rumorejo intermitente de um riacho?

Pois é disso que se irriga o coração do poeta.

Ao perambular pelas trilhas da emoção, vestidas de sol ou de sombra, ele se encharca de cicios e se excita com o requinte das paisagens calidoscópicas.

Uma delas – que marcou minha meninice como esta cicatriz na mão esquerda (ô faca de sapateiro, metida a descascar cana, afiada, você, hein?) – perdura ao longo das décadas e renasce, nitidamente, no saudosismo que volta-e-meia me atropela.

Vejo-me, com minha tia Lívide (onde será que a vovó cavoucou esse nome esquisito?), descendo o lombo do morro. Um chapéu de palha, artesanato da nona Tranquila (e ela era de fato o que diz o nome!), enfiado até as sobranceiras. Os pés saciando a sede, na água filtrada do arroio. Quão fresca! Quão transparente! Idêntica às nossas aventuras infantis.

É claro que a incursão pelo mundo líquido tinha uma meta: descer até encontrar a roda, onde a água saltava e espumava, executando uma dança que chegava a ser doce de tão melodiosa.

Tinha degraus aquela roda e girava continuamente, sem nenhuma alavanca ou sistema de rotação.

Só as golfadas d'água eram suficientes para dar-lhe impulso e ordená-la a cantarolar. E ela descia saltitando, seus jatos amansando as pedras e as marrecas se embriagando com sua cantoria.

Agora, que aprendi a decifrar os códigos do sentimento, não me surpreende a empolgação do cenário mágico que, nos velhos tempos, não sabia interpretar. Apenas sentia, nos espaços vazios da alma, que aquele recinto, denso de apelos sobrenaturais, me provocava as mesmas sensações dos momentos de recolhimento e prece, ao frequentar a igreja.

Hoje sei que a roda d'água é também poeta. E a vida, sua inspiração. A vida que desliza, corre, salta e vence. A vida que dança, estremece, gargalha e chora.

E, ao cabo da ruidosa travessia, o remanso das águas, a bonança da paz...

Eis a imaginação jorrando copiosa. Eis a sede saciada. Eis o poema pronto.

78.

Malquerença e benquerença

A natureza fez todas as criaturas desiguais.

Assim como não nasce uma flor igual a outra, nem um pássaro que se identifique com outro de sua espécie, também os homens são seres singulares e distintos, cujas peculiaridades mais se acentuam nos traços psicológicos do que nos físicos.

Há os de temperamento dócil e amanteigado E há os turbulentos e belicosos. Uns agem compelidos por estímulos sobrenaturais. Outros, megalômanos, buscam em tudo a satisfação de seu ego e a supremacia de suas pretensas qualidades.

São justamente as diferenças de caráter de cada indivíduo que o fazem, não só agir de modo diferente, mas também avaliar os outros de forma desigual.

Nessa avaliação, o que se constata, habitualmente, é o negativo prevalecendo sobre o positivo, e as virtudes sendo escanteadas pelo vício. Isso ocorre na maioria das situações e dos segmentos da atividade humana.

Pode o sujeito passar a vida toda praticando o bem, devotando-se ao trabalho, esmerando-se em fazer o melhor, sendo honesto e leal em suas relações, promovendo o bem coletivo, valorizando e estimulando seus parceiros e colegas. A resposta da parte deles, porém, raramente virá satisfatória. O que se observa, nas relações interpessoais, tornou-se um fato corriqueiro, em qualquer das camadas sociais. Refiro-me ao seguinte: Dificilmente alguém se dispõe a enaltecer os acertos de um colega, valorizar o trabalho bem executado, reconhecer o empenho de quem presta um bom serviço à comunidade. Quase todos fazem vista grossa, tratam o companheiro com indiferença ou, o que é ainda mais reprovável, o punem com o isolamento.

E no momento em que alguém do grupo tiver a infelicidade de cometer um deslize, ainda que involuntário, observam-se os pretensos donos da verdade caindo sobre o sujeito, com piadas de mau gosto, ou, pior, com ilações ofensivas e até sádicas. Isso apesar da teoria de que só Deus é perfeito, e os homens somos todos passíveis de equívocos.

A história das civilizações apresenta fartos exemplos de mau coleguismo, de picardia e outras atitudes inconvenientes, nas relações interpessoais.

Deveras, a humanidade não é nada solidária, nem facilita a vida dos que habitam esta selva.

Por que será que somos tão parcimoniosos em elogiar e tão pródigos em desmoralizar? Seria esse um resquício do pecado original atribuído a nossos primeiros progenitores?

Conceitos e convicções à parte, tenho sim uma explicação, e bem fácil de ser entendida: o elogio brota da nobreza de alma, do respeito pelo outro e da humildade do coração. Você já ouviu uma pessoa orgulhosa elogiar alguém? Reconhecer as qualidades de quem lhe faz sombra? Dirigir-lhe uma palavra amiga e respeitosa?

A resposta é óbvia, pois o caráter íntegro, a lealdade, a fidalguia, só desabrocham no aconchego do respeito mútuo, da lealdade, do afeto solidário e generoso...

Oxalá pudéssemos vislumbrar, em todos aqueles que cruzam nossos caminhos, os reflexos da amizade sincera, da simpatia contagiante, da afeição e da grandeza de alma.

No dia em que tal acontecer, sumirão os desentendimentos e a paz nos irmanará, irrigando de poesia os nossos corações!...

79.

Conflito de gerações

Em meio a tantos hábitos inovadores que, no decorrer dos séculos, vêm sendo impostos à sociedade, com afoiteza crescente, inclui-se também o modismo da mudança de valores. Em decorrência, há um confronto quase permanente entre o pensamento dos adultos e o dos jovens.

O abandono de princípios que no passado balizaram os comportamentos de pais e educadores, condenou ao extermínio certas referências, reconhecidamente indispensáveis a uma convivência harmoniosa. Isso vem ocorrendo tanto dentro como fora do lar.

Desde aqueles tempos em que o olhar severo representava uma ordem aceita sem contestação, passaram-se somente duas gerações. Os que viveram sua mocidade nas últimas décadas do século vinte, ainda mantêm vivos na memória, e evocam com satisfação, o respeito e a disciplina que delineava os passos de todos, no reduto da família e da escola, na rua e até mesmo nos locais de diversão.

Os jovens de hoje definem como passiva e despersonalizada a juventude de antigamente. Inegável, no entanto, é o fato de que aquele *modus vivendi* gerava uma tranquilidade e uma segurança invejáveis. Ao passo que as novas gerações vivem num atropelo constante, sob ameaças à integridade, tanto física quanto moral. Os apelos à rebeldia, ao desencontro familiar e social, ao abandono de atitudes saudáveis, corroem, vertiginosamente, o que deveras qualificava as relações interpessoais, em tempos nem tão distantes.

A maioria das famílias, umas mais, outras menos, à mercê de circunstâncias externas, que poluem as relações grupais, estão enfrentando distúrbios de crescente intensidade, quando não

verdadeiras tragédias, no relacionamento entre pais e filhos, entre professores e alunos.

O concurso de vícios, como o álcool, os entorpecentes, e a própria adesão ao sexualismo prematuro e desbragado, corroem, gradativamente, as reservas morais do jovem. Até mesmo alguns meios de comunicação de massa, mais comprometidos com o boom da audiência do que com a qualidade dos programas, transmitem conceitos equivocados, quando não, perversos. Tornou-se corriqueiro passar a imagem de que tudo é lícito, de que a rebeldia é sinal de autoafirmação, e a desobediência reveladora de uma personalidade forte.

Por mais que a família e a escola se empenhem em restabelecer o status quo, suas palavras quase sempre encontram o vazio, e suas orientações são taxadas de cafonice. A alienação a tudo o que remete a regulamentação, disciplina, responsabilidade, compromisso, tende a desembocar na vala comum da autodestruição.

Estamos presenciando uma geração de moços velhos, no mais lúcido sentido da expressão. Falta-lhes otimismo, ardor, sensibilidade e nobreza de alma.

É de lastimar-se o futuro que aguarda esses jovens, debilitados no idealismo e nos próprios projetos de vida. Uma nuvem sombria paira sobre eles, forçando seus familiares e seus mestres a uma condição de amarga e desoladora inércia.

Se os moços tivessem discernimento para compreender o desejo que nutrem seus pais e educadores, de que eles tenham um amanhã sorridente, sem dissabores e percalços, certamente seriam amenizados os conflitos entre as gerações, e a sociedade caminharia por rotas mais seguras e menos conflitantes.

80.

Supremo dom

Todos sentem pela vida o maior apreço. Desde a criança que teme a investida do rato, até o enfermo que luta pela recuperação da saúde. Por penosa que seja, sem brilho nem esperança, não há quem não a defenda e se empenhe em sua preservação.

De fato, ela é e merece ser qualificada como inestimável. O supremo dom que o Criador concedeu à criatura humana, além do arbítrio e da inteligência.

Mas viver não é apenas respirar, sentir, pensar e agir. Seu conceito é bem mais abrangente que a mera ocupação de um espaço no universo.

Para que o indivíduo desfrute da vida em plenitude é necessário que ela lhe propicie condições de aperfeiçoamento, e domínio sobre os seres que lhe são inferiores.

O dom da vida não se concretiza numa sociedade em que os indivíduos definham ao flagelo da fome e da doença; onde os jovens se prostituem para garantir o próprio sustento, além de serem compelidos a engrossar as quadrilhas de delinquentes.

Não existe vida num mundo em que é negado ao ser humano o sagrado direito ao trabalho, e explorado de todas as formas aquele que tem o privilégio de trabalhar.

É falsa a vida daqueles que lutam arduamente para conquistar um teto e veem seus esforços baldados por manobras institucionais, quase sempre inescrupulosas; daqueles que sofrem violência física, intelectual e moral; e dos que têm sua individualidade anulada pela força dominadora dos poderosos.

São tantos os privados do necessário, para que alguns poucos se locupletem de bens supérfluos! E os esmagados por pesados tributos, cuja destinação, em muitos casos, é suspeita e imoral.

Ausência de vida é o clima de angústia, intranquilidade e insegurança que cada vez mais vem sufocando a humanidade.

Para uma vida plena é necessário ser reconhecido como gente, ter condições de amar e participar, de trabalhar com dignidade e de ser feliz.

Sendo a vida um dom divino, por certo Deus pretende que ela transcorra como tal, em todos os seus desdobramentos: material, intelectual, afetivo, espiritual. Pois dom equivale a benefício, dádiva, privilégio. E Cristo foi muito além, quando afirmou que veio à terra “para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. Sua pretensão, como salvador da humanidade, não parou por aí. A imolação na cruz foi o preço pago para que os humanos tenham tudo, não apenas do bom, mas do melhor..

Quão distante da realidade social e individual se revela a doutrinação dos Evangelhos! Em lugar da fartura, alastra-se a penúria; o respeito é violado pelo menosprezo; a honestidade sofre os achaques da corrupção; a justiça curva-se diante da prepotência; e a liberdade enfraquece sob a marreta da opressão...

Oxalá, cada um de nós se sensibilize com os infortúnios e carências dos que cruzam, cotidianamente, o nosso caminho, e contribua, com seu gesto de benevolência, para aperfeiçoar a vida de tantos desafortunados que passam por ela de través!

81.

Voz do povo, voz de Deus

Nos anos conturbados da existência humana, que se sucedem como o panorama de um itinerário vasto e multicor, são múltiplas as vicissitudes que nos surpreendem e, não raro, desestabilizam nossos argumentos e critérios de valor.

Em vista disso, a consciência pessoal, atordoada por emoções de toda ordem que pontilham a jornada, com variantes mais ou menos sutis, nem sempre consegue perceber a verdadeira lição dos fatos e das coisas, nem joeirar, convenientemente, os bons impulsos, entre os menos edificantes.

Um fato, porém, é inequívoco: os conceitos de acerto e erro, as percepções de certeza e dúvida, podem tornar-se nebulosos e traumatizantes, quando engendramos desculpas para as nossas falhas e encobrimos o que deveríamos fazer às claras. Tais constatações nos levam a indagar: Nesta época de tantas controvérsias, num mundo pleno de incoerências e desacordos, o que, afinal, se deve considerar certo e correto?

Assumir uma postura rígida em face dos acontecimentos, ou cruzar os braços com indiferença? Procurar o entendimento, a fim de obter um denominador comum, ou encastelar-se numa torre, indiferente ao que se passa? Acatar os conselhos dos sábios e entendidos, ou julgar-se senhor absoluto da verdade e da certeza?

Tais indagações nos conduzem, invariavelmente, ao memorável dito popular “*Vox populi, vox Dei*”, uma expressão de semântica tão eloquente nos dias de hoje, quanto na época dos romanos.

Não importa que um interregno milenar nos separe daquele povo e de seu desconhecido idioma. O que importa é a atualidade, constantemente renovada, deste adágio tão sábio e prudente que ele legou à humanidade.

Somente no dia em que nos convenceremos de que a verdade não é arrogante e a simplicidade é sábia, teremos aprendido como enfrentar as situações críticas da vida; entenderemos a linguagem espontânea dos que nos contestam; e aceitaremos, com tolerância, o pensamento discordante.

Todos temos uma tendência natural a desejar nossas ideias aplaudidas e reconhecidos os nossos méritos. Contudo, em se tratando de pessoas que galgam postos e assumem posições de comando, é importante auscultar também a voz do povo, porque é ela a transmissora da sabedoria empírica e do conhecimento intuitivo cristalizados através do tempo e das gerações.

É por sua proficiência e credibilidade que a voz do povo é considerada a voz de Deus.

82.

Testemunha da história

Como nas demais categorias de empregos e ofícios, também no jornalismo a atuação precisa ser pautada por valores morais e éticos. Por relatar a vida cotidiana dos povos, o jornal passa a ser testemunha da história. Daí sua obrigação de ser fiel à verdade.

No que me diz respeito, amante que sou da leitura e da escrita, sempre mantive com livros e jornais uma relação de amizade e profunda simpatia.

E foi por uma dessas travessuras do destino que cheguei, em certa altura de minha, ao posto de repórter e redatora de um periódico semanal, numa cidade do interior, melhor dizendo, em minha terra natal.

Vivenciei assim, em tempos já bem distantes, uma experiência agradável e sumamente valiosa, que nos tornou, o jornal e eu, companheiros, amigos e, sobretudo, cúmplices, uma vez que passamos a ver o mundo pelo mesmo prisma, a saciar-nos nas

mesmas fontes, e a tecermos em parceria a história que transcorria à nossa volta.

Ele, um jovem promissor, vestido de entusiasmo e sonhos, ansioso por abrir as portas e sair à cata de aventuras e descobertas, para oferecê-las ao povo do lugar. E eu (não tão jovem quanto ele!), mais parcimoniosa e discreta, com a incumbência de enriquecê-los – o jornal e nosso povo –, com relatos transformados em notícias.

Foi dessa forma que um sonho inesperado e palpitante se tornou real, uma aventura para vivermos em dupla, e um compromisso com a nossa comunidade.

Várias décadas já se passaram desde aquela convivência marcada pelo afeto e pela cumplicidade. Mas tudo parece tão recente, que ainda sinto o borbulhar dos textos, o clique da máquina fotográfica, o calor das entrevistas, o inusitado das charges...

Um prazer enorme me dominava – após uma semana inteira, indo e vindo, lendo e escutando, olhando e percebendo, rascunhando, redigindo e datilografando –, quando, ao raiar da manhã de sábado, meu parceiro levantava cedinho, para sair percorrendo as ruas, de porta em porta, a fim de espalhar novidades e distribuir emoções. E a cidade se inundava de relatos, informações e surpresas. Umas alvissareiras, outras dolorosas. Mas todas aguardadas com a mesma ansiedade das crianças, quando esperam o Coelho da Páscoa ou o Papai Noel.

E assim transcorriam as horas, os dias, as semanas. O jornal e eu cada vez mais íntimos, mais solidários. De mãos dadas, cumpríamos a missão de sentinelas e mensageiros dos acontecimentos cotidianos. A palavra era nossa aliada nessa tarefa. A palavra que eu forjava no cérebro e ele oferecia, aos nossos leitores, numa copiosa bandeja de papel.

Foi uma época prazerosa, de saudável companheirismo e fecunda experiência. Batalhamos, sorrimos, e também choramos solidariamente. A lembrança daqueles tempos longínquos me traz não somente saudades, mas, acima de tudo, muita empolgação, por saber que meu mascote, decorridos quase trinta anos, ainda continua sua trajetória, próspero e feliz.

Hoje, separados e distantes, quero dizer a ele que me alegre saber que segue em seu posto, firme como outrora, cumprindo a singular missão de registrar e divulgar a história de nosso povo.

Outrossim, aproveito a oportunidade deste relato para expressar meus sentimentos e aplaudir você, Folha Espumosenense! Quero confessar-lhe, minha velha amiga e sempre aliada, que continua morando num recanto especial de meu coração! Peça-lhe também que, em suas idas e vindas pelas ruas de nossa terra, transmita minha mensagem de carinho e meu abraço, aos nossos amigos de outrora e aos seus amigos de hoje, que acompanharam e ainda acompanham essa caminhada, pois servir de vínculo entre o mundo e a comunidade é uma missão fantástica e deveras memorável...

83.

Em defesa de um mito

No tablado da calçada, o artesanato rude e sem poder de sedução.

Vincado pela desventura, um rosto imberbe e inexpressivo. Sob o cabelo hirto e a roupa sem corte, o silvícola se encolhe, como a esconder-se da própria mendicância.

Cansou de oferecer as bugigangas, sem merecer sequer um olhar de complacência. Decide então recolher os cestos, que vai encaixando um no outro, com habilidade. Por fim, joga-os certo sobre os ombros, seu carroto improvisado.

Na avenida, os automóveis atropelam a própria voracidade. Adultos e crianças vêm e vão nos passeios, como abelhas circundando a colmeia.

Ninguém dá atenção àquele homem, pele trigueira, crestada do sol e do vento. O semblante austero desconhece as artimanhas do riso. E os olhos só enxergam o vácuo. Um vazio amargo que ele tenta percorrer no calço de alguns trocados.

Entre o mito da tradição e a sobrevivência da raça, o bugre vaga sem norte, sem porvir nem esperança. Apenas um moleque, mais enxovalhado do que ele, atreve-se a caçoar do coitado, chamando-o de Papai Noel. – Ora, se fosse! Que bom seria! Para ele e a tribo inteira...

Tudo é estranho naquele forasteiro: a voz compacta, o andar incauto, a tez puída, o olhar que é pura nostalgia. Nenhum

resquício de vaidade ou amor-próprio. O jenipapo não mais lhe tinge o corpo. E os batoques extraviaram todo aquele atrativo ancestral que os enfeitava.

Outrora, um homem feliz e integrado às raízes. Entre a terra e ele, o equilíbrio, a harmonia, o entendimento, a pujança. Hoje, a civilização esgarçou esse elo, sem retribuir-lhe com as devidas compensações. Só o que lhe emana do semblante, de riso esmaecido pelo desalento, é uma réstia de conformidade e boa-fé. Reparando bem, está mais para extraterrestre do que para ser humano.

Assim prossegue, cercado pela indiferença, por todos os lados e todas as pontas.

O contraste beira o inverossímil. Na cidade, o comércio vibra freneticamente. Vitrines explodem seu requintado mostruário, onde a moda surfa na crista da onda. Os letreiros, um chamariz do consumo, esbanjam luzes coloridas. Flores pendem dos cache-pôs. E os espelhos, acometidos de cólicas e febre, refletem toda a volúpia que percorre as ruas.

Solitário, o selvagem se parece com uma ilha na imensidão do oceano. Vazia e perdida. Perdida e triste. Vê tanto badulaque, mas nada reconhece... Caminha tanto, mas tem a sensação de estar sempre no mesmo lugar...

Fatalidade atroz!

É um brasileiro como eu, como você, quicá, mais brasileiro ainda, esse infeliz alijado da civilização. Por que lhe somos indiferentes? Onde se tranca a justiça social, que não se preocupa com ele? Qual a nossa participação no isolamento desse sujeito, de olhar esquivo e fala amaneirada?

Ele participa de nossa cultura, integra a raça brasileira, enriquece o idioma nacional, inspira valiosa e farta literatura.

Urge que também se faça algo por ele! Não basta o olhar compassivo, como também não cabe o passo largo, a fim de desviá-lo. Nós o tornamos um ser marginal, vivendo em lugares inóspitos, sem condições de sobrevivência digna.

A adoção de medidas eficazes de assistência, proteção e valorização, são inadiáveis, sob pena de vermos desaparecer a linhagem dos primeiros habitantes de nossa terra.

O trabalho jesuítico, tão expressivo nos primórdios da colonização, por que razões se extinguiu? Seremos hoje mais incultos,

passivos e egoístas, a ponto de nos submetermos à alienação e à indiferença?

Deveras, há uma inversão da história. Ou pior ainda, a negação dela, a despeito de sua pouca idade, se comparada a outros países e culturas. Urge, pois, que o índio viva como gente, que usufrua também do progresso da pátria (que foi dele antes de ser nossa!)

O processo de desenvolvimento é irreversível. Quem não acompanha sua marcha está fadado a distanciar-se, até extinguir-se totalmente. Esse o futuro a que está fadado nosso indígena.

Por ora, sem as terras e florestas que lhe usurparam, ele se que apático, perambulando pelas ruas, sob o sol escaldante... Um deserdado da sorte, a oferecer um punhado de trecos, e sofrendo o menosprezo dos seus irmãos civilizados.

84.

Ver para crer

Eu era mais feliz naquele tempo em que digería as informações em conta-gotas. Hoje, elas vêm embuchadas de pólvora e em doses letais.

Assaltando, espremendo, asfixiando, em qualquer hora do dia e da noite, assemelham-se a morcegos, ou pior, a vampiros ávidos de sangue.

O sufoco é tamanho que me sinto sugada, prensada, sem opção de olhar, ouvir, tocar aquilo que realmente me dá satisfação.

Quando não é a queda da bolsa nova-iorquina, ou a inflação que alcançou dois dígitos, é a gripe suína rondado a porta da casa, a amiga que perde o filho numa colisão. É a vez da pressão sanguínea escalar os Alpes, ou do salário despencar na fossa.

Por que tem de ser assim o desfecho de uma trajetória traçada para ser larga e florida, arejada e sem pedregulhos?

Por que a presença do sol é tão agressiva e a da lua cada vez menos solidária?

Quando mais preciso do seu conforto, eles me viram as costas e somem de minha vista. Não estão nem aí para os meus achaques.

Saio à rua em busca de ar puro, que as paredes me aprisionam e ofuscam. Mas o fragor e a pressa dos motores me ensurdecem, paralisando a expectativa de um andar calmo e sem sobressaltos. Sinto-me nua diante de um cadafalso. Nenhum olhar amigo, nenhuma cordial saudação. Sou uma intrusa num palco frenético de máquinas afobadas e gente sem direção.

Nem as praças sorriem mais, desde que os pivetes e baderneiros se adonaram de seus espaços. E as flores, coitadas, mal conseguem respirar, intoxicadas por milhares de partículas envenenadas.

A vida tornou-se, deveras, uma sentença de condenação à morte. Para bons e maus, crentes e céticos, pusilânimes e audaciosos, generosos e egoístas.

Deus me livre desta sina!

85.

Cápsula do tempo

Os caquizeiros da minha infância se desprenderam da terra e vieram morar dentro de mim.

Aqui eles continuam vivos, ao lado de outros tantos irmãos, tão solidários quanto eles, na missão de colorir-se, florescer, cobrir-se de sabores e beijos em calda.

Aquilo sim que era festa! Presença amiga e gostosa!

Aos invés dos arranha-céus, as videiras; das ruas moribundas de veneno, os canteiros de terra pulsante.

Neste momento de incandescências, os fios que costuravam as folhas e brotos foram encurralados, torcidos, esmagados, pelo sol raivoso e despótico, que se compraz em murchar as sedas e rendas, já esgarçadas de dor.

Nada havia, nas auroras antigas, que se comparasse à insanidade dos motores de agora. Nem à asfixia do ar espesso se esgueirando pelas narinas, olhos, boca e sentimentos. Nem à fuligem vomitada pelas chaminés, à lua enfumaçada e melancólica, abortando os chuviscos de prata e engravidando de melancolia.

Os próprios ruídos eram discretos, respeitosos, relaxantes. Conheciam os limites do bom-senso, pois que a provocação e a baderna ainda não haviam fincado suas garras, no solo pedregoso e árido.

E as gangues comandadas por Satanás? – Jamais se ouvira qualquer referência, entre os meandros da paz e da discrição. O prazer mórbido das arruaças não vingava naquele cenário bucólico, que adormecia à meia-luz das estrelas, e acordava com o badalo do sino ou a cantoria das cigarras.

Ontem, minhas lágrimas nasciam do lirismo, da emoção, do vagaroso fluir do sentimento. Hoje, elas se nutrem do medo, da desconfiança, da insana garganta de aço e pedra, gás e estrondo que me espreita por todos os lados.

Perdi minhas referências, minhas paixões, minha identidade. É isso que faz a vida, ao romper-se a cápsula do tempo, pondo à mostra o estandarte descosido e desbotado das primaveras longínquas que já me deram adeus...

86.

Vá de retro, carcará!

Minha proposta, neste momento, é interpelar o Sol, cujo calor escarlate enche de bolhas meu olhar azul.

É dizer-lhe do meu desconforto, temor e ira, num só assomo de rebeldia.

Ante sua exacerbada demência, revelo a ele este desejo criança de frequentar a rua, a praça, o jardim que sorri pela boca das petúnias e chora pelos olhos do chafariz.

Faz um bom tempo que lhe viro a cara, justo na hora do apogeu, quando seus dentes mordem e suas unhas arranham, sem a mínima gota de pudor e compaixão.

Não quero sair ferida deste embate, nem medir forças com seu poder escaldante. Sou frágil e submissa, enquanto ele, o rei das esferas planetárias, domina vigoroso sobre o vento e as águas, o gelo e as areias.

Gostaria, sim, de manter com esse deletério transeunte um pacto de boa convivência. De fitá-lo e admirar-lhe a altivez principesca, o riso frenético, os braços musculosos, as carícias que troca com as nuvens, o beijo na boca das sementes, o olhar atento e dominador.

Eu sei que o universo inteiro o bajula, invejando seus dons e sua força, o poder de suas armas, o olhar de desdém.

Desde que os homens o agradeceram com o título de rei do universo, que ele impõe suas leis e comanda o destino de seus subalternos. Dá ordens ao dia e à noite, ao temporal e à calma-ria, à terra e ao mar. Um monstro feroz ameaçando, expondo as garras, triunfal. Ávido de incinerar os rebentos que espiam pelo vinco das folhas e estremecem ao som de suas gargalhadas sempre tão agourentas. Ele frita, derrete, torra, que essa é sua patente e seu vício capital.

Tudo bem que sua realeza seja incontestada, sua missão cabalística e negro o seu humor. Mas nós, mortais indefesos, feitos de secreções e barro, bem que merecemos um vigia menos intolerante, mais sinérgico e amigo. Feridas, já as temos demais. De arrocho, já estamos fartos. Uma infusão de malva, um choque de ternura, é disso que estamos precisando...

Só o que queremos dele – deste rei poderoso e causticante –, é que nos acaricie e nos beije; que sorria mais e fustigue menos; e que nos abrace com ternura, ao invés de condenar-nos à fogueira...

Ó céus, tende piedade de nós! E afastai de nosso reino esse temível carcará!

87.

Planejamento familiar

O gerenciamento econômico de um país não consiste apenas em arrecadar tributos e realizar obras. Visa também a elevar o padrão e a qualidade de vida dos indivíduos, inclusive da parcela de bens e serviços postos à disposição de cada um.

Por essa razão, e cada vez mais intensamente, as nações civilizadas adotam critérios norteadores do crescimento demográfico, a fim de compatibilizá-lo com o desenvolvimento da economia e com o que preceitua a propalada justiça social.

Sobretudo agora, quando problemas decorrentes do subdesenvolvimento, em várias partes do mundo, atingem níveis de gravidade alarmantes, as instituições estatais, políticas e religiosas

acaloram as discussões em torno da controvertida questão do planejamento familiar.

No caso específico do Brasil, são de domínio público as elevadas taxas de aumento populacional, sem a correspondente proporção nos níveis de bem-estar, ao lado de outras nações que já adotaram medidas sistemáticas de controle da natalidade.

Entre nós, todavia, as políticas direcionadas a essa questão apenas engatinham, com a aplicação de medidas tímidas e até mesmo ineficazes, ao passo que outras nações, há mais tempo, vêm-se empenhando, de forma regular e eficiente, na busca deste objetivo. E seus projetos abrangem desde o planejamento familiar até a limitação do número de nascimentos, uma vez que é mais importante preservar e qualificar a vida do cidadão, do que povoar desordenadamente o solo pátrio, com as desastrosas consequências que todos conhecemos.

O Governo brasileiro, por sua vez, demonstra, efetivamente, sua preocupação em áreas específicas, como na redução da fome e na educação das crianças. Os projetos denominados Bolsa-Família e Bolsa-Escola comprovam a disposição de nossos governantes no sentido de prover o básico e essencial, sem o que nenhum outro projeto resultaria eficaz.

Sabe-se, entretanto, que, opondo-se a essa teoria, existem instituições religiosas a condenar qualquer política de limitação de nascimentos que não seja o controle puramente natural.

Em meu entender, há pelo menos duas razões que desacreditam a pregação sistemática e radical, contra todo e qualquer método contraceptivo aprovado pela medicina.

A primeira refere que o poder de decidir sobre a constituição da família deve ser avocado por aqueles que, pelo sacramento do matrimônio, têm o direito de exercer a procriação. A segunda considera que os métodos naturais apregoados (o da ovulação e o sintotérmico) são falhos e complexos para a maioria das mulheres. Portanto, além de discriminatórios, tais métodos se revelam também ineficazes.

Além disso, a par dos programas voltados aos aspectos sociais, culturais, educativos e sanitários, há a urgência de operacionalizar outras medidas também importantes e necessárias ao desenvolvimento humano saudável.

Assim sendo, desde que não se proceda a uma esterilização em massa, deixando a cada casal a liberdade de opção, considera-se uma atitude louvável proporcionar também, aos menos favorecidos economicamente, a possibilidade de limitar o número de filhos, pois sabe-se que eles os têm em grande número, não por vontade própria, mas por impossibilidade de evitá-los.

Com certeza, haverá menos crianças abandonadas, menos jovens delinquentes e menos adultos desajustados, se as famílias se estruturarem segundo critérios ancorados numa paternidade responsável e confirmados por princípios éticos e morais de respeito e valorização do homem e da mulher.

As desigualdades sociais só começarão a ser corrigidas de fato, quando houver no país uma programação racional da expansão demográfica; quando as pessoas vierem ao mundo para ser gente, participar e progredir; e não com a brutal semelhança de uma infestação perniciosa e irresponsável, como se observa, amargamente, nas vilas periféricas, nos subúrbios e nos cinturões de miséria que cercam as cidades.

88.

Crenças e crendices

Via de regra, nossas primeiras convicções acerca de Deus, do mundo, do homem, da existência atual e futura, e dos acontecimentos que nos surpreendem no decurso da vida, brotam e vingam no recesso do lar. Sob o olhar vigilante e a guarida dos pais é que se formam os conceitos morais, religiosos, culturais, familiares e até políticos, que nos acompanharão durante a jornada que haveremos de enfrentar.

São crenças de todos os naipes, cores e fosforescências, cristãs ou agnósticas, filosóficas ou populares. Quase sempre engendradas para impor autoridade e medo, respeito e confiança.

Nesse contexto teórico e prático, a gurizada cresce, aprende, vai ter vida independente. Começa então a criar suas próprias definições acerca da existência terrena e futura, quase sempre similares às que lhe impuseram a família e a escola. Daí se constituírem ambas num marco poderoso e eficiente, à assimilação das

ideologias advindas dos antepassados e transmitidas por gerações a fio.

Por sua vez, as crenças geram quase sempre inúmeras filhas naturais, que a sociedade convencionou chamar de credices. Mais concretas e próximas do cotidiano, influenciam a conduta dos adeptos, a ponto de delinarem seus passos e definirem suas ações.

Ao advento da juventude, ocorre quase sempre o fenômeno da desagregação. Os moços constituem sua própria família, formam seu sistema pessoal de valores, passam a ter referências preferenciais.

Por tratar-se de um processo espontâneo e natural, tudo acontece gradualmente, pacificamente, com mais ou menos interferências.

Nesse momento, no tocante à religiosidade e aos valores, podem ocorrer desmembramentos diversos, antagônicos, todos com seus padrões conceituais e atitudes peculiares. Delineiam-se, então, duas correntes específicas.

A primeira delas passa batida, uma vez que se restringe a repetir o aprendizado doméstico, reafirmando as crenças dos antepassados. Uma decorrência do instinto gregário, da sistematização, do estilo maria-vai-com-as-outras. Nada de novo no front. Deus é o Deus que sempre foi; a fé se revela na virtude; o homem tem de sofrer para merecer a recompensa na vida futura.

Em tal circunstância, e sob a influência do amadurecimento pessoal de cada ser humano, são reforçadas, quase sempre, as antigas crenças familiares. E acontece também de se acentuarem as credices, cuja principal característica é ser menos teológicas e doutrinárias, todavia, mais arraigadas e consistentes que as próprias crenças.

A segunda corrente resulta do amadurecimento de cada indivíduo e ancora-se no anseio de liberdade, que possibilite seguir suas escolhas pessoais. Cria-se, neste caso, um método individual de relação com o Bem Supremo, em que a canalização das condutas se dá segundo a moral e a ética, não mais pela interferência de credos estabelecidos por terceiros.

Depreende-se dessa constatação que, entre as formas possíveis de relação com Deus e suas criaturas, as crenças e credices podem vingar com mais ou menos intensidade, ou simplesmente

inexistirem. No primeiro caso, mesmo sendo diversas em suas manifestações, serão unânimes em seu foco: a relação com o sobrenatural e a busca da felicidade.

Na segunda situação, a decorrência natural é evidente: a liberdade de cada indivíduo – não mais a família, a escola ou a sociedade – definirá os rumos e disciplinará as metas.

89.

Vida a dois

“Não se fazem mais casais como antigamente”- dizem os poucos remanescentes das primeiras décadas do século passado.

Eu sou um deles. E me julgo credora de confiabilidade quanto ao que penso e escrevo. Por isso decidi abordar um tema de notória complexidade como é o da vida conjugal.

Casar, amasiar-se, morar junto – seja qual for o nome que se dê à união de um homem e uma mulher – não se resume, obviamente, ao impulso do amor ou da paixão. Nem à tomada de decisão sobre uma vida em comum. Há muitas mais implicações nessa relação, que os jovens (ou velhos) enamorados conseguem conceber.

A união de dois indivíduos independentes, plena de anseios e projetos, pode tanto representar uma decisão produtiva e fantástica, quanto estéril e desastrosa. Há relações que enobrecem e outras que degradam. Há as que vingam rosas e as que detonam rochas.

Em se tratando de união, consideram-se inadmissíveis a desarmonia, a competição, a intolerância e, acima de todos os defeitos, a infidelidade.

Assim como são incomunicáveis a água e o fogo, a luz e a treva, o bem e o mal, também o amor e o desamor não conseguem conviver. Nesse contexto, as leis físicas não funcionam, de tal sorte que a atração dos opostos pode descambar para a repulsa, o distanciamento.

Mas não me arbitro nem o direito nem a competência de ditar normas de conduta e harmonia conjugal. Atenho-me ao plano da tese pura e simples, bem como às vivências e observações que acumulei ao longo de quase um século de vida.

O desencanto e a separação não são exclusividade das novas gerações. Embora os relacionamentos se revelem hoje bem mais complexos e menos castradores.

O amor, por sua vez, representa um sentimento perene, sublime, quase diria, celestial. A grande diferença entre as relações de ontem e as de agora assenta-se na versatilidade da vida moderna, em que nada é definitivo, nem mesmo a pretensão e o juramento de um amor eterno.

90.

Uma reflexão filosófica

Quantas bocas coloridas de escarlate temos o prazer de admirar, ao andar pelos caminhos e descaminhos da cidade! Quantos distintos senhores, trajados de gravata e paletó! Quão glamourosas carruagens trepidam as vias de asfalto que, embora sugado e esquartejado, ainda se presta à sua função original de ser caminho, ponte, ligação.

O panorama, que é diário, só muda de cor e de lugar. É assim aqui, adiante, e na sequência.

Por um momento, tenho a sensação de ouvir a orquestra da modernidade, da regalia, do conforto, da opulência. Muito brilho e aparato nas vitrines. Muitas suntuosas construções. Ferve a vida em suas quimeras refulgentes...

Paro... olho... escuto... E minha ostra se fecha no casulo, ácida e apática. Não! As palavras são fracas demais para expressar o torpor que me assalta volumoso.

Persigo, com o olhar esmaecido, os fiapos de pensamento que me beliscam e afligem já faz tempo. Tanto que por isso esfiaparam.

A contemplação das ruas, das praças, das vitrines, dos monumentos, dos luminosos, despeja em mim uma melancolia atroz. A parafernália de sensações que me percorre o cérebro me deixa pra lá de deprimida. O aparato da grandeza, em contraste com a pequenez, sangra-me a esperança e põe em lágrimas as minhas convicções. Eu queria poder admirar o mundo com olhos contemplativos, mas só os tenho de compaixão. É tão dura a cicatriz do desequilíbrio social, que me deixa sufocada pela melancolia da

impotência, pelo paroxismo da revolta. E as perguntas insistem em saltar, correr, perambular pelas avenidas e praças, pelos becos e pocilgas. Visguntas também são as minhas indagações, pois a alma, acometida de desenganos, desaprende o falar bonito, o jeito sutil, a abordagem serena.

Vou seguindo assim, com um desencanto amargurado, as minhas férias terrenas. Sim, porque as celestiais haverão de ser bem mais amenas, festivas e acolhedoras, espero eu.

A promessa do reino para os justos não me consta que tenha sido revogada. Daí que decido ir ficando por aqui e fazendo a minha parte, a fim de que os ventos da prodigalidade divina contemplem, com sua benevolência, todos os seres que criou. Não apenas alguns privilegiados pela sorte e a fortuna.

Deveras, a crônica de hoje não exibiu uma cara alegre. Mas, se “quem fala a verdade não merece castigo”, espero a benevolência do perdão. E saio da maresia, para retornar ao retiro mitológico da minha concha, onde ainda consigo ler, meditar e registrar as reflexões que me ocorrem, na lassidão deste meu isolamento.

91.

O saudosismo vai bem, obrigada!

Naqueles tempos, de muita estrela e pouca negritude, os dias exalavam seu bucolismo, orquestrando os coros dos pássaros e preparando o reinado das noites. Essas, por sua vez, aportavam nos prados vestidas de pirilampos e fulgurações.

Sobre a geada dos quintais, o inverno alvejava seus lençóis, enquanto as corujas no galpão dormiam o sono dos bem-aventurados.

Eram policromáticas as fantasias que as mãos habilidosas do inverno cristalizavam em silenciosos bonecos de gelo.

Já a primavera, ao invadir os cômodos pulsantes do jardim, desamarrava o cachecol colorido, lenta e silenciosamente, até o momento de despejar seus aromas, nas corolas invioladas das flores.

Com seu riso de menino peralta, disposto à bagunça e à empulhação, o rei da claridade se enfiava por todas as frestas. Nos vãos da cerca, no colo das camélias, nos braços dos tomateiros.

Livre da compulsão e da astúcia que hoje o bestializam, sua tepidez percorria a infinitude dos espaços, pois não havia prédios a proibi-lo de espiar pelas janelas.

Nem as cachoeiras gemiam suas mágoas como fazem agora, ao despejarem seu pranto nos braços envenenados das algas. Elas eram certamente mais felizes, quando faziam coro às fontes e aos riachos, gotejando o frescor de suas toadas.

E os pássaros, com gestos de reverência à majestade do sol, entoavam o toque da alvorada que percorria, ecoando, a ondulação dos cerros.

As ruas, por sua vez – que desconheciam o casal de baderneiros, hoje conhecidos como asfalto e inundação –, tinham a incumbência de drenar as chuvas, entre os vãos permeáveis do solo. Legítimo e puro era o linho avermelhado que revestia os caminhos de outrora!...

Mesmo sem prazo de validade, o alimento era nutritivo e saudável, rescendendo o gosto da terra cultivada sem a malvadeza dos agrotóxicos.

O bem-estar daquelas eras distantes, que reverenciavam o ritual do encontro em família, os laços da convivência, a vida discreta e solidária, está sendo dizimado pelo rompante da modernidade, tão mecanizada, tão eletrônica, quanto ostensiva e selvagem.

Cada vez mais solitário, o ser humano confina-se à companhia da máquina, à servidão do emprego, à sobrecarga de agendas e compromissos. E vai alijando, dos hábitos ancestrais, desde o condão da partilha até o vínculo da amizade e dos laços duradouros.

A família, por sua vez, abdicou de ser o reduto da acolhida, do abraço, da conversa ao pé do fogo, para transformar-se numa ilha, amorfa, puída e neutra. Não raro, desintegra-se, literalmente, à mercê de intolerâncias e rebeldias assumidas em nome dos novos e atrativos padrões.

Oh! tempos de poesia e bucolismo, que os anos não trazem mais!... – O romântico poeta brasileiro sabia das coisas. Falou e disse!

Proezas da cumplicidade

Recolho-me a um compartimento especial do corpo. Irrequieto, versátil, feito de aurículas e ventrículos. Tão vigoroso e, ao mesmo tempo, tão débil e propenso a síncope.

E eis-nos ambos, o coração e eu, a divagar como a bruma sobre o vale misterioso. A contemplar os vergéis estendendo sua alfombra na travessia das borboletas... Os jardins esfarelado cheiros... As reverberações, translúcidas como o véu das noivas...

Nosso bordão, nossos olhares e nossos sentimentos transitam pelos descampados, onde se espriam mil e uma expectativas.

Que cortejo é esse que vai na direção das águas?

Você já presenciou uma comitiva de camaleões ou colibris? Já tentou capturá-los nos anéis da retina? Uns, vermelhos, brancos, azuis, engarupados como são as fantasias. Outros, dourados e fosforescentes, tão frágeis que somem nas mãos da brisa...

Prosseguimos, o coração e eu, entre as góticas de bem-querer, que nos massageiam e amenizam...

Longe de mim parecer louca. Ou míope. Ou visionária. Mas estou me reconhecendo no turbilhão das faces puídas, das bocas em fogo, dos corpos em transe, com que deparamos ao longo do trajeto. Sou eu aquela que ergue o braço, agita o lenço, freme as carnes.

Cadê o sol da praia? As areias fulvas de rubor? A comoção se diluindo na vertigem das ondas?

Enquanto andamos, no encalço de prazeres verde-rubros, alguns repentes de saudosismo nos acometem. Como aqueles que se equilibram nos umbrais da alma. Que navegam no trapézio dos cipós e nos fazem recordar do Tarzan e da Jane, em suas involdáveis acrobacias. Um entretenimento que não simula a alegria, mas a dissemina longamente sobre as folhas da videira, grávida de sumos ainda verdes.

O bando segue, agora descomposto. Cai. Levanta. Some no quadrante da Lua nova. Ressurge na crescente.

Queremos-porque-queremos saber onde vai dar essa proissão. Entender sua trajetória tão instigante. Beber a água da

certeza. Não nos satisfaz seguir, compulsória, aleatoriamente, esse mar de entes, na busca do estuário vazio! Da rendição sem troféu!

E as venturas que nos prometeram? Desjejum e ceia? Licor e chocolate?

De repente, o coração e eu começamos a ver a ponta do iceberg... Não, por favor, não é para lá que desejamos ir. Tememos o gigante de gelo. Escorregadio. Mortífero... Mande o guia mudar de rota!...

Agora, a montanha de pedra. Oca, fria, cavernosa... Também não! O desconhecido nos amedronta. Apunhala-nos o vigor e a ousadia. Há tanto brilho para se beber e tanta harmonia para inflar o peito. Por que então a furna escura, carente de aves e de auroras?

Nós somos gregários e sabemos conviver com a treva. Ela é a própria demência. Desgrenhada. Fosca. Não fala, não fixa o olhar, não abraça nem acaricia. (Oh! o beijo da luz!) O que o coração e eu queremos, neste momento de transe, é reencontrar nossas paixões. Elas sim têm garradeiras. A firmeza do metal. A força do dragão. O ímpeto da insanidade.

Está mais que na hora da virada! Do retorno ao prurido das emoções... À sutileza dos afetos e suas nuances mentoladas...

Enfim, saímos do entrevero para ingressar na torre, feérica e novelesca. Vamos desnudar nossa história e vestir uma nova trama! Acolchoada e cálida... Sem gelo, selva, fraga, treva... Sem galeria de fantasmas!

Queremos, sim, aquecer as aragens. Cobrir-nos de constelações. Transpor o cume.

Queremos chamar de deus o homem que nos ama...

93.

O fazer poético

Em literatura, define-se o gênero poético como sendo a elaboração de um texto, segundo padrões pré-estabelecidos, que envolvem outros elementos além do enfoque meramente literário.

Segundo Roland Barthes, “um encontro mágico pode acontecer, quando o homem se aproxima de algo que, sem paletó nem gravata, atende pelo nome de Poesia”.

Diante dessa afirmativa, ao mesmo tempo simples e pitoresca, algumas considerações se fazem necessárias.

Definir poesia e poeta representa não apenas um diálogo com os sentimentos, uma tarefa emocional, mas, acima de tudo, um desafio entre o real e o simbólico, o intelecto e o coração. E se a poesia tem de fato esse dom de promover um estado de encantamento e sublimação, por que então, no mundo dos leitores, tão poucos a apreciam? Isso quando não a julgam diletante e inútil, relegando-a a uma condição de sublitteratura!...

A bem da verdade, a magia entre leitor e poema só acontecerá se houver entre eles uma interação afetiva, melhor dizendo, uma cumplicidade amorosa provocada por sensações peculiares e originais.

Obviamente, tal sintonia depende muito do estilo de cada escritor, da sua capacidade de síntese e da boa qualidade do texto. Tais requisitos são indispensáveis a um poema que se preze. E, além deles, o emprego de imagens e figuras semânticas, bem como a exploração dos múltiplos significados escondidos no reduto das palavras. Pois a poesia também tem alma e **coração**. Eis o segredo da arte de compor versos!

Em suma, pode-se definir o verdadeiro poeta como um artífice dos sentimentos, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio. É essa empatia ente ele e sua própria intimidade que o leva muitas vezes a promover um vínculo afetivo com seu leitor.

Todavia, por ser o poema um texto impulsivo e simbólico, sintético e sem compromisso com a relação tempo/espaço, o fazer poético pode ser considerado um dos gêneros literários mais difíceis de ser exercido.

Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica. Disse ele que “o verso é como o bote de uma fera”. E ainda: “As palavras poéticas têm carne e sangue, pois que seu amplexo com a intimidade do ser vai do canto ao gemido, da carícia ao desprezo, da paixão à indiferença”.

Significativa é também a afirmação de Mauro Motta, que assim definiu o lavrador de versos: “A um poeta não interessa aclarar o seu mistério, nem que outros o aclarem num plano

didático. Interessam somente o mistério mesmo e a posse das substâncias mágicas povoadoras do mistério”.

Isso prova que a literatura, como a pintura, a escultura, a música, a dança, e até a prática esportiva, se cultivadas com intensidade e tesão, podem vir a tornar-se uma segunda natureza, necessária e insubstituível, para quem a elas se dedica.

A filosofia define o homem como um ser pensante. A literatura, por sua vez, se constitui numa das formas de que ele dispõe para manifestar o pensamento. Em nosso caso específico, ele o expressa por meio da palavra, que se converte em arte, ao suscitar no leitor emoções prazerosas, transportando-o a outras dimensões que não as corriqueiras e triviais.

Assim sendo, a despeito de ser a palavra a matéria-prima do artista literário, ela própria, quando nua e gélida, não basta para obter-se um bom texto. É necessário que seja trabalhada num processo de arrumação vocabular, de exploração de significados e linguagens não-convencionais, como são as expressões figurativas. É esse encontro marcado com o texto-arte, o texto-símbolo, o texto-encantamento, que caracteriza a linguagem artística, seja ela em forma de verso ou de prosa.

Não é demais reiterar que a diferença entre um texto e outro reside na expressão, no estilo de cada autor, que pode ou não ser enriquecido pelo uso figurado das palavras. Essa técnica é exaustivamente explorada pelos bons literatos, sobretudo os poetas, quando adornam, sublimam, e até espiritualizam seu texto, agregando-lhe sabor e aroma, matiz e comoção. Esse é o tempero que impregna de poesia a peça literária denominada poema.

Os excertos transcritos abaixo comprovam a beleza das imagens elaboradas, capazes de consagrar o talento individual de seus autores:

1. “No povo meu poema está maduro como o sol na garganta do futuro.” (Ferreira Gullar – em *Meu povo, meu poema*)

2. “Tão plana a existência que faço sangrar os sentimentos para extrair a escrita, e torná-la vento de paixão entre a sucata do dia-a-dia.” (R. Roldan – em *O exílio do Silêncio*)

3. “Na janela das lembranças, as saudades se atropelam.

E, entre risos e gracejos, fazem cócegas no tempo...” (H.R. de Camargo – em *Gorjeios e Revoadas*)

Em suma, ao despertar no leitor sensações inusitadas, capazes de conduzi-lo a vivências espirituais e estéticas, a palavra se converte em arte. E, como a fronteira da arte é o infinito, exercê-la representa um processo inesgotável.

94.

Foscas e brilhantes

Ora coloridas de rir, ora desbotadas de chorar... São elas, as emoções.

Quando criancinhas, espiam pelo buraco da fechadura e escutam conversas atrás da porta, na tentativa de descobrir onde se esconde o sentimento que, segundo a disposição dos astros, pode apresentar-se alegre ou triste, satisfeito ou incomodado.

E as lembranças vêm à tona, revivendo o ontem e o agora, ao remontar o quebra-cabeça que é o surto das mágoas e o acalanto das alegrias.

Quando albergadas pelo elogio ou pela calúnia, as emoções tonificam os sentimentos, fazendo emergir ora a volúpia do sorriso, ora o desconsolo da lágrima. São esses dois forasteiros que dão sentido à vida, pois que assomam sempre vigorosos, com a cesta transbordando, e bem longe da indiferença.

Às vezes assemelham-se à resina do tempo, grudentas como o leite nos figos verdes. Outras, saltam do esconderijo, de inopino, maquiadas de prata, ouro, carvão, rubores de aurora ou estupores de vendaval. Elas se esgueiram pela sala de parto, na mesma displicência com que invadem a câmara ardente. Maquiam-se de esperanças ou vincam a face de desilusões.

Suas cores e vozes podem tanto curar como ferir, beijar ou morder, aplaudir ou condenar. Ei-las vibrando na pia batismal, no leito de núpcias, na conquista do grau acadêmico. Mas eis que se intrometem também no frêmito da enfermidade, nos véus do luto, no aguilhão da hipocrisia.

As emoções são como cápsulas, cuja composição concentra o poder de curar e de envenenar.

Indisciplinadas por natureza, elas ignoram a rotina e o preconceito, surtando nos momentos mais imprevisíveis, nas situações

mais inusitadas. E jamais se apresentam de mãos vazias, pois a abundância faz parte de sua natureza. Não há emoção sem vigor, fartura, exuberância.

Envolvimento e compromisso, eis o mote de sua vitalidade.

Ela pode ser feia ou bela, azeda ou doce, fosca ou brilhante. Mas virá sempre impregnada de profundo sentimento, com o qual casou no início dos tempos, sem cláusula de divórcio.

Visceralmente, as emoções são a essência da vida, e se manifestam como o foco de uma estrela ou a lava de um vulcão, já que a dualidade é sua marca registrada.

Quanto a mim, gosto de vê-las fulgurantes, pois que as opacas turbam a visão, impedindo-me de contar as estrelas e, o que é ainda mais deplorável, de namorar o arco-íris, quando, risonho e festivo, abre seus braços para receber-me e afagar meus sonhos.

No entanto, a despeito de sua dualidade, eu amo todas elas, seja qual for o seu ímpeto. Pois são essas aves de arribação a fonte do meu entusiasmo, o termômetro da minha ousadia, o pincel que dá colorido às minhas vibrações...

95.

Perfil feminino

Desde os tempos medievais, foi assim com as civilizações do Ocidente, e prossegue da mesma forma em nossos dias: no lar, praticamente tudo gravita em torno da mulher. O alimento, a roupa, o calçado, o remédio, o comparecimento à escola – é ela quem providencia, decide, executa.

Sua missão de esposa e mãe faz dela um ente gregário, donde emanam e para onde convergem os afetos, as tendências, as motivações mais comeczinhas e também as mais surpreendentes.

Ela foi ontem e continua sendo hoje o esteio insubstituível à harmonia e à organização familiar, mesmo quando as imposições da sociedade moderna a obriguem a abandonar as lides caseiras e o cuidado dos filhos, para militar na força do trabalho e na esticada do orçamento doméstico.

Há quem considere prejudicial o seu afastamento do lar, em decorrência da emancipação feminina e da profissionalização,

que põem a mulher em igualdade de condições com o homem. A alegação é de que os filhos se frustram com a prolongada ausência materna, além de adquirirem hábitos inconvenientes, no trato com avós superprotetoras ou babás pouco influentes.

Sobretudo o homem latino, influenciado pelos velhos conceitos de machismo e predominância do sexo forte, não raro tende a considerar sua companheira predestinada ao tanque e ao fogão, sem o direito de assumir encargos profissionais e compartilhar com ele o sustento da prole.

Todavia, nos tempos de agora, a participação direta da mulher na receita familiar, deixou de ser meramente um meio de autoafirmação e realização pessoal. As imposições da modernidade representam, efetivamente, uma necessidade, uma exigência dos novos padrões, familiares, culturais e sociais, quando não da própria sobrevivência.

Por essa razão, tendo ela capacidade e oportunidade de trabalhar fora de casa, deve fazê-lo sem sentir remorso, pois o emprego não a impedirá de ser também excelente esposa e mãe. O próprio exemplo de seu empenho em exercer, equilibradamente, ambas as tarefas, pode repercutir de forma positiva na educação dos filhos.

Além disso, o carinho devido aos seus não se mede pelo tempo em que a mulher permanece no lar, e sim pela intensidade que assume, nas horas em que ficam juntos.

É óbvio que a criança, por sua situação de fragilidade, sente maior necessidade de afeto e da presença materna dos que os filhos adultos e o próprio cônjuge. Entretanto, com o passar do tempo, também os pequerruchos conseguem entender quão importante é a participação da mãe, ao lado do pai, no provimento dos bens da família.

Ademais, nenhuma lei determina que os encargos do lar sejam exclusividade da mulher. E que, para os demais membros da família, a moradia seja apenas um lugar de descanso.

Modernamente, está havendo uma redefinição de competências, de modo que todos, pais e filhos, dividem tarefas e assumem responsabilidades.

Esse sistema é deveras salutar, uma vez que favorece o aperfeiçoamento do convívio e das relações familiares, e ao mesmo

tempo valoriza o esforço de cada um no desempenho de incumbências que resultam em benefício de todos.

O auxílio mútuo pode representar o ímã que mantém a família unida, além de favorecer, no convívio do lar, uma atmosfera de paz e harmonia, tão desgastadas nos tempos modernos.

96.

Educar – obra de amor

Afirmam os filósofos modernos que o ser humano da atualidade extraviou seu endereço, pois não sabe mais por onde seguir nem onde pretende chegar.

De fato, cada vez mais o mundo hostiliza o indivíduo, a despeito de suas conquistas, invenções e progressivos avanços, em todas as áreas do conhecimento.

Constata-se, em decorrência, também um aviltamento dos valores morais. E o caráter, tanto do homem quanto da mulher que se desviam da verdade, cria, em relação aos outros, uma acirrada batalha, em que todos se tornam inimigos.

Esse é um dos motivos que impele a educação para a vanguarda das preocupações em todas as esferas. Só ela, em sua missão de formar o ser pensante, tal como deve portar-se para a concretização de seus objetivos terrenos e sobrenaturais, será capaz de reconduzir a humanidade à trilha certa.

E na escola, centro formal da educação e da instrução, o alcance dessa sua tarefa há de ser proporcional às carências que assolam o mundo. Nela, há a emulação da palavra e do exemplo do mestre. Há o impulso arrebatador do grupo. Há o instinto de simpatia e a tendência à imitação. Há ainda o contágio que se espalha pela comunidade escolar, as atividades comuns, as palestras, os esportes, o regimento, a disciplina, que interferem no processo qualitativo da educação.

Tudo quanto se fizer ou disser, em sala de aula ou no recinto da escola, soma seu quinhão de influência, salutar ou nefasta, à mentalidade dos alunos.

O professor não é um ente friamente objetivo. Ele impregna de subjetividade o que fala e realiza. Incute-lhes valor pessoal. Interpreta-as, comunicando a eles os próprios sentimentos.

Por isso, quer se trate de História ou de Geografia, de Literatura ou de Artes, de um preceito ético ou de uma lei científica, a noção transmitida transvasa da própria alma do mestre. A ação educativa não é um simples arrolar de conhecimentos, mas se exerce também sobre o intelecto, a vontade e as faculdades do coração.

Daí se deduz que, para haver realmente uma boa educação, são necessárias duas condições básicas: educador competente e ambiente favorável. Não se improvisam educadores nem escolas.

Quer seja privada ou pública, ela é sempre o prolongamento da família e age por delegação dela. Assim sendo, tem a família o direito de exigir das instituições o melhor para seus filhos, em termos operacionais e docentes, como o respeito aos princípios fundamentais da cidadania individual e coletiva, e um magistério preparado e consciente das suas atribuições. Sem isso, a educação tornar-se-á bastarda, e discutíveis os fins a que se propõe.

Além disso, considerando que a tarefa essencial da educação se assenta no desenvolvimento da consciência e na assimilação de comportamentos adequados, infere-se que é enorme também a contribuição que a sociedade tem a oferecer para a prática de novos tipos de relação humana.

A vida em sociedade é um privilégio. Não corresponde apenas a um instinto natural, mas a uma necessidade biológica. A alimentação, o vestuário, o teto, a proteção, a segurança, o divertimento, a saúde, a educação, todos os bens de que o indivíduo necessita para sua sobrevivência, ele os obtém por intermédio do grupo social que frequenta.

Dessa interação homem/sociedade/ambiente deriva a influência do meio na formação do ser. Alguns sociólogos já confirmaram essa teoria. E há os que creem que o conjunto de fatores externos e informais a que estão sujeitos a criança e o jovem, pesam mais na sua educação do que a própria atuação formal e deliberada da família e da escola.

Sociedade, em sentido lato, é tudo o que envolve o indivíduo na esteira de seus interesses: o clube, a rua, o livro, o jornal, o

filme, o jogo, os programas paradidáticos, os grupos de amigos, o ambiente escolar.

Desnecessário se faz descrever a atuação decisiva de cada um desses elementos na construção da personalidade dos seres em formação. Basta observar a atitude das crianças, quando procuram imitar seus heróis representados nos filmes, nas novelas, nas bandas e em outras expressões sociais e culturais. A imitação vai desde a linguagem, os modos de agir e as reações individuais, até o vestuário, o corte de cabelo e a bijuteria da moda. Tem-se, nessas manifestações juvenis, indicativos seguros do quanto a influência é marcante e poderosa.

Na verdade, a avalanche de informações que nossos filhos recebem, ininterruptamente, pelos canais da sociedade e, sobretudo, pelos meios de comunicação, estão tornando cada vez mais difícil, quando não ineficaz, a participação dos agentes família e escola, na educação das novas gerações. De um lado, luta-se pela preservação dos valores morais e éticos indispensáveis ao bom funcionamento da sociedade. E de outro, essa mesma sociedade, por suas vias de acesso avançadas e convincentes, solapa tais valores, endeusando a vulgaridade e premiando o inverossímil.

Cabe a nós, pais e mestres, que temos a missão de educar, estabelecer o prumo para os nossos jovens, pois que continuaremos sempre sendo o ponto de equilíbrio entre o fugaz e o perene, o torpe e o nobre, o fantástico e o real. E a missão de educar, por mais espinhosa que se torne, continuará sendo sempre uma obra de amor.

97.

O mistério da concepção

Uma golfada de sêmen, e o mundo muda de cor e de fragrância. A sinérgia acontece e se converte num insondável mistério.

Ser mãe, a mais espessa das volúpias! A esperança enrodilhada no ventre, o sangue fluindo em conta-gotas... Silêncio, metamorfose, náusea, expectativa...

Uma florada apenas, e os vasos do corpo se incham, alagando as vias tortuosas do sangue, que borbulha e jorra, silencia e adormece.

Quem diria que dali, daquela recôndita caverna, num delicado roçar de nervos, músculos e artérias, parte o rebento do amor, a síndrome da ventura?

Lágrimas e sentimentos se fundem, dor e prazer se harmonizam, enquanto tremores e gargalhadas ecoam pelas uterinas galáxias.

Ninguém mais escuta o ciclo imperceptível da volúpia crescendo nas entranhas. Somente ele, o ventre silencioso, encharcado pelo fluxo de humores nunca dantes conhecidos. A conexão vai colorindo aos poucos aquele céu de safira, relicário do amor e da esperança. É ele que ouve e sente os murmúrios, o ruflar das asas, o arrepio das conexões nervosas. Tudo é pujança. Tudo é espetáculo. Com o passar dos dias, os anseios rabiscam pulsações mais intensas e auspiciosas nas paredes encharcadas de sangue. Os fluidos mudam de cor, a gandaia uterina dos músculos e nervos procura espaço, liberta-se das amarras e anuncia a vitória da fertilidade, da plenitude, do encantamento.

Tão hermeticamente guardado e tão presente! Tamanho mistério e tão lúcida realidade!

E a simbiose acontece, no escuro do ninho e ao abrigo das intempéries, só percebido pela sintonia dos afetos, e usufruído pelo frêmito do amor.

Tudo ao redor se apazigua, redimensiona. As nuvens se esgarçam, para que o azul se projete mais intensamente. As estrelas perfilam-se para o momento do êxtase. As borboletas ensaiam revoadas, e as aves suas canções de ninar.

O advento de uma nova vida é a mais fantástica das aquisições humanas. O mar das águas profundas... O caldo espesso do mel... E, sob as asas dos anjos, o mistério começa a ser desvendado...

98.

Noite nua e crua

Quem diria que até a rainha da noite se compraz em rabiscar suas garatujas nas paredes escuras da abóbada celeste! Lá, onde a brisa, envolta em brilhos, vai afanando lentamente os castos lençóis da madrugada que desperta...

A onipresença da treva vai-se diluindo aos poucos, para que a luz possa alagar os espaços de sorrisos, rumores e fosforescências.

É nessas horas que a penumbra percorre as ruas, sequiosa das novidades, dos conchavos, das esquinas mal-assombradas, dos entreveros de corpos e secreções.

Assim se enfia o Universo, pela garganta da treva, sugando o néctar das luminárias celestiais, e agarrando-se aos tentáculos macios dos vapores que se esparramam.

O pavilhão celeste, por sua vez, cala-se respeitoso. Não é de seu temperamento a intromissão no festim das constelações, nem mesmo para recolher os retalhos de aragens e fulgores que, porventura, caíram da festa.

A escuridão tem seus próprios unguentos, sua tepidez inconfundível. E as cicatrizes, os arranhões, os sopapos, ao fim da gandaia, é ela que abranda, massageia e cura. Ninguém sai daquele fusuê sem as infusões benéficas da aurora, o caldo do orvalho agridoce, que não só depura, mas também energiza.

Quanto às minhas próprias lucubrações, tenho-as na conta de amigas, daquelas que levam o cognome de íntimas, pois que juntas arredamos as cortinas e nos debruçamos no parapeito. É aí que começa a nossa diversão. Enquanto os personagens noturnos andam às voltas com suas tropelias, nós nos deliciamos com as artimanhas de todos eles: os bamboleios, os pipilos, os sons metálicos, os coaxares, as cirandas, as cópulas e seus delírios...

Uma farra telepática que a noite só faz mais vívida e excitante.

99.

Crônica Natalina

Não vou cair no marasmo do lugar-comum, da frase-feita, dos votos geminados e redundantes. Quero manifestar-lhes um desejo novo, polifásico, ultraformatado.

O nhenhém daquelas mensagens triviais, sem criatividade e singularidade, não fazem mais que encher as caixas do serviço postal ou congestionar as linhas telefônicas.

Nada tem a ver com o que me jorra da alma, nesse momento de catarse coletiva.

Por isso, não esperem, de minha parte, nada que lembre as fraldas do Menino Jesus, a piedade da Virgem Maria ou o zelo do pai José. Nem as ovelhinhas no pasto, os reis oferecendo dádivas, ou os anjos revoando sobre a gruta.

Prefiro individualizar. Gostaria de chamar vocês pelo nome, e dizer-lhes do meu apreço à participação de cada um, junto comigo, no sarau da vida. O que quero mesmo, neste momento de conagração universal, é transmitir-lhes a efusão de meu abraço e a força do meu sentimento sincero e amigo. De concreto, como são os presentes – uma joia, um livro, um perfume, ou algo high tec sugerido pela moda – nada me cativa nem me parece à altura do que os entes queridos significam para mim.

Vocês fazem parte da minha história, que nos aproximou e marcou indelevelmente. Por isso, moram no meu coração. E o coração dispensa mimos e lembranças. Ele já tem tudo o que deseja. Assim, nada do que lhe ofereçamos fará diferença, nessa amizade tão cheia de regalias. Vocês souberam sorrir, quando minha alegria desatava em gargalhadas, e chorar comigo, quando o coração se feria nos embates... Comungaram dos meus pensamentos e me incentivaram a multiplicá-los, na sementeira dos livros, cuja colheita farta e generosa estou hoje a repartir com todos, familiares e amigos.

Daí a importância da sua participação na ceia das minhas emoções, nesta hora de celebração e revigoração.

Ao deixarmos de lado os chavões, os tabus, as formalidades, estreitam-se os laços do sentimento, e uma corrente de bons preságios se estabelece, ultrapassando as fronteiras de dezembro e janeiro. Sempre é tempo de Natal para as ideias inovadoras e o compromisso com aqueles que nos cercam. E o Ano Novo perdura por trezentas e sessenta e cinco jornadas, que se renovam continuamente, desde o despertar até o adormecer, nos seus matizes e sabores, vínculos e conquistas.

Asseguro-lhes: há em mim um desejo intenso de felicidade a todos vocês. E um prazer incontido por esta convivência que marcou nossos caminhos. Estou certa de que nosso Natal será duradouro.

Posfácio

Ao ler a antologia *Matizes do Entardecer – Crônicas do cotidiano*, de Helena Rotta de Camargo, lembro os diversos gêneros praticados pelo saudoso escritor, médico e jornalista Moacyr Scliar, o qual, no ensaio *O Conto se Apresenta*, ensina que, ficcionalmente, nos perpetuamos através de duas modalidades: pela voz, quando alguém fala da gente a partir das histórias dos livros que leu; pela escrita, nos sinais chamados letras, onde os contos, as reminiscências, os poemas e as crônicas aparecem em jornais, revistas e livros.

Evidentemente que não são crônicas sobre deuses e criaturas fantásticas, mas reflexões sobre a vida e gente comum, e, por isso mesmo, na maioria das vezes, são mais atraentes, interessantes e significativas para o leitor. Nesse sentido, o mundo ficcional é vasto e multissignificativo, sendo que, onde há o senso de observação, emoção e gente que sabe usar as palavras para transmitir ideias e emocionar as pessoas, existem escritores para escrever sobre pessoas, lugares, acontecimentos, frustrações, experiências e observações, como o faz muito bem a presente autora, na antologia *Matizes do Entardecer – crônicas do cotidiano*.

O termo crônica provém do grego *chronikós* (relativo ao tempo); do latim, *chronica*. No começo da era cristã, crônica designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados cronologicamente. Nesse gênero, o texto registrava os eventos sem, no entanto, aprofundar-se nas causas, situando-se entre os Anais e a História.

Assim, com o passar dos tempos, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, em Portugal, na França, Inglaterra e

Espanha, quando se aproximou da História, mostrando alguns “traços” de ficção literária. A partir do Renascimento, ela cedeu vez à História. No entanto, aos poucos, libertando-se da conotação histórica, o vocábulo passou a revestir-se de sentido literário a partir do século XIX, para finalmente, a partir do século XX, encontrar seu significado jornalístico, tal como a conhecemos nesse início do Terceiro Milênio.

Há vários tipos de crônica: social, policial, econômica, religiosa, filosófica, esportiva e cultural. O que é certo é que ela tem curta duração, pois, parente das atas e dos anais, fica desatualizada, aproximando-se muito ao texto histórico. Seu eixo temático gira em torno de uma realidade social, política, cultural e das contingências da vida. Essa mesma realidade é avaliada pelo(a) autor(a) da crônica e uma opinião é gerada, quase sempre com um tom de protesto, argumentação e reflexão. Esse tipo de crônica pode ser argumentativa, dispensando o uso da narração. Assim, é possível que se percam elementos típicos do gênero literário, como personagens, tempo, espaço e significação.

Não se pode confundir a crônica com outro gênero, como o conto. Se a crônica conta um fato comum do dia a dia, relatando o cotidiano da vida real das pessoas, o conto narra é uma história de caráter marcadamente literário, tendo comumente personagens, marcas de tempo e espaço, bem como situação inicial, complicação, clímax e desfecho.

Para Machado de Assis, a finalidade dos contos “é definir... coisas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia”. Além de utilizar uma linguagem simples, direta, acessível e dinâmica, o conto é a narração de um fato inusitado, mas que pode ocorrer na vida das pessoas, embora não seja tão comum.

A crônica tem atraído leitores de todas as idades e níveis intelectuais, inclusive aqueles que não têm o costume de ler, ou que ainda estão começando a adquirir esse gosto. Não é um texto denso, que exija grande esforço intelectual para ser compreendido. Talvez seja por isso mesmo que é tão bem aceito em diversos tipos de meios de comunicação.

Lendo *Matizes do Entardecer – Crônicas do cotidiano*, de Helena Rotta de Camargo, é possível o estabelecimento de pontes com as crônicas produzidas por escritores que marcaram profun-

damente a literatura brasileira, como Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, dentre tantos outros. Mergulhar, portanto, nas crônicas de Helena, é como ouvir a voz de alguém que fala dos acontecimentos do seu tempo, com o propósito de decifrar as significações de sua escrita.

Eládio Weschenfelder,
professor de Literatura Brasileira da Universidade de Passo Fundo.
Verão de 2010



*Nessa trama
de fazer e refazer laços;

de enfiar os pés no lodo
e tingir os lábios de amora;

de aliciar o pensamento
e convertê-lo em prisioneiro da emoção,

vou esmerilhando a palavra,

a fim de fazer dela
minha parceira e intérprete.*

